FON FON

Confiança absoluta!

QUANDO os olhos se abrem para a vida, é nossa mãi que nos inspira a maior confiança. Dormimos ao calor de seu carinho e acordamos á luz de seu sorriso.

E nunca mais os seus olhos vigilantes se afastam de nós. Á menor de nossas angustias, lá está ella attenta, de braços abertos para nos attender.

Nunca e nunca nos falha o santo remedio de seu amor.

Isso na face moral da vida. Na face physica, tratando-se de dôres corporais, CAFIASPIRINA merece a nossa absoluta confiança. Porque? Porque a CAFIASPIRINA não falha nunca. Uma dôr, um malestar qualquer ella immediatamente alivía.

Se não tiver a Cruz Bayer, não compre!

Cafiaspirina

o remedio de confiança

Contra as dôres de cabeça, de dentes e de ouvidos; enxaquecas, colicas femininas, resfriados, reumatismo, etc., etc.

O CONTO BRASILEIRO

DESTINO HUMILDE

De Reynaldo Reis

QUANDO elle se chegou áquella garotada suja e maltrapilha, os maiores o escorraçaram.

— Que veiu você fazer aqui? Caia fóra! Não está vendo logo?! Olha o "gringo"...

Supportou calado os improperios e não se defendeu dos empurrões. A fome e a miseria já tinham ensinado resignação aos seus doze annos. Ficou sózinho num canto, comendo a custo o pedaço de carne do sol que "seu" Manoel da venda lhe havia dado.

E o trem passou. A colheita daquelles pobres pedintes fôra pequena. Sahiram resmungando:

— Já se viu trem de segunda feira só dar isso?!...

* * *

"Gringo"... Que diria aquella sombra humana que ficára no campo de concentração, si ouvisse isso? Muitas vezes, acariciando os cachos loiros, lhe dissera:

— Juquinha, meu filho, você tem o cabello que parece o sol quando vem por detraz da Serra Geral.

Ameaçou chuva. O chefe da estação passou por elle, olhando zangado. Encolheu-se mais ainda, meio occulto na sombra de umas caixas vazias. O relogio grande, illuminado, tinha uma cadencia torturante. Na igrejinha distante, o sino em uma voz quasi infantil, quasi ingenua, chamava os fieis para a novena.

— Venha cá, Francisquinho. Não vá para junto desse moleque! — disse uma preta gorda que passava, puxando um lequeno crioulo de cara malvada.

A noite desceu quasi bruscamente. Grossos pingos de chuva começaram a cahir. Procurou abrigar-se debaixo do beiral do telhado. Um cão magro e faminto chegou-se para perto delle, buscando instinctivamente o calôr.

Manhã. Dia lindo e cheio de sol. As nuvens, como longos pedaços de arminho, estavam serenas, immoveis.

Juquinha continuava no mesmo logar. Para que sahir? De toda a parte o enxotavam. "Oh! xentes", onde que se viu tanto menino vadio?" "Tem razão dona. O interventôr devia mandar todos elles pra Marinha".

Olhou em volta, procurando o cão. Tambem tinha ido embora. Com razão: já não estava chovendo.

Ainda havia uns restos para enganar o estomago. Onde estava a carne que deixára para o outro dia? Não estava na lata. Quem teria comido?

A tarde veiu, afinal, na lenta monotonia das horas que se passam angustiadas. Iria pedir tambem. Não se importava que lhe batessem e o chamassem de "gringo".

— Uma esmolinha, meu senhor, pelo amôr de Deus!

400 reis. Uma fortuna. Não tinha sido máo de todo, para a estréa. Estava, era certo, com aquella echymose da pedrada do "Piloto", pessimo rapazelho, vagabundo de profissão. Mas não fazia mal.

Comprou farinha e conseguiu em casa do capitão Mandú uns restos de comida. Lá na sala de jantar, que entrevira da cozinha, os dois garotos tambem loiros, mas rosados, brincavam com um trenzinho, desses de dar corda. Como eram felizes os filhos do capitão!... Elle, um dia, ainda havia de ter um trem daquelles.

Foi dormir satisfeito. Tinha encontrado um logar bom, cheio de capim, macio. Por baixo dos vagões parados que só sahiam aos domingos.

* * *

Mas o Destino não quiz poupar aquella creança infeliz que elle proprio alli havia jogado. Descarrilamento. Ordem para seguir um trem extraordinario. E, de manhãzinha, ao alvorecer, o "seu" Manoel da venda, que passava para ir buscar o leite, recuou horrorizado ante os destroços de carne e sangue que manchavam o tapete verde do chão...

ENTRE AMIGAS. — Pois, a Pepita não se cansa de dizer que me pinto demasiado.
— Ora, não faças caso! Si ella tivesse a tua pelle, tambem se pintaria...

JOVEN, insinuante, possuidor de uma estatura athletica, Ronald era o typo perfeito do homem traçado para vencer na vida. Espáduas largas, fronte erguida, elle dava mais a impressão de uma estatua grega humanizada pelo sôpro da vida. Não eram só esses os dotes daquelle homem fóra do commum: era rico, millionario e marquez por descendencia. Sua familia era de alta nobreza e estava agora em viagem pelo mundo.

Nada faltava áquelle rapaz, que vivia bizarramente na alta aristocracia londrina. Tudo o que aspirava obtinha facilmente: eram automoveis, casas de campo, apartamentos luxuosos, tudo emfim aquelle felizardo possuia. Era de um genio magnifico, caridoso e amigo de todos. Gozava de um alto prestigio na roda em que vivia.

Levava elle, assim, tranquillamente, sua fidalga vida, quando, um dia, surge em seu caminho o vulto esguio de uma mulher. Sempre a mulher a atrapalhar as vidas mais felizes!

E' neste ponto que começa toda a historia de sua vida, toda a triste historia que ouvi da bôcca de seu proprio pae, e que vou narrar.

* * *

Amou-a, dedicou-lhe intenso affecto e cercou-a de carinho e amôr. Toda sua vida era della. Não sabia mais o que lhe offerecer: sua farta e extravagante imaginação havia se exgottado na escolha de presentes.

Anna Lucia, correspondendo á grandeza daquelle amôr, tambem amou loucamente a Ronald. Era bella, estava ainda no frescôr de seus vinte annos e, com o coração pulsando fortemente, ella se dedicou áquelle seu primeiro e grande amôr.

Juras constantes e graves eram trocadas entre aquelles dois corações que se amavam perdida e loucamente.

Casaram-se.

Era magnifico vêr-se os dois juntos, passeando pela alameda sombria e quieta do palacio onde habitavam. Tudo alli era feliz e tranquillo e até os creados, dois velhos burguezes, pareciam compartilhar da felicidade de seus senhores.

Desse casamento ditoso, nasce uma flôr, uma linda creança cheia de vida, que veiu completar a felicidade do palacio.

Mas nem tudo neste mundo é eterno.

* * *

Voltando Ronald, um dia, de uma partida de bridge que fôra jogar em casa de um amigo, encontra Anna Lucia, sua esposa, de quem nunca suspeitára, nos braços de outro homem.

Oh! não era possivel! Era incrivel o que via!

O ciume, essa força estranha, esse monstro humano que corróe o nosso espirito e mata o raciocinio, revolucionou todo aquelle peito joven e amoroso. Dominou-o completamente. Uma dôr profunda lacerou seu coração.

Ronald, num frenesi, num mysticismo de loucura e odio, desvairadamente, saca de um punhal e crava-o no seio da mulher querida. Era a força do ciume que o impunha, não era elle.

Anna Lucia estertora, geme, segura Ronald pela gola do palletot, une-o á ferida sangrenta e beija-o ardentemente, dizendo, baixinho: "Querido, eu te perdôo: elle..." E não poude terminar, pois a morte a levou, tragando-a para o seu immenso redómoinho.

Ronald, desvairado, semi-louco, foge para a rua, tendo a filhinha ao collo, e grita, fortemente: "Prendam-me! Sou um assassino! Matei!"

* * *

Foi preso.

Passou longos mezes á espera do jury que iria decidir da sua sorte. Mezes que mais pareciam annos e seculos.

Num constante delirar, numa tortura immensa a esmagar-lhe o

Por Walter Aquino

[illegible], a alma soffrendo, o coração [illegible]. E o remorso a roendo sinistramente. Oh! E elle que a amava tanto.... E.. assassino, era réu. As horas custavam passar, mas ouvia amargurado o badalar constante do relogio da penitenciaria. Quanta amargura contra um só peito!

* * *

E' chegado o dia do julgamento.

Ronald caminha a passos tropegos e indecisos para o salão onde vae ser julgado. Aqui e ali, grupos de pessôas commentam o rumoroso caso do dia: o julgamento do millionario Ronald Smith.

O salão está repleto. Physionomias curiosas esperam avidamente a entrada do marquez criminoso.

Ronald chega, olhos baixos, cabeça pendente como que carregando aos hombros o peso enorme do remorso. Senta-se no banco destinado aos réos, tendo sua filhinha ao lado. A pequenina olha attentamente a multidão que procura ver o rosto de seu pae.

Inicia-se o ruidoso julgamento.

O promotor faz uma accusação tremenda e fortissima contra a personalidade de Ronald. Imputa-lhe vicios os quaes elle nunca teve, tornando publico sua requintada maldade e perversão. Oh! Quanta infamia! Dizer que Ronald era máu e viciado! Quanta deshumanidade! Como é falha a justiça do homem!

Continuam os debates entre a promotoria e defesa.

Varios foram os advogados que se promptificaram a defender Ronald, sem que elle o pedisse. Todos queriam defendêl-o.

Novamente volta o promotor, que continúa accusando; descreve minuciosamente todas as partes do processo e termina pedindo ao corpo de jurados a condemnação do réu á pena maxima, ou sejam trinta annos de prisão em desterro.

Vem a defesa, que procura, por longo tempo e de todas as maneiras, innocentar o accusado. Mas tudo em vão. A accusação era impiedosa e fortissima; tinha deixado raizes profundas nos corações dos jurados. Não era possivel demover a impressão de odio deixado pelo promotor no espirito dos componentes do conselho de sentença.

Seria, certamente fatal o fim daquillo tudo.

Ronald prevê o resultado da sentença.

Torna-se tremulo, suando frio, com uma frigidez cadaverica a lhe invadir toda a columna vertebral. Uma chamma vermelha parece infiltrar-lhe nos olhos. O cerebro faz as imaginações mais tremendas e vagas, não conseguindo coordenar uma idéa. Tudo lhe passa e foge; todos parecem accusál-o. Uma voz intima, que só a sua imaginação escuta, diz: "Assassino".

Chama sua filhinha, diz-lhe baixinho no ouvido umas palavras que por ninguem foram ouvidas. Pouco depois, justamente no momento em que o salão do jury está vazio, pois os jurados e juiz se haviam retirado para darem a sentença, a creancinha entrega, ás escondidas, um embrulho pequeno a Ronald.

* * *

Voltam os jurados, juiz e assistencia.

Uma ansiedade enorme invade todos os corações; todos querem ouvir a sentença.

O juiz, satisfeito, prevendo a alegria de Ronald, lê a sentença em que era absolvido unanimemente.

As attenções voltam-se para o réu, que está immovel.

Uma mancha vermelha marcava a camisa alva de Ronald e sua mão estava rijamente segura ao cabo de um punhal que se havia mergulhado naquelle peito forte.

Suicidára-se antes de conhecer a sentença que o absolvêra.

A creancinha brincava...

UM GRITO NA NOITE...

PAIRAVA em tudo um silencio de morte... Uma aragem fria, cortante e a neblina densa que tombava davam á noite, naquellas horas caladas, uma monotonia tétrica, profunda... Não se via viva alma... De repente, em uma esquina de discreta rua, um estampido... um grito... e nada mais...

. . . .

"Meu amor: Nada é certo na vida e tudo é relativo. Só a morte é infallivel, porque tudo o mais depende de um *talvez*... Uns, ás vezes, vencem perdendo; outros perdem vencendo... Uns se elevam por haverem cahido; outros caem por se terem elevado... Tudo no homem se justifica, até mesmo as coisas que não queremos ou não devemos justificar... *Nada do que nos acontece é aos outros estranho*... Tudo é relativo, repito-te, ó meu amor! E' a vida. E a vida é movimento, acção... Permanecer indifferente, nunca foi viver... Certamente, ao leres esta, virá até a mim o teu pensamento, porque muito me quizeste. E' verdade: talvez não venha, porque não só quizeste a mim. E' teu destino ser voluvel, si é que não te aguarda funestamente a tua propria volubilidade... Já vae longe, tão longe, o nosso amor, que não poderás ajuizar o que eu seja agora... Serei uma pessôa bôa ou má, crente ou descrente? Serei feliz? — has de te perguntar si te lembrares de mim. E eu, confesso-te, não te podendo dizer o que sou ou serei, apenas te repito que tudo tem sua razão de ser... Crendo em alguma coisa ou descrendo de tudo, o homem sempre crê, porque vive com a sua convicção... Eu, por exemplo, não te posso affirmar seres verdadeiramente uma pessôa má, sem coração... Si tu sabes amar tanto, tanto, a ponto de te esqueceres, de te haveres olvidado de todo o meu affecto e de toda a minha dedicação!... Por um outro amor, sacrificaste o meu, como sacrificarias a tua propria vida. Para mim, perdi vencendo... Vencendo, porque tudo se renova e reproduz, e aquillo que se deve moralmente se paga, bem pago, de qualquer maneira... Se mi tivesse suicidado, teria vencido tambem, porque morrer por um ideal não é morrer... Talvez penses ao contrario.

O ferido (ao voltar a si). — Que me aconteceu? Onde estou?

O medico. — Foi atropelado por um automovel, e está em casa de sua sogra. Teve muita sorte!

O ferido. — Por que? Ella não está em casa?

Pedro Paulo Faria Rocha

Mas, como vês, continuei a viver de meu ideal, que é a belleza de meu proprio sentimento... Será a ti mysterio, e para todos, esta missiva, não identificada. Não encerra ella de mim, porém, tentativa de qualquer mysterio... Faço-o mais por ti. Lê: si me apparecesses agora, verte-ia com triste indifferença. Mas... ficou saudade immensa e vivido tenho ás vezes da lembrança de nosso amor, do amor que te dei... Amo, como vês, a propria sombra... Neste momento, retrato-te o meu sentimento actual. Eis por que immediatamente esta te será remettida, embora de maneira indirecta... Não é a ti propriamente enviada esta divagação; é ao passado... ao qual eu digo Adeus".

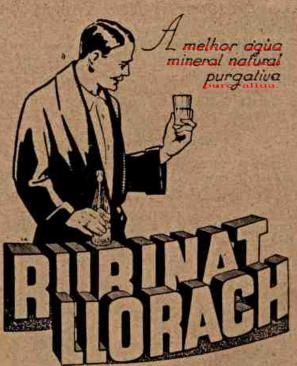
Esta carta mysteriosa, escripta em caracteres que se percebia disfarçados, sob um titulo humoristico e como assumpto jornalistico, foi publicada em vespertino para cuja redacção fôra enviada registrada. Foi publicada pela tarde, quando os jornaes noticiavam a tragedia...

Crime? Suicidio? Amor? Desespero? — davam os jornaes titulo ao acontecido, para mais aguçar a curiosidade publica, tão curiosa em casos intimos e passionaes. Forjaram-se hypotheses, as mais diversas, sobre o corpo inanimado e frio encontrado e que, diziam, devia ser de um rapaz de trato. Nada importante acharam em seus bolsos. Apenas, ensanguentado, já inutilizado e mais ainda pela capsula deflagrada, um recibo de registro postal, não identificavel... Depois no dia seguinte, annunciaram os jornaes te-em descoberto a familia do moço da morte envolvida em mysterio, que continuou não desvendado pelos seus proprios parentes. Assim, de conjectura em conjectura, a tragedia perdurou no cartaz alguns dias mais... até ser esquecida. E, como os mysterios sempre têm um ponto de ligação, mais facil foi a muitos, como solução cabivel talvez, darem ao caso a qualificação de suicidio, e ao rapaz encontrado morto a autoria da mysteriosa missiva... Si alguma pessôa se julgou dona da carta, ignorou-se sempre. Muitas outras pessôas, entretanto, a missiva deveria ter trazido recordação e até... duvida talvez...

O artista presumpçoso (com ironia) — Que especie de animal é esse?
O artista pobre. — Um tubarão.
— E, já viste, alguma vez, um tubarão?
— Eu, não... E tu, já viste algum anjo?

JOANNA SE RECUSA A ENVELHECER

Todas as manhãs ella se levanta com uma cara sorridente e com uma cutis sempre mais formosa. Emquanto ella dorme desapparece de seu rosto até o mais insignificante defeito que sua tez pudesse ter ao deitar-se, e V., tambem pode ostentar uma cutis juvenil si fizer o que ella faz. Basta effectuar á noite e antes de se deitar uma ligeira massagem com um pouco de suave e pura Cera Mercolized. Esta cera absorve durante a noite toda a cuticula exterior morta, a qual é logo eliminada conjunctamente com todos os defeitos ao lavar-se pela manhã. E' muito simples e completamente inocua. Experimente e verá. A Cera Pura Mercolized pode ser adquirida em todas as casas que vendem artigos de toucador.

Si deseja eliminar o pello superfluo de uma forma instantanea, é preciso que faça uso do "Porlac" puro pulverisado. Usando-o methodicamente, dá resultados radicaes e definitivos.

O ESTRANHO

De

O ambiente mais heterogeneo da Paris de 1933 já não é Montmartre!

O pittoresco internacionalismo da velha Lutecia transplantou-se para o bairro que se espalha em redor da collina de Santa Genoveva, onde o Pantheon domina com sua austera physionomia todo o Quartier Latin até os verdes cimos das arvores centenarias do Jardim do Luxemburgo. O borborinho dos moradores que lá vivem no ambiente onde fervem milhares de intelligencias novas a sorver religiosamente as luzes do Collegio de França e das Academias reunidas em volta da Sacra Collina e como uma palheta de mil côres a cantar seus canticos de gloria entre as mãos do supremo pintor.

Exilados, estudantes, artistas e reprobos do mundo inteiro vibram de esperança, soffrem e estudam naquelle estranho recanto da margem esquerda do Sena.

Na rua de Sommerard, ruella estreita e tortuosa que sobe em direcção do Observatorio Metereologico, contornando o vetusto museu de Cluny, ha um modesto restaurante onde se reunem diariamente os estudantes vindos de todos os paizes do globo na consoladora certeza de poder satisfazer, com alguns francos a saudade das comidas caracteristicas de seus paizes — Caviar á russa, 9.00 frs. Macarrão á napolitana, frs. 1.95. Ninhos de andorinhas ensopados, 4.50. Feijão preto com carne secca, 5.25 frs.

A filha do proprietario, sentada á caixa alta, no fundo, perto da cozinha, preside á sala, illuminando-a com a luz dos olhos verdes e os reflexos vivos dos cabellos louros sabiamente ondulados... Mais de um estudante pobre da Tchecoslovaquia, do Montenegro, ou de qualquer outro pequeno reinado balkanico, onde as revoluções são endemicas, deve ao bom coração de Nietta a ventura de não ter ainda morrido de fome.

Quando chegava para elles o momento de pagar o almoço, com um gesto de entendimento ou um bondoso olhar, Nietta sabia dizer ao desgraçado que por mais aquella vez se podia ter considerado como hospede, convidado da casa.

Era mister, todavia, que o *Maitre d'hotel*, pessôa de absoluta confiança do proprietario, não visse as excessivas generosidades da moça que elle almejava poder um dia chamar de esposa.

Entre os numerosos clientes daquelle centro de forçado cosmopolitismo, destacava-se, pela estatura e a distincção das maneiras, um guapo rapaz de olhar sombrio, que numa tarde de chuva entrou no restaurante sem um vintem no bolso e o ar tão desesperado, que a loura mocinha da caixa logo se interessou por elle, dispensando-lhe a piedade e a compaixão que sempre tinha em reserva para os desprezados da sorte...

O cliente pobre de um dia tornou-se um assiduo frequentador de todos os momentos, salvo nas horas das aulas nas Academias, e a joven Nietta, de coração terno, não permaneceu por muito tempo indifferente á distincção e á nobreza do desconhecido. O que mais a seduzira fôra aquelle ar de dolorosa nostalgia que se desprendia do olhar tristonho do estrangeiro.

Iwanow (fôra o nome que elle déra na caixa, para o caso de o irem procurar) estava sempre só. Isolava-se a um canto da sala sem falar com ninguem e uma ruga funda cortava-lhe a testa verticalmente como si, apesar da mocidade, já tivesse experimentado os rudes golpes de um destino implacavel.

A graça suave de Nietta foi tendo, todavia, grande influencia sobre elle. Todas as vezes que entrava na sala, procurava logo com o olhar impaciente a doce figurinha de Nietta, sempre sentada á caixa, de onde presidia a todos os movimentos da sala, e um sorriso affectuoso o recompensava da instinctiva homenagem. Pouco a pouco, vencia a esquiva timidez e por vezes trocava com ella idéas de ordem geral.

— Mlle. Nietta — disse, uma noite, com a voz ligeiramente alterada, não calcula o bem que me faz! Soffri tanto! Mas, graças á sua bondade, retomo confiança na vida. Tenho a impressão de já não estar isolado e perdido no mundo. E' a deliciosa sensação de quem se sente protegido e merecedor de um pouco de affeição. Não é verdade?...

Nietta, commovida, respondera com maior calor, ao aperto de mão do rapaz.

Este, com muita reserva, contou-lhe que fôra exilado do seu paiz, da sua linda Slukowina, tão agreste e soberba entre os penedos e os valles dos montes Karpathes. Na ultima revolução foram massacrados todos os seus parentes. Elle proprio escapára por milagre e agora vivia miseravelmente em Paris graças a algumas joias de familia que vendia parceladamente á medida de suas necessidades. Aproveitando o meio intellectual de Paris, frequentava todas as aulas gratuitas das academias, desejando aperfeiçoar-se nas letras e nas sciencias.

— Coitado! — dizia Nietta, mais tarde, ao pae. E' rapaz fino; vê-se logo que deve ser filho de muito bôa familia.

A intimidade foi augmentando progressivamente entre os dois. O rosto melancolico de Iwanow illuminava-se como por encanto, quando olhava a sua loura amiguinha, e uma noite em que permanecêra até mais tarde ao lado della, na grande sala deserta do restaurante, seus labios uniram-se naturalmente sellando o amor singelo que os uniria para sempre.

Iwanow parecia esquecer o passado atroz que enlutára sua joven existencia e deixava correr horas perdidas a architectar, com Nietta, mil projectos deliciosos para o futuro. Era mister, todavia, buscar uma formidavel dose de optimismo entre as garras de um destino implacavel que o perseguia sem cessar. Os magros recursos do estudante esgotaram-se completamente. Não tinha mais vintem! Sua natural altivez não lhe consentia confiál-o a Nietta, embora a considerasse como noiva, e o

CLIENTE

Itavaz

desespero estava prestes a arrastal-o até os mais loucos desmandos. Mas o amor nem sempre é cego; tem antes dupla vista quando se trata de amparar o ser amado, e Nietta adivinhou a depressão em que se debatia o rapaz e tentou offerecer-lhe um auxilio material... como se fôra uma irmã. Iwanow estremeceu, humilhadissimo, e não acceitou, mas dias depois entrava officialmente naquelle mesmo restaurant barato do Quartier Latin para fazer o serviço de copeiro, ganhando ordenado. Preferia ser varredor da rua, desempenhando dignamente o seu cargo, do que acceitar a esmola que faria sangrar a sua altivez magoada.

"Não ha officios tolos", pensou: "só ha gente tola". E mergulhou com coragem na sua nova vida.

Passaram-se os dias e os mezes. A continua presença e o sorriso de Nietta o recompensavam do intimo sacrificio de amor proprio a que se via constrangido. A mais dura peleja era supportar, sem facção possivel, as impertinencias e os maltratos do *Maitre d'hotel*, [illegible] e enraivecido contra o estrangeiro que lhe roubava a namorada. Esse homem tinha um amigo empregado na Embaixada de Slukowina, a quem confiava as suas magoas. Era o companheiro preferido dos dias de folga. Voltou elle uma tarde do costumado passeio com certo ar de mysterio que lhe alterava a expressão physionomica e na manhã seguinte não perseguiu o infeliz Iwanow com as asperas observações de sempre. Olhava antes o estrangeiro com ar de surpresa; os olhos escancarados, como si o visse pela primeira vez. Na noite daquelle mesmo dia, quatro senhores correctamente vestidos apresentavam-se no modesto restaurante á hora em que já se iam fechar as portas, perguntando pelo criado Iwanow. Mal este avistou os solennes individuos, fez um gesto de repulsa procurando esconder-se. Mas era tarde! Os quatro senhores precipitaram-se com attitude de grande deferencia em direcção do rapaz, que não os poude mais evitar.

Já era alta noite. Nietta cahia de somno. Todavia, não se resignava a subir para o seu quarto, intrigadissima com o modo com que o noivo falava aos mysteriosos personagens que o rodeavam. Tentou escutar o que diziam, mas falavam uma lingua estranha, que não podia comprehender, e sua inquietação crescia. Finalmente, observou que Iwanow, após haver longamente hesitado, se levantou, fazendo um gesto de acquiescencia. Foi a ella; beijou-a com o carinho commovido de sempre e partiu com os quatro individuos.

No outro dia, reinava uma grande angustia no pequeno estabelecimento aos pés da collina de Sta. Genoveva. O dono da casa e Nietta já não se continham. Iwanow, o criado, não chegára para tomar conta do serviço á sua hora habitual. Elle que sempre era tão pontual!

— Aconteceu-lhe uma desgraça, certamente! — gemia a moça. — Quem seriam aquelles homens que o levaram daqui alta noite?

— Grande massada! — roznava o patrão: — Não era o *phenix* dos copeiros, mas era honesto e trabalhador. Onde se teria elle escondido?

Somente o *maitre d'hotel* permanecia calmo, como alguem que muito sabe e nada quer dizer: os labios sellados por um segredo diplomatico.

— Em nome de Deus, si você sabe alguma coisa, fale! — implorava Nietta.

— Ah... si pudesse, o faria com muito gosto. Mas jurei ficar calado.

Somente ás 9 horas da noite a noivinha, banhada em lagrimas, recebia um bilhete escripto nervosamente, ás pressas.

"Não me julgues com severidade, Nietta! Deus é testemunha de que eu queria ser teu esposo; mas circumstancias muito graves e superiores á minha vontade me obrigam a deixar Paris e voltar para o meu paiz. Não me pertenço mais. Procura esquecer-me. Eu nunca esquecei o teu encanto e a tua bondade!

Iwanow."

(Continúa na pag. seguinte)

U A D R O R U S T I C O

O cabôclo prosegue, em plena matta,
a faina ingrata, e, sobretudo, ingrata...
Frondes antigas, árvores copódas,
vão sendo, a pouco e pouco, desbrocadas...

Ninhos discrétos, sombras aceitósas,
ramarias e flôres perfumósas,
sobre o sólo esmagados vão ficando
e vão apontando
o alcance destructivo do machado...

Numa algaravia enórme a passarada,
frenetica, assustada,
esvoaça pelo espaço,
todo encobérto...

Mais um tronco abatido
estronda. Abála o chão pisado e revolvido...

Immensamente afflicta,
talvez, desesperada, uma cigarra grita,
por sobre um velho galho, impavido, frondóso...

Sól de agosto... Indeciso... Desdenhóso...
Estúpido mormáço
envólve, alaga o sitio inérme, despojado,
nól-o mostrando todo, aos poucos, assolado...

M. ALVARES DE ABREU

O ESTRANHO CLIENTE

* * *

(CONCLUSÃO)

Dois annos se passaram. Nietta, resignada, consentira em casar com o *Maître d'hotel* para satisfazer ao pae; velho e alquebrado, que não se podia mais occupar do negocio. A vida para ella corria monotona, cheia das obrigações dos trabalhadores modestos.

Um domingo, luminoso, de junho, o casal sahira a passeio. —

Paris, banhada em sol, festejava com farta exhibição de bandeiras e de soldados a visita do joven rei da Slukovina, que 18 mezes antes havia emfim reconquistado o seu throno.

O cortejo passava com suas pompas entre duas filas de guardas municipaes a cavallo para conter o povo.

De repente, um grito doloroso de mulher se elevou acima do clamor popular. Era Nietta cahindo desmaiada nos braços do marido, que mal teve tempo de ampararl-a, impedindo-a que rolasse sob as rodas do carro.

— Vou aprender esgrima.
— Com que professor?
— Com Damocles. Disseram-me que elle tem uma espada famosa.

— Meu Deus! Meu Deus! — soluçava a pobrezinha, quando recuperou os sentidos. E' elle! E' elle, Iwanow! E' o rei!

— Pudera! — retrucou o marido, com orgulho. — Foi graças a mim que os monarchistas da Slukowina o descobriram!

Quando o meu camarada da Embaixada me mostrou o retrato do principe que os seus partidarios procuravam anciosamente, eu vi logo que se tratava de Iwanow!

Tarde, da noite, ao chegar ao domicilio conjugal, Nietta encontrou um pequeno embrulho que um senhor muito alinhado havia depositado na portaria.

Abriu, intrigada, e encontrou um magnifico broche de ouro e grossos brilhantes envoltos num bilhete com estas palavras:

"Lembrança de um pobre rei e do tempo em que era exilado e feliz".

O papel valêra sempre muito mais no coração da moça, do que a joia real.

UM HOMEM ENFEZADO

O sr. Coombes estava desgostosissimo da vida. Sahiu de casa, da sua casa pouco agradavel e, farto não só da propria existencia, como de todo o genero humano, tomou o caminho do Gazometro, para evitar a cidade, atravessou o passadiço de madeira que transpunha o canal e levava a Sterling e, poucos minutos mais tarde, achou-se sozinho num humido bosque de pinheiros, livre dos olhares indiscretos e dos ruidos importunos.

— Isto não podia durar mais... não podia! — exclamava elle sem cessar, acompanhando a phrase de uma onda de insolitas blasphemias.

O sr. Coombes era um homemzinho de rosto pallido e olhos negros, e tinha um longo bigode tambem negro. Usava um collarinho alto e duro e um tanto esfiapado, que lhe dava um aspecto de homem papudo; e o seu sobretudo, conquanto poído tambem, tinha golla e punhos de velludo. As luvas eram havana, com frisos pretos nas costuras, e estavam furadas nas pontas dos dedos. Tinha elle — pelo meno o affirmára a esposa, na época tão distante e tão saudosa, em que ainda eram noivos — tinha elle um bello porte militar. Actualmente, coisa abominavel da parte de uma mulher para com seu marido!, ella só o tratava de corcunda e de outras coisas ainda peores...

Desta vez, como das outras, a discussão estalára por causa daquella peste da Jennie.

Jennie era a amiga da sua mulher e, cada dia que Deus dá, fazia-se convidada para o almoço, sem que o senhor Coombes lhe fizesse a menor solicitação para isso e semeava toda tarde a discordia naquelle lar.

Era uma moça gorda e barulhenta e com um pronunciado gosto pelas côres berrantes. Naquelle domingo, mostrára-se ainda mais irritante que de costume e fizéra-se acompanhar de um rapaz de uma vulgaridade tão flagrante quanto a sua.

Engonçado no seu collarinho duro de gomma e apertado na sua redingote dominguera, assistira o sr. Coombes, muda e furiosamente, á conversação inepta e ruidosa, entrecortada de gargalhadas nescias, em que a mulher e os convidados se empenharam durante toda a refeição.

* * *

Até então elle tudo aturára com paciencia. Pois não é que, depois do almoço, servido aliás com atrazo, como de habito, teve Mlle. Jennie a idéa de sentar-se ao piano e tocar trechos de café-concerto, como si fosse um dia de semana? Como tolerar tal coisa, tendo embora a maior indulgencia deste mundo? Os vizinhos do lado ouviram, ouviram os vizinhos fronteiros e todos saberiam, em breve, que elles profanavam indignamente o santo dia. Isso não, isso não poderia elle supportar!

O pobre homem empallideceu e a sua respiração tornou-se difficil quando elle tomou a palavra para censurar aquella falta de decôro. Estava sentado a uma cadeira, junto á janella, pois o intruso tomára conta da poltrona. Encarou a dama inconveniente:

— Um do-min-go! — disse, de cima do seu collarinho, escandindo as palavras, como quando se faz uma advertencia. Um domingo!

Isso foi dito num tom geralmente qualificativo de "rabujento".

Jennie continuou a tocar, como si nada tivesse ouvido, mas Mme. Coombes, que estava a procurar uma musica na collecção, em cima do piano, fitou-o com um olhar admirado:

— Lá vem você! — exclamou. — Não se tem mais o direito de brincar?

— Por certo, mas decentemente! — declarou o pobre Coombes. — O que eu não admitto é que toquem, em minha casa, aos domingos musicas que se devem reservar para a semana!

— Por que se incommoda tanto com o que eu tóco? — perguntou Jennie, interrompendo a musica e gyrando no banco do piano, com um horrivel fru-fru de saias.

Coombes sentiu que a coisa ia acabar mal e, como acontece com as pessôas timidas e nervosas, redarguiu, com excessiva energia:

— Não vá partir o banco do piano! — berrou. — Isso não foi feito para cargas de cem kilos!

— Deixe em paz os meus cem kilos! — replicou Jennie, vexada. — Diga primeiro: que é que o senhor resmungava, ainda ha pouco, a respeito da minha musica?

— Ora, sr. Coombes, interveiu o visitante, que mal ha em fazer um pouco de musica ao domingo?

E, dizendo, refastelava-se na poltrona, soprava enormes baforadas do charuto e fitava o sr. Coombes com um sorriso de desdém.

E logo mme. Coombes, voltando-se para a amiga:

— Continúa, Jennie; não te importes com elle!

— Ha mal, sim — affirmou o senhor Coombes, em resposta ao visitante.

— Qual é? — interrompeu este, parecendo tão interessado na discussão como na cinza do charuto.

Era, diga-se de passagem, um rapaz esgalgado, trajando com ostentação um terno de casemira cinzenta e trazendo na gravata, de um barroco resplandecente, um alfinete de prata com uma perola. "Seria de mais gosto — pensava comsigo o sr. Coombes — si se apresentasse com uma redingote preta.

— E' o seguinte, respondeu o sr. Coombes: que isso não me agrada. Sou commerciante e devo pensar no conceito da minha clientela. Podemos nos divertir, mas de modo discreto...

— Ora, a sua clientela! — exclamou mme. Coombes, com desprezo. — E' o seu cavallo de batalha: "Devo fazer isto... devo fazer aquillo..."

— Si não queres ter consideração pela minha clientela, porque te casaste commigo?

— Ah! é o que a mim mesma me pergunto! — murmurou Jennie.

E voltou-se para o piano.

— Nunca vi um homem assim! — declarou mme. Coombes. — Mudaste de todo, depois que nos casámos. Antigamente...

Nesse momento, Jennie puzéra-se de novo a esmurrar o teclado.

O sr. Coombes levantou-se, exasperado:

— Já lhe disse que não permitto, ouviu?

— Alto lá! Nada de grosserias! — interveiu, erguendo-se, o moço visitante.

Conto de H. G. Wells

— Metta-se com a sua vida! E quer que lhe diga? Eu nem sei quem é o senhor!

A essa altura, puzeram-se todos a falar ao mesmo tempo. O rapaz declarou que o *futuro* de Jennie e que a protegeria de todos e contra todos. Ao que o sr. Coombes retrucou que elle poderia protegel-a onde bem entendesse, menos na sua casa, delle, Coombes. Quando á esposa deste, disse ao marido que devia elle envergonhar-se de haver insultado daquella fórma os seus convidados e, na fórma do costume, chamou-o, de novo, "corcunda". Finalmente, o sr. Coombes mostrou aos visitantes o olho da rua; e como estes lhe houvessem declarado que dalli não sahiriam, o pobre homem annunciou que, então se iria elle.

Sahiu, pois, para o vestibulo, o rosto em fogo, os olhos vermelhos de lagrimas, tanto era grande a sua emoção e, emquanto vestia o sobretudo, tão desageitadamente que as mangas subiram até os cotovellos e emquanto escovava a cartola, Jennie puzéra-se de novo ao piano e recomeçára a tocar com mais força, para saudar acintosamente a sua partida.

E para não deixar sem resposta a pirraça, elle bateu com tanta força a porta, que a casa toda tremeu.

Taes eram, em resumo, os motivos por que elle se achava no estado de espirito em que o encontrámos no começo desta narrativa.

Emquanto seguia o caminho lamacento que passa entre os pinheiros — era o fim de outubro e havia alli muitos cogumelos — pôz-se elle a recapitular melancolicamente a historia do seu casamento. Historia, aliás, curta. Elle comprehendia claramente hoje que sua mulher o acceitára por marido — primeiro, por um sentimento de natural curiosidade e, segundo, para sahir da existencia fastidiosa, rude e incerta, que tinha no atelier; e, como a maior parte das mulheres de sua classe, era tola demais para comprehender que tinha o dever de ajudar o marido no seu commercio. Gostava dos prazeres, das tagarelices e das visitas numerosas e ficára desapontada por vêr que tinha de soffrer ainda alguns inconvenientes da pobreza. Quando elle lhe confiava as suas inquietudes, a mulher exasperava-se logo e, desde que o marido tentava dirigil-a um pouco na sua linha de conducta, ella o accusava de não passar de um "rabugento". Por que não se mostrava elle attencioso, como outr'ora? E, depois, que sujeitinho insignificante, esse tal Coombes, que não possuia mais, em materia de educação, do que aprendêra na "Arte de vencer na vida", e cujo unico ideal, dividido entre a abnegação e a rivalidade, era chegar apenas a uma situação "sufficiente"! Foi então que, como um Mephistopheles de saias, se mettêra Jennie entre elles, falando, a mais não poder, nos "typos" que conhecia e querendo levar todo dia a sua mulher ao theatro, para fazêl-a "conhecer a vida". E, como si isso não bastasse, as tias e primas e primos de sua mulher tinham vindo roer o seu capital, insultal-o pessoalmente, contrariar as suas combinações commerciaes, indispôl-o com metade dos seus freguezes — em uma palavra — fazer da sua vida um inferno.

* * *

Não era a primeira vez que o senhor Coombes abandonava assim o lar, presa de colera e tambem de um outro sentimento muito parecido com o medo, e jurando mesmo, ás vezes em voz alta, que não mais supportaria ser tratado de tal modo, e despendendo em pura perda as suas energias.

Nunca, entretanto, como nesse domingo, elle ficára tão desgostoso da existencia. Para isso talvez tivessem contribuido o seu tanto o "menu" do almoço dominical e o aspecto triste do céo. Talvez mesmo o sr. Coombes começasse a comprehender que fizéra uma pessima operação commercial no dia em que se casou. E eis precisamente que o destino, como fiz observar precedentemente, juncára o seu caminho, no bosque, de nauseabundos cogumelos, brotados aos montões e dispersos de um e de outro lado do caminho.

O pequeno commerciante vê-se numa situação lamentavel, ao constatar que sua mulher é um socio desleal. Todo o seu capital é representado por mercadorias, de modo que, si elle a abandona, se condemna a ir augmentar o numero dos "sem trabalho", em qualquer logar distante. O divorcio é para elle um luxo inteiramente fóra do seu alcance.

Assim, nada de extraordinario que se puzesse o sr. Coombes a pensar no momento em pôr termo, de modo heroico, ás suas angustias. Pelos seus olhos passaram visões de navalhas, revolvers e facas, e de cartas commovedoras em que denunciaria nomeadamente ás autoridades os seus inimigos e pediria para si proprio o perdão de todos.

Depois essas reflexões tornaram-se menos tragicas e mais melancolicas. Elle reparou em que o sobretudo que vestia era o mesmo que envergára no dia do seu casamento: e assim tambem a redingote, a primeira e unica que vestira em toda a vida. Evocou o tempo feliz em que se namoravam, os passeios por esse mesmo caminho, os annos em que economizara vintem por vintem para juntar o modesto capital e o bello raio de esperança que illuminára a formação do seu lar. E dizer-se que tudo acaba assim!

Voltou ás idéas negras. Pensou no canal que acabava de transpôr e concluiu que, mesmo ao centro, ainda dava pé... Não servia...

Foi precisamente quando a idéa de mergulho lhe atravessou o espirito, que os seus olhos se puzeram, por acaso, sobre um cogumelo vermelho. O senhor Coombes contemplou-o um momento e abaixou-se para apanhal-o, na supposição de que fosse um porta-nickels ou outro qualquer objecto de couro. Viu, então, que se tratava da umbella purpurea de um cogumelo um desses cogumelos violaceos, lustrosos, visguentos, que desprendem um cheiro acre e parecem ainda mais venenosos que os outros. Apanhou-o e pôz-se a examinal-o.

(Continúa no proximo numero)

POETAS BRASILEIROS

OLEGARIO MARIANO é um poeta de fina sensibilidade. Ha um mundo de musicalidades nos seus poemas. Os seus versos perfeitos e sonoros andam por ahi a fóra recitados pelas nossas mulheres bonitas. E Olegario o merece. Merece-o por que é um poeta.

Além de poeta, é, tambem, philosopho. Tem muito de estoico neste poema:

Ama a dôr, essa dôr que purifica,
Que faz brotar um mundo de esperança
Na saudade que é lagrima que fica

A suavizar-te a palpebra dorida
Para que vejas sempre a vida mansa
Mesmo que seja desgraçada a Vida.

* * *

FINO e elegante, Ribeiro Couto é um poeta cujo estylo encanta e seduz. Elle conhece o segredo de prender o leitor na trama rendada dos seus poemas.

Os seus versos caem na alma da gente, num barulho suave de petalas de flôres sobre as alamedas de um jardim florido.

Ha poetas cansativos. Ribeiro Couto, não.

Lêr um poema de sua lavra é ficar logo com vontade de lêr outro. Seduz. Prende. Arrebata. E' uma vertigem deliciosa acompanhar os vôos altos da sua imaginação.

Numa collecção de versos de autoria de Ribeiro Couto, bastante difficil é escolher o melhor. Todos elles são bons. São optimos. Todos elles brilham com fulgor de joia rara.

Aqui vae um poema do sr. Ribeiro Couto, que, como todos os seus trabalhos literarios, está repleto de belleza, de elegancia e arte:

PERFUME DA NOITE AZUL

O perfume da noite azul que vem chegando
Penetra em nós, espalha em nós este langor...
Anda o silencio pelas cousas... O ar é brando...
E o perfume da noite azul que vem chegando
Cada vez é mais vago e mais perturbador...

Nossa janella dá para a beira do rio.
As aguas levam as folhas mortas devagar...
E o perfume da noite, pelo ar macio,
Como que vem das aguas languidas do rio
Olha lá o luar! Vem talvez do luar.

E ficamos a vêr, debruçados na janella,
A paizagem que escureceu. Este langor...
O' perfume da noite azul, da noite bella!
Enervante... delicioso... perturbador...
Escuta, minha pequenina noite bella,
Perdôa esta infantilidade... "Meu amôr..."

Paulo Valery affirmou que a poesia é uma arte não apenas de conceitos e de imagens, mas de rythmos e de timbres.

O sr. Ribeiro Couto, como se vê no poema acima, sabe, como poucos, fazer com que os seus poemas vibrem em rythmos luminosos.

* * *

BASTOS PORTELA, o querido Yves do FON-FON, é um poeta de fina sensibilidade.

Todo mundo no Brasil faz versos; raros são, porém, aquelles que, como o autor do "Suave Enlevo", sabem dizer as cousas com arte e espirito.

Collaborando semanalmente na primorosa revista FON-FON, Bastos Portela é, sem nenhum favor, uma das figuras de maior fulgor na vida literaria do Brasil.

Os seus poemas ahi estão nos albuns das mulheres lindas e intelligentes da nossa terra.

Eis aqui um lindo soneto do autor do "Suave Enlevo":

JOIA FALSA

Amôr... Mas, ora o amôr! O amôr, na vida,
Não é, de certo, esta perfidia... Não!
— Primeiro, uma palavra enternecida;
Depois, um beijo: após, uma traição...

...Não te digas, porém, arrependida,
Nem me promettas mais o teu perdão!
Pois si foste, por vezes, illudida,
Tambem me envenenaste o coração...

Não houve affecto entre nós dois... Havia
Um doce enlêvo, uma illusão de amôr,
E um pouco de maldade e de ironia...

Enganei-me. Inda bem que o reconheço...
E's uma simples joia sem valor,
E eu te comprei pelo mais alto prêço!

Não é preciso mais nada. O soneto acima diz bastante da subtileza, da graça e do fino espirito de Bastos Portela.

PAULO FREITAS

saibam todos...

EVERY (Capital) — E' muito interessante a consulta que v. ex. me faz. Esclarece que tem dois namorados. Um é alumno da Escola Naval e outro, da Escola Militar. Deseja saber qual é o melhor partido dos dois.

Si v. ex. me perguntasse qual seria o melhor partido para um dos dois, eu lhe diria francamente: — a escolha de uma joven que só amasse a um delles. V. ex. não fará a felicidade de um homem... indo pelo caminho por que vae. Como, porém, estou certo de que os bravos e jovens militares tambem só desejam passar o tempo... de estudantes, escravos de uma vida de disciplina e sem nenhum attractivo feminino, acho que o melhor é v. ex. contemporizar, até que um delles venha a descobrir o seu *bluff*.

Essas coisas devem ser vistas, observadas, constatadas. Creio que as denuncias, as intrigas as cartas anonymas e os telephonemas não devem ser levados a sério. Porque todos nós sabemos de que são capazes as pessôas invejosas e preoccupadas com destruir a felicidade alheia.

Tambem, si amanhã, alguem lhe vier contar que o alumno da Escola de Guerra ou o da Naval tem o seu *flirt*, v. ex. não deverá acreditar em nada — senão depois que constatar a verdade da denuncia. Nada de precipitação! De resto, como já disse, a felicidade alheia causa inveja. E não faltará quem deseje destruil-a.

Ora, si a felicidade dos tres nesse caso consiste na illusão, isto é, no engano em que cada um vive a respeito do outro, o mais acertado é prolongal-a, mesmo porque, em questões de amor, o principal é cada um de nós se illudir o quanto possa. Sendo o amor uma simples mentira, ou melhor, um formosos euphemismo, com que se procura encobrir a verdade dos nossos desejos e interesses pessoaes, tudo leva a crêr que o mais habil, no caso, é preferir a illusão á realidade das coisas que constituem a essencia do proprio amor. E talvez por isso é que esse formidavel e negado Vargas Vila aconselha no portico de sua *Ibis*: "Teme al Amor como a la Muerte". Por que? Por que, de facto, o amor, olhado na sua realidade flagrante, sem os atavios da fantasia e da illusão, é rude, tremendo, horrivel como a Morte.

Pode ser que tudo isso esteja baralhado. Mas a verdade que se estrahe de tudo isso, até agora, é que dois pobres moços estão sendo embrulhados pela habilidade de uma mulher... E depois ellas se queixam...

Entretanto, deixe lembrar o seguinte: — quem nos assegurará que os dois cadêtes não estão combinados para lhe pregar uma peça?

Não se esqueça de que, em se tratando de *peça*, elles devem ser bons *artilheiros*...

NINI R. (S. Paulo) — V. ex. possue uma bôa credencial: é ser paulista. Gosto das filhas de São Paulo. Infelizmente, a sua timidez desmente essa qualidade preciosa: ter nascido na terra dos bandeirantes.

Adoro as mulheres — mulheres. As mulheres que têm medo, que são frágeis, e choram; que necessitam de amparar-se ao nosso braço e são incapazes de um luta de box, de uma proeza sportiva; que acreditam em todos os santos da Côrte Celeste; que são apenas educadas com esmero, e nunca as "sabichonas", de Molière... Quero a mulher que nasceu para ser um *bibelot* intelligente, digno do nosso culto, da nossa affeição, e nunca uma virago, uma feminista feroz, amiga de façanhas politicas, etc e tal. Mas, dahi a preferir uma creatura timida, medrosa, como v. ex., que tem medo de gente (não haverá nisso uma simulação estudada?) a distancia é kilometrica.

Não, D. Nini, v. ex. não pode contar commigo, porque não admiro audacias exaggeradas as mulher, repito ainda, mas quero a mulher resoluta, decidida, capaz de acção, como em geral são as paulistas.

Desculpe a minha franqueza.

Disse acima que a sua timidez devia ser uma simulação estudada, baseado no destemor com que v. ex. faz aquella revelação no final do seu soneto *Mal pensado*. Não me parece que seja assim tão medrosa, uma senhorita que não trepida em confessar, em versos incendidos, aquella rocambolesca aventura.

Muito bem.

Passando agora á parte literaria de sua missiva, devo dizer que estou um pouco atrapalhado. V. ex. adopta um pseudonymo epiceno, que tanto serve para esconder uma calça... de casemira como uma saia: *Nini*.

Afinal, a que sexo pertence V. ex? Ao meu ou ao *outro*?

Faço essa pergunta porque, no soneto *Ressurreição*, o autor fala como si pertencesse ao sexo masculino. Pelo menos, o heroe que nelle pontifica, é um varão, contra toda espectativa...

Vejamos o tal soneto que, por signal, é máu:

RESURREIÇÃO!...

Amei-te, e o meu amor, era febre, loucura...
Deixei a terra amada, e o lar, prá te seguir,
E vim como exilado, embusca da doçura,
Do teu profundo olhar, do teu meigo sorrir...

Quando te vi passar, tão calma e tão segura
De ser amada e bella, e de inspirar desejo...
Tornei-me sonhador, vim a tua procura,
Para beber o mel, do favo de teu beijo...

E' para eu te encontrar, minha mãe, ja velhinha,
Ficou a soluçar cançada, e tão sosinha,
Na terra que deixei, só prá te vêr, querida...

E quando a ti cheguei, immerso no cansaço
Feliz eu reparei em teu morno regaço,
Contente por te amar, amei tambem a vida!

Nini R.

O resto é deploravel, como concepção, fórma, technica, realização, emfim. Com muito boa vontade, salva-se o poema *A paizagem da minha cidade*... Mesmo assim, está mal amanhado, pueril, por vezes, pobre de imaginação, outras, banal, quasi sempre...

Quer a prova? Eil-a:

A medo a brisa passa num bafejo,
Olho a paizagem da minha cidade,
Que poesia ella tem!

Como tudo isso é banal!

Em summa, não disse que o sr. (ou a sra.?) seja a negação da poesia. Não! O sr. (ou a sra.?) possue alguma coisa de poeta.

Mas é necessario lêr, lêr muito, e estudar.

WALDO (3) — A sua carta é uma prova de que ainda ha muita gente de espirito, capaz de aprehender a intencionalidade de um escriptor, que se propõe a defender uma these ouzada e ingrata, sem temer as barreiras que se lhe oppõem.

Apraz-me, por esse motivo, publicar a sua missiva.

Eil-a:

"Taquaritinga, 3 de Outubro de 1933. — Prezadissimo confrade e excelente amigo. — Meu melhor saudar.

Acabo de lêr o seu livro—"Uma "Garçonne" Carioca".

Para mim você foi além do objectivo vizado (si é que só se propôz deixar uma lição ás jovens inexperientes, victimas da miseria dos homens, esperando que ellas, por si, percebessem a sua intenção) pois nos leva a pensar, e a pensar muito, tambem, nas nossas proprias fraquezas.

O equilibrio, a estabilidade do genero humano depende mais do reajustamento das nossas finalidades dentro do principio de sabedoria que rege os nossos destinos, do que dos principios e ficções por que nos batemos em vão.

Andou bem o snr. America Valerio quando considerou a sua obra uma obra freudina.

Estou de pleno accordo com aquele illustre cientista. Você realizou, com vantagem, uma obra cientifica. Confesso que o desfecho do enredo muito me commoveu, e, embora isto em nada contribúa para os louros a que faz júz, não me posso furtar ao prazer muito humano, religioso quasi de bater palmas incondicionaes por tão relevante serviço prestado á nossa cultura, serviço esse que lhe crea um lugar de destaque no seio da literatura brasileira. Meus cumprimentos, pois, e, creia-me, amigo e admirador, incondicional. — *Euwaldo Rodrigues Pinheiro.*

S. Paulo

Wald. Pinheiro.

P. S. Um obsequio: Onde poderei encontrar "O "Suave enlevo" e "Azul e Rosa", ahi no Rio, para eu enviar a importancia necessaria do custo e para cobrir as despezas do porte? Em quanto poderá ficar?

Poderia prestar-me esse obsequio?

Agradecido. — *Waldo.*"

A informação que lhe posso dar é a seguinte: *O Suave enlevo* custa 4$000, na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166. *Azul e Rosa*, o meu novo poema, deverá apparecer em novembro proximo. Está sendo editado por *Mariza editora*, de M. Sobrinho. Ainda não lhe sei o preço.

GATINHA ANGORA—(Capital) — A sua missiva continúa a ser confidencial. Não tem o menor interesse para esta sessão.

Quanto ao poema intitulado — *Para você*... não sei a que o destina.

Permitta, no emtanto, um reparo que, de certo, seria o mesmo a ser feito pelo seu feliz inspirador, seja elle um general ou um guarda nocturno, um poeta ou um vendedor a prestação, um principe ou um jockey: é que, neste seculo, não ha mais quem acredite em coração, ou venha a adorar uma dama, somente porque ella lhe promette aquelle orgão, considerado a séde da vida.

As mulheres modernas não devem falar em coração. Ninguem acreditaria nellas.

O principal não é que ellas falem em coisas lyricas; o importante é que ellas não falem, não digam nada, ou digam apenas — sim — toda vez que lhes façamos uma pergunta. A's vezes, nem é preciso falar: basta olhar, porque, quando a mulher ama, realmente, — o amor se lhe estampa nos olhos, na face, nos gestos, nos actos, nas maneiras... Toda ella se illumina e todo o seu corpo é uma só vibração. E, não raro, é mistér saber que, si ellas dizem— não — esse *não* quer dizer — *sim*; e si dizem — sim — esse *sim* vale por um terrivel *não*.

Nos labios femininos, esses adverbios ganham nuances verdadeiramente indefiniveis. *Não? Sim?* Convem investigar a origem dessas duas palavras. Cada uma dellas diz um mundo de coisas vagas e imprecisas, variaveis e caprichosas como as ventoinhas.

Não esqueçamos o velho conceito de Alfred de Musset, quando affirma: "La femme qui veut réellement refuser se contente de dire: Non. Celle qui s'explique veut être convaincue."

Mas, penso como aquelle escriptor hespanhol, que dizia: — "O melhor é agir sem falar. Emquanto ella não se desprender dos nossos braços, é signal de que está de accôrdo comnosco".

STENIO DE SA' (Pernambuco) — Agradeço-lhe as gentilezas que tem tido para commigo. Não tive o prazer de conhecer senão o Noeli Corrêa. Bello rapaz. A nossa aproximação se fez por acaso — na redacção de *A Patria*, uma noite em que eu fazia a revisão de um artigo meu, nesse jornal.

O Noeli desappareceu.

Quanto ao Luis Ramos não cheguei a ter a honra de conhecel-o. Entretanto, recebi as revistas que me enviou, inclusive *Porto do Recife* que é uma realização magnifica, no genero.

Ultimamente tenho recebido vistas, postaes e revistas de toda parte do Brasil. E' um consolo para quem escreve e não conta com a possibilidade de percorrer todo o paiz, ou de estar, pelo menos, ao corrente da evolução dos seus Estados, no terreno material, social, politico e cultural.

Possúo hoje uma excellente collecção de postaes e vistas panoramicas do Rio Grande do Sul, do Paraná, de S. Paulo, Espirito Santo, Pernambuco e João Pessôa. E tudo isso, graças á gentileza dos leitores de "Saibam todos"... Principalmente das leitoras.

Yves

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviarnos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4136
FON-FON — 21 - 10 - 933

Data da consulta.................
Nome da consulente...............
....

Existem quatro variedades de cachorros que não ladram, e que são: o cão do pastor egypcio, o cão australiano, o cachorro leão, do Thibet, e o cão esquimão.

O sal commum, de cozinha, é venenoso para as aves domesticas. Assim, deve-se evitar que as gallinhas aproveitem as sobras da mesa, quando estas forem de alimentos muitos salgados.

Os judeus possúem, actualmente, alguns privilegios de industria ou negocios nos Estados Unidos, entre esses o de cinematographo e o dos generos.

Ha mais de 25 seculos que o oiro e a prata são empregados como moeda para compras, da mesma fórma que tambem se usava o trigo, o arroz, o sal, as tamaras, os dentes de tubarão e outras coisas.

Muita gente acha que a mulher instruida reune mais qualidades para negociar do que o homem.

Uma das cidades mais bellas do mundo é Jeipore, na India. Ali, as casas mais ordinarias são de granito, cobertas com estuque brilhante, e as dos ricos são de marmore branco. E' encantadora a impressão que se tem olhando essa cidade de longe.

Fundou-se em Londres uma escola de vendedoras. Ensina-se-lhes a executar, com habilidade e com graça, os actos e gestos de seus officios.

As vendedoras precisam falar com clareza, e com voz dôce e attrahente.

A missão das geisha japoneza é a de agradar: sabe cantar, tocar diversos instrumentos, contar anecdotas com graça, dar respostas promptas e vivas, fazer carinhos e jogar muitos jogos. Emfim, é uma companhia encantadora.

UM CAPRICHO...

De Luis de Gongóra

* * *

— DECIDIDAMENTE, não nos entendemos ou, por outra, não me queres entender...

E, deante do silencio indifferente da moça, o rapaz encolheu os hombros, desdenhoso, afastando-se daquella creatura que tanto o fizéra amar a vida e que, sem uma explicação ou pretexto que justificasse o seu acto, o empurrava fóra da sua existencia de mulher leviana, joven e bonita.

Elle era um rapaz de 28 annos, robusto e musculoso, um verdadeiro typo de athleta, de cadeiras estreitas e thorax largo e desenvolvido. Chamava-se Marcelo, Marcelo Borwn e, apesar da sua ascendencia saxona, notavam-se nella todos esses defeitos ou virtudes que apontam e caracterizam a raça latina, como se apenas pelo facto de ter nascido nestas plagas tivesse repellido as taras que por direito deviam transmittir-lhe os seus loiros antepassados... Até, por um caso de verdadeira contradição, tinha cabellos e olhos negros e brilhantes como o mais moreno dos meridionaes.

Marcelo conhecêra Virginia numa recepção de embaixada onde a doidivanas creaturinha se deixava homenagear por quantos secretarios jovens e bonitos encontrava e aos quaes conseguia fazer perder em poucos minutos a fragil reserva diplomatica de que elles se julgavam revestidos... E, para não fugir á regra, deante da pouca ou nenhuma attenção que o rapaz prestára á gentil "coquette", ella decidiu conquistál-o, afim de punir conforme merecia aquelle brutamontes tão insensivel aos seus encantos...

O duello começou naquella mesma hora, apresentandose Virginia com ares tão ingenuos e timidos, que, por vezes, Marcelo pensou estar deante duma innocente creança...

No fim da festa já eram amigos e, com astucia felina, ella conseguiu que o homem forte se julgasse na obrigação de amparál-a e protegêl-a... De resto, é tão natural e humano que os fortes protejam os fracos, como é normal e justo que os fracos dominem e dirijam os fortes... E' talvez um paradoxo, mas, que é afinal a vida sinão uma série interminavel de paradoxos?

Bem, continuando a nossa historia, eu lhes direi que principiaram os telephonemas diarios, os encontros furtivos ,e como por acaso, passeios, cinemas, novas festas e... o resto.

Virginia, embora tivesse 23 annos, já enviuvára uma vez e, de um segundo casamento, talvez devido á saúde inquebrantavel do esposo ou á pouca liberdade que este lhe concedia, no fim de alguns mezes obtivéra um desquite mais ou menos amigavel...

Era loira, graciosa, esbelta, irrequieta e, sobretudo, capitosa. Nunca permanecia mais de dois minutos num mesmo logar e o seu espirito vivo e um tanto cynico era o encanto dos salões e clubs mundanos. Todavia, aquelle homem que parecia não enxergar os seus encantos e mesmo evitál-os, aquelle sujeito chegava a enervál-a e, para ella, que tantas glorias conquistára em suas batalhas sociaes, Marcelo surgia aterrador e indecifravel como a celebre esphinge de Thebas e, quem sabe?, talvez disposto a devorál-a... Hum!... O negocio complicava-se, porque agora não era mais um simples capricho de mulher e sim questão de honra e amôr proprio.

E' preciso não ignorarmos que, em questões de amôr proprio, Virginia era intransigente: assim, quando ella empenhava a palavra a si mesma, sempre cumpria a promessa com absoluta integridade. Portanto, a "rendição" do rapaz passou a ser um assumpto de "vida ou morte" e, como elle era, afinal, uma grande alma de creança num grande envolucro de carne fragil, acabou fazendo uma capitulação honrosa e... a vida continuou...

Dois mezes passaram-se, estando Marcelo de tal fórma empolgado pelo seu amôr, que não se afastava nem um momento da vencedora, que, por sua vez, se deixava adorar em fastidioso silencio, mal disfarçando os bocejos que o ardente amante lhe provocava.

Certo dia, á vista dum gesto impaciente da amada, elle resolveu pedir-lhe explicações e ella, com ar displicente, dignou-se responder:

— Marcelo: na vida duma mulher moderna e de espirito, um homem é apenas um... accidente. Você conseguiu interessar-me uma hora e, como castigo pelo meu interesse, aturei-o 2 mezes! 60 dias! Você exaggera, meu velho, 60 dias de relativa fidelidade é quasi uma vida! Isso me lembra a historia daquelle camponez que prendeu a morte numa arvore, onde a deixou bem amarrada durante alguns seculos. Como é natural, ninguem morria no mundo — nem mesmo aquelles que procuravam o suicidio —, o que tornou a vida dantesca, porque, não se engana, a existencia sómente é supportavel devido ao final que sabemos nos espera: a morte, quer dizer o descanso, a paz, o socego... Bem, isto não vem ao caso: pois, como ia dizendo, a vida era o maior castigo que foi imposto á humanidade e o universo tornára-se um verdadeiro inferno, quando um bello dia a morte conseguiu escapar e, embora estivesse enquilosada daquelle repouso prolongado e forçado, começou a correr tão agil e velozmente, que alguem lhe perguntou, surprezo, o porquê daquella pressa e a terrivel para, respondeu, toda lampeira: "Não é pressa, não; é, apenas, um pouco de actividade para pôr a "escripta" em dia..." E, tambem eu, meu caro, preciso, como a morte, pôr a minha "escripta" em dia... — terminou Virginia, num gesto de fastio...

(Do livro "Contos Venenosos").

M O Z A I C O S

O JARDIM DA MORTE. — O jardim mais original do mundo é, com certeza, o que se encontra nos aposentos da torre do Museu Americano de Historia Natural de Nova York. Mas nesse jardim não se encontram flôres, e sim, filas de tubos de experiencias em estantes de madeira, minuciosamente classificados. Cada tubo contém uma especie de gelatina. A superficie dessa gelatina parece coberta, em alguns dos tubos, por uma pasta esbranquiçada, emquanto que em outros se assemelha a uma massa enrugada de papel escuro humedecido. Cada um desses tubos é uma cultura de microbios, e ali se encontram milhões delles. A collecção é um jardim de germens vivos em quantidade sufficiente para destruir todos os seres da terra. Essas pequenissimas plantas animaes requerem cuidados solicitos. A maior parte está em um caldo composto de carne, peptona e extracto de uma alga japoneza chamada "agar". Outras necessitam de alimentos especiaes tão variados e compostos como os que se preparam na cozinha de um hospital. Uns precisam de ovos, outros de sangue, leite, sáes de especies diversas, etc. Ha uns que requerem ar, e outros cujos tubos são vazios de oxygenio por processos chimicos. No jardim da morte encontram-se todos os microbios de todas as molestias conhecidas como microbianas: typho, tuberculose, meningite, lepra, grippe, pneumonia, etc.

E' por processo identico que se cultivam os bacillos bulgaros que se empregam na confecção da manteiga e das coalhadas.

E das flores do jardim da morte originam-se as flôres que enfeitam as sepulturas.

O REINO ANIMAL. — Está averiguado que ha mais de 500 mil especies animaes. No reino vegetal ha apenas 150.000.

Os insectos fornecem mais de 280.000 especies assim divididas: 120 000 de coleopteros, 50.000 de lepidopteros, 38.000 de hymenopteros, etc.

Aves ha 13.000 especies; peixe, 12.000; reptis, 3.500 e nesse numero contam-se 640 especies de cobras, das quaes 300 são venenosas.

Ha mais de 1.300 especies de amphibios, 2.000 de arachnideos, 50.000 de molluscos 8.000 de vermes, 3.000 de echinodermes, etc.

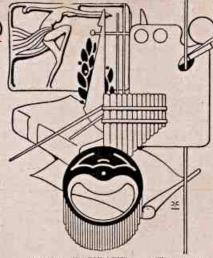
O Museu de Historia Natural de Berlim, possuia, ha annos, 200.000 especies de animaes representados por cerca de um milhão e oitocentos mil exemplares.

Notas de ARTE

ISA BEVILAQUA. — Em a noite de 5.a-f., 5 de outubro, no I. N. M., surprehendeu-nos a senhorita Isa Bevilaqua com um recital de piano, ella que, segundo se sabe, era cultora do violino. Surprehendeu-nos tocando com apreciavel technica e força communicativa este pequeno mas bem cuidado programma, além do extra — **La Fille aux cheveux de lin**, de Debussy: «Bach-Busoni» — **Prelúdio** e **Toccata em ré menor**; «**Chopin**» — **Barcarolla**, **Nocturno** e **2 Estudos**; «**Oswald**» — **Estudo**; «**Debussy**» — **Clair de lune** e **Soirée dans Grenade**; «**Scriabine**» — **Estudo**.

Não sabemos qual o juizo dos technicos deante das interpretações da nova pianista, mas, de accôrdo com as nossas impressões, distinguimos especialmente a Toccata, de Bach-Busoni, e o **Estudo** de Scriabine.

A impressão que tivemos ao ouvir as duas peças, é de que a senhorita Isa Bevilaqua possúe em gráo já bastante desenvolvido bellas qualidades de pianista, inclusive uma das mais raras — a individualidade. E' natural que com o continuo exercicio do instrumento venha a figurar entre as mais applaudidas das nossas cultoras do grande instrumento. Entre outros factores que concorrem para o advento desse futuro, está o da hereditariedade. A joven pianista pertence a uma familia de musicos.

O auditorio applaudiu com espontaneidade e calor, pedindo e obtendo extras.

NYCIA ROUBAUD. — Entre as jovens pianistas brasileiras de mais valor technico e esthetico, figura sem favor a senhorita Nycia Roubaud. Sentimol-o e proclamamol-o desde que a ouvimos no concerto de estréa em 7 de agosto do anno passado. Resentimol-o e proclamamol-o de novo, ainda com mais razão e mais ardor, depois que lhe assistimos ao recital de 7 de outubro, no I. N. M., e que foi o 40.° concerto da As. B. M., no qual executou, além do extra — **Arabesca n.° 7**; de Tcherepnin, este difficil, variado e invulgar programma, de que toda a 1.a parte e a maioria dos números da 2.a, eram constituidos de 1as. audições: I) «**P. Dukas**» — **Sonata em mi bemol** (a. Modérément vite — b. Calme — c. Vivement — d. Tres lent. Animé); II) «**Chopin**» — **Ballada em la bemol maior** e **Estudo n.° 7**; «**Philipp**» — **Prestissimo**; «**Percy Grainger**» — **Alegria do pastor**, **Canção irlandeza do Condado de Derry** e **Mock Morris**; «**Liapunow**» — **Lesghinka** (dança do Caucaso).

Bastava ter executado a grande Sonata de Dukas, para se ter mostrado pianista de escol, revelando em bloco todas as qualidades que a exornam. Foi deslumbrante de bravura, perfeita, perfeitissima nos minimos detalhes, e de prodigiosa memoria. Durante mais de 40 minutos de execução continua, não houve — pelo menos não percebemos — o mais leve esquecimento. Embora numa 1.a audição não tenhamos apanhado todo o sentido da composição, a tenhamos achado até um tanto fatigante, a verdade é que a interprete soube emocionar, muito especialmente nos grandes trechos de bravura do 3.° e 4.° tempos, e mesmo nos movimentos mais cantantes do 4.°

O mesmo esplendor de bravura tauxiou as interpretações das peças de Liapunow e Philipp e a **Alegria do pastor**, de Percy Grainger.

A **Ballada** de Chopin, ouvida logo depois da Sonata de Dukas, foi uma transição brusca mas deliciosa. Depois da tempestade a bonança. Embora o poema do incomparavel musico polaco seja uma peça tragica; musicalize o drama de amôr e de morte da lenda lithuana do Lago

Switez, idealizada nos versos de Mieckiewicz, toda-via Chopin trata-o com tal genio, com o seu genio unico, que só se percebe o sublime, não se sente o brutal da tragédia. A senhorita Nycia Roubaud, si bem que não nos pareça tenha ainda conseguido ser interprete de Chopin como já o é de outros mestres, accentuou bastante todas as bellezas da Ballada. Foi tambem fiel executante do Estudo lento do poeta do Piano.

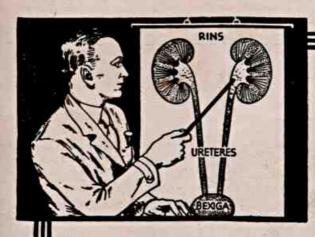
Em resumo, com esta ou aquella restricção, devida talvez mais ao gosto do ouvinte que á arte da interprete, a verdade é que o ultimo recital de Nycia Roubaud foi mais uma grande affirmação do seu valor de pianista, já notavel hoje e talvez celebre amanhã.

Não esqueçamos se trata de antiga alumna do prof. Barroso Netto e por isso a sua é também gloria do mestre.

Não esqueçamos ainda que o numeroso auditorio ovacionou com grande e justo enthusiasmo a talentosa musa do teclado.

MUSICA ARGENTINA. O 1.° da série official de 1933, realizou o I. N. M. martedia, 3.ª-f., 10 de outubro, um concerto de musica de camera de autores argentinos, onde foi observado este programma, excepto os 3 ultimos numeros, que foram por outros substituidos, entre os quaes Abuelila do compositor e critico musical argentino José André: «Constantino Gaito» — 2.° Quartetto para cuerdas, pelos violinistas Romeu Ghipsman (1.°) e Francisco Corujo (2.°), pelo altista Affonso Henrique Garcia e violoncellista Iberê Gomes Grosso; — «Ricardo Rodriguez» — Prelúdios ns. 4 e 5; «Henrique Casella» — El Inca passa; «Hector Ruiz Diaz» — Vidala, Aire pampeano e Cantares (impression de España) — pelo pianista-compositor Hector Ruiz Diaz; e pela cantora, senhora Julieta Telles de Menezes, acompanhada ao piano pela senhorita Yedda Telles de Menezes, as canções: Jujeña de «Carlos Lopez Buchardo»; Caminito, de «Julian Aguirre»; Vidalita, de «Alberto Williams»; El Ombre, de «Luiz Gianneo»; Triste, de «Juan B. Massa»; Caballito criollo, de «Floro M. Ugarte»; Y ese lunar que tienes e Olga cocherito (duas canciones del folklore salteño), de «Athos Palma».

A' simples audição, vê-se logo a origem espanhola da musica argentina, muito embora mesclada a motivos americanos. Typo do primeiro factor, os Cantares, de Hector Diaz, e do segundo, El Inca passa, de Henrique Casella.

(Cont. na pag. seguinte)

A joven pianista patricia Esteilinha Epstein, que acaba de regressar da Europa, onde esteve durante cinco annos aperfeiçoando os seus estudos, vae reapparecer ao publico desta capital no proximo dia 26 de outubro, realizando um concerto no theatro Municipal. Premio de viagem do governo do Estado de São Paulo, Esteilinha Epstein conquistou, no Velho Mundo, notadamente na Allemanha, um êxito só alcançado pelas legitimas artistas.

Numa 1.ª audição, e julgando apenas pelo grão de emoção produzida em nossa sensibilidade, gostámos mais especialmente do 3.º tempo do Quartetto de Gaito, do **Preludio 5.º** de Ricardo Rodriguez, de **Vidala**, de Hector Diaz e das canções — **Caminito**, de Julian Aguirre e **Vidalita**, de Alberto Williams.

Foram e mereciam ser applaudidos todos os interpretes. Hector Diaz revelou-se bello pianista, tocando com bravura e expressão, sobretudo, os **Cantares**, e destes o ultimo, esplendidamente executado.

A senhora Julieta Telles de Menezes, a nossa brilhante e applaudida cantora, viveu com acentuada força expressiva o sentido de cada canção.

O salão do I. N. M., quasi inteiramente cheio, ovacionou com enthusiasmo, componistas e executantes.

ORCHESTRA SYMPHONICA. — No T. M., na tarde de sabbado, 7 de outubro, realizou a S. C. S. o seu 199.º concerto sob a regencia do prof. Newton de Padua, sendo solista o violoncellista, prof. Ibêrê Gomes Grosso e executando este programma: **«Mozart» — Symphonia em sol maior; «F. Braga» — Insomnia (poema symphonico); «A. Gluckmann» — Abertura; «Newton Padua» — Canção e dança** (para orchestra e violoncello); **«H. Villa Lobos» — Preludio da op. «Izath».**

Para nós a nota original do concerto foi a regencia incommum de Newton de Padua, que, sendo já um dos maiores, senão o maior dos nossos violoncellistas, se mostrou excellente director de orchestra. Não se limitou a marcar os compassos com mais ou menos emphase, mas encorporou-se á orchestra, fez da batuta instrumento sonoro, e viveu inteiramente cada peça que regia.

O valor das partituras através das

NOTAS DE ARTE

(*Conclusão*)

audições, e de conformidade com a nossa sensibilidade, foi sensivelmente igual, de accôrdo com o genero de cada uma e excluida a natural primazia da **Symphonia** de Mozart. Desta impressionou-nos mais e melhor o **Minuetto** e o **Final.**

A musica brasileira, a musica de autores brasileiros esteve esplendidamente representada. Fr. Braga nos emocionou com o conhecido e admirado poema symphonico, **Insomnia,** que a gente ouve pensando que se inspirou nas palavras de Ecrragnolle Doria, mencionada no programma, quando, ao contrario, foi a musica que inspirou a poesia; Villa Lobos com o bellissimo **Preludio,** que nem parece obra do maestro brasileiro, quasi sempre tão esquisito, tão singular nas suas producções. Newton de Padua revelou mais uma terceira aptidão do seu talento musical, dando-nos uma linda pagina de inspiração nacional sem ser eivada nem de africanismo nem de indianismo. O solista Ibêrê Gomes Grosso tocou-o com especial carinho. Finalmente A. Gluckmann encantou-nos com um bello numero da sua **Suite.**

O auditorio prodigalizou innumeros applausos aos executantes e aos compositores presentes, especialmente a Fr. Braga, que de uma das frisas assistia ao concerto.

Cinco dias após o 199.º, na tarde de jovedia, 12 de outubro, ouvimos o 200.º concerto da Symphoni-a, commemorativo do 20.º anniversario da sua fundação, e precedido de brilhante improviso do prof. Leoncio Corrêa, applaudido orador, escriptor e poeta, saudando a Sociedade de Concertos Symphonicos e o seu presidente, m.º Fr. Braga. Regeu a orchestra, o prof. Henrique Spedini; foram solistas, a grande musa da harpa, a sra. Léa Bach e o notavel flautista, Pedro Golçalves. Executou-se este programma: **«Carlos Gomes» — Abertura**, da op. **«Fosca»; «Fr. Braga» — Variações sobre um thema brasileiro; «Wagner» — Introducção, Dança dos Apprendizes e Final,** do 3.º acto da op. «Os Mestres Cantores de Xuremberg»; **«Mozart» — Concerto para harpa, flauta e orchestra** (1.ª aud.); **«Liszt»: — Mazzepa** (poema symphonico).

Pelo genio do autor e pelo talento e saber dos interpretes, coube o primeiro lugar ao **Concerto** de Mozart. Mas o que impressionou mais intensamente a nossa sensibilidade foi toda a musica de **Wagner**, não só pelo proprio como pelo primor com que nos pareceu ter sido executada. Impressão differente mas empolgante tivemos mais uma vez com o **Mazzepa** de Liszt. Não nos agradou muito a **Abertura** ou ante o 1.º Preludio da «Fosca», mas applaudimos bastante as **Variações**, de F. Braga, pela sua musicabilidade genuinamente brasileira sem ser só lyrica ou selvagem. Pareceu-nos ter dado o prof. Spedini especial relevo á regencia dessas **Variações.**

Os assistentes, em numero relativamente grande, dado o aguaceiro que cahia sobre a cidade, saudaram com palmas e flôres a Orchestra Symphonica, particularmente ao m.º Fr. Braga e aos notaveis solistas sra. Léa Bach e Pedro Gonçalves.

Pelos serviços já prestados durante 21 annos e pelos que ha de prestar ainda á arte musical, merece bem todas os applausos a S. C. S.

OSCAR D'ALVA

A ECONOMIA DO FORD V-8

A Companhia Ford sempre teve por lemma produzir transporte economico. E ainda agora, ao offerecer o mais bello, mais espaçoso e mais possante de seus modelos, ainda se póde falar, como de uma verdade incontestavel, na economia dos seus productos.

Claro está que, de certo ponto de vista, a economia é uma coisa relativa. Não ha duas pessoas que dirijam um carro da mesma maneira ou o obriguem ao mesmo trabalho. Nem todos se contentam com exigir do carro uma velocidade moderada, forçando-o a altas e dispendiosas velocidades. Ainda assim, de um modo geral, póde-se dizer que o novo V-8 é ainda mais economico que os modelos anteriores. Ha quem tenha conseguido com elle 9 a 10 kilometros por litro de gazolina. Contribuem para a sua extrema economia os novos cabeçotes de aluminio, muito mais leves e efficientes que os de ferro fundido.

Mas ha mais. Basta mudar o oleo uma vez cada 1.500 kilometros para um trabalho normal. A lubrificação do chassis póde igualmente ser renovada apenas uma vez para a mesma kilometragem. Alem disso, são em menor numero os pontos do chassis que exigem lubrificação e, mesmo no caso de uma negligencia nesse terreno, já se torna menor o numero de partes affectadas.

As peças são de facil e economica substituição. Mas a economia maior do novo Ford V-8 está no material de que é feito e na honesta construcção e preparo de cada uma das suas peças. Material e mão de obra são de primeira qualidade nestes novos modelos, confirmando, aliás, uma tradição firmada em trinta annos de ininterrupto labor.

VIDA NOVA...

BAIRRO elegante. Rua recem-asphaltada, recem-povoada de lindos bungalows e pequeninas casas com dois pavimentos, bem architectadas em estylo cubista, colonial, mais em diversos estylos: uns, abundantes em devaneios ideologicos; outros, sob a apparencia de restauração da antiguidade clássica. Minusculos jardins. Tudo novo. Ambiente perfumado. Recanto primoroso. Uma delicia. Um encanto.

Era elle casado. Era ella casada. Ambos viviam relativamente satisfeitos com os respectivos conjuges.

Consoante devera acontecer á idéa inspiradora de Arvers, há muito, quando a mimosa vizinha passava distrahida, o olhar delle seguia-lhe os contornos, as linhas da belleza; e o seu louco desejo, qual timida sombra sob os passos della, como que murmurava uma queixa de amor.

Elle, por fim, ensaiára cumprimental-a; ella, por ser delicada, correspondêra-lhe francamente aos saudares de cortezia.

Quando passava a linda senhora, elle que a aguardava espreitando através das venezianas, apparecia á janella do sobrado. Olhava ella para cima; olhava elle para baixo. Cumprimentavam-se.

Ao entrar em casa, olhára certa vez para tráz, quando olhava elle para deante. Sorriram.

Sempre que se encontravam na rua, trocavam sorrisos amaveis, antes dos cumprimentos cerimoniosos.

Certa vez, fizéra elle uma zumbaia e parára; ella, tambem. Estendêra-lhe a dextra; a dextra estendêra-lhe igualmente a delicade. Apertaram-se as mãos. Ficaram parados. Os dois juntos eram um feixe de nervos.

— Como passa a senhora?

— Bem. Muito obrigada. E o senhor?

— Não passo bem como a senhora.

— E' doente? interrogára a senhora.

— Dos nervos... respondêra o senhor.

— Como eu...

— Somos iguaes...

— Pelo menos nisso, concordára ella:

— Tinha immenso desejo de lhe falar, mas era grande o meu acanhamento, adiantára elle.

— Pois estou ás suas ordens. Em que lhe poderei ser util?

— Ha muito, ando sem socego e supplico-lhe marcar uma hora em que eu possa vêl-a todos os dias. Nada mais desejo da minha interessante e amavel vizinha e nenhum outro desejo venho nutrindo presentemente.

— Não é possivel marcar-lhe essa hora, porque não me pertenço.

— Sei. Porém não ha quem não tenha uma hora disponivel no dia... Alguns minutos...

— Pois creia: não disponho.

— Posso vêl-a todos os dias, ás dez horas em ponto.

— Bem. Adeus!

— Já?

— Já. Tenho hora marcada no dentista...

— ... ás dez horas em ponto!

— Como sabe?

— Acompanho-lhe os passos sem que a senhora perceba...

— Não sabia... Adeus!

— Tenha pena de mim! Adeus!

O 1.º ladrão. — Fica parado, idiota! Ou queres mesmo que ella te acerte um tiro?...

A's dez em ponto quando se avistavam, sorrindo, á porta do dentista, já tinham a certeza de que, na sahida da gentil senhora haveria uma palestra cheia de encantos. Andavam já de amores!

Tempos depois, nas palestras havia já recriminações: ella o encontrára muito agarradinho com a esposa; elle a surprehendêra aos beijos com o esposo.

Quando os casaes se encontravam na rua, elle e ella ficavam frios com o outro conjuge para não despertar ciumes...

A' proporção que deixavam esfriar os amores de casa, iam fortalecendo os delles. A' proporção que augmentavam as brigas de palavras em casa, augmentavam os carinhos nos encontros aqui, ali, acolá.

Ella, um dia, encrespou-se contra o marido. Este, já algum tanto desconfiado das suas extravagancias, disséra-lhe palavras colericas.

A mulher encrespou-se cada vez mais... No dia seguinte foi a senhora para a casa da familia della; foi o senhor para uma casa de hospedagem.

A esposa do outro, que já lhe notava a frieza, observára-lhe então a preoccupação com o desastre do lar vizinho e interpellára-o impavidamente acerca do occorrido... Um incendio! Separaram-se tambem.

Em menos de uma semana havia dois lares desfeitos, e andavam dois corações a estreitar-se num anhelo insatisfeito.

Mais tarde, como nossas leis não permittiam o casamento de divorciados, resolveram ir passear ás auras de outro paiz no qual pudessem unir-se pelo matrimonio, apesar de não ter legitimidade em terras brasileiras.

Pouco depois, certos disto — *cesteiro, que faz um cêsto, faz um cento, o caso é ter vêrga e tempo* — aquelles grandes amores converteram-se em grandes ciumes.

Ella, que parecia uma jóia, era lunática e tinha mau genio; elle, muito egoista, não gostava de ser incommodado.

E muitas vezes chegára o novel companheiro a ter saudades dos dias felizes da sua vida, ao lado da esposa honesta, sempre disposta a fazer-lhe as vontades, e de quem nunca desconfiára nem por sonho; e algumas vezes chegára a novel companheira a ter saudades dos beijos do esposo legitimo, sempre disposto a aturar-lhe as impertinencias e o qual a beijocava com prazer immenso.

Talvez arrependidos de desfazerem com tanta precipitação o primeiro lar, construido aliás com discricção e amor, desse geito vão arrastando a vida nova...

HORMINO LYRA

Artificios do Diabo

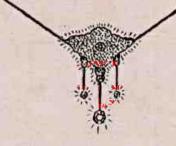
De Ismael da Cunha Couto

UM dia, o sr. Diabo resolveu se apoderar daquella mulher, e, assim, deu as necessarias providencias para que o seu intento fosse levado a effeito.

Elle, o Diabo, gostou do geito, das maneiras daquella alma. Achou-a por demais interessante e a sua conquista seria uma honra e um serio motivo para uma grande alegria no seu reino. Não havia duvida, pelos modos o negocio ia custar um pouco, mas, não tinha importancia desde que vencesse o seu ponto de vista.

Ah! o sr. Diabo tem desses caprichos!

Pouco se lhe dá que haja uma demora e um tanto trabalho para conseguir o que pretende. Não, senhor! Com a perseverança tudo se arranja. E o sr. Diabo sabe muito bem disso. Elle toda a vida foi perseverante.

Si assim não fosse, não estaria ainda hoje senhor e dono de um poderoso reino: o Inferno.

Interessando como nunca, a mulher visada, o sr. Diabo mandou que os seus emissarios, com varios artificios, agissem. Mas, elles voltavam sempre com uma cara deste tamanho, completamente desapontados.... As investidas eram cada vez mais fortes, mas redundavam sempre na mesma coisa. O sr. Diabo irritava-se cada vez que recebia um enviado que vinha dar conta da sua tarefa e que terminava dizendo: que nada conseguira; que aquillo era um pouco difficil; que achava o caso muito serio; e um mesmo chegou a dizer que duvidava quem conseguisse alguma coisa, devido aos esperneios do seu amo e senhor.

O sr. Diabo, porém, não se dava por vencido. Perseverante, só elle, que grande exemplo para os desesperançados!...

E, depois de voltar á carga varias vezes e vendo mesmo que aquillo era um caso sério na sua vida, pensou, matutou, matutou varios dias, rebuscando no seu bestunto, até que deu uma palmadinha forte na testa e desatou a gargalhar, com aquella gargalhada escarlate tão sua, que despertou a attenção de todos os que se achavam perto delle. Alguns demonios perguntaram si o sr. Diabo tinha enlouquecido, si estava soffrendo das faculdades mentaes. Mas, alguem que estivesse mais perto teria ouvido elle dizer: "Puxa! Eu que nem me lembrava do anniversario... O carnaval está

— «Garçon», traga-me uma revista humoristica.

— Estão todas occupadas, senhor; mas, si quizer ler o livro de reclamações, encontrará coisas muito interessantes...

proximo... Ah! "Está no papo!..." E então desatou a gargalhar com gosto, estupidamente...

* * *

O Carnaval está chegando... Está quasi na hora... O mundo está preparado para entrar na "pagodeira"... na "fuzarca"...

O sr. Diabo trabalha... O seu anniversario vae ser commemorado condignamente. O Inferno vive numa lufa-lufa tremenda. Tudo alli é actividade. Arruma-se isto e aquillo. Limpa-se. Escova-se. Encera-se... Um horror de movimento. Vão se receber novos moradores... Os escriptorios do Inferno estão num azafama medonho. Autos-transportes chegam, saem... Livros e mais livros são numerados e rubricados para serem annotados os nomes dos futuros inquilinos. Ah! no Inferno tudo anda muito direitinho. O sr. Diabo sabe tim-tim por tim-tim tudo o que se passa nos seus dominios... A escripta alli anda em dia...

O sr. Diabo está contente, satisfeito...

O seu pensamento está voltado para aquella alma bôa que havia resistido aos seus ataques e artimanhas.

"Está na hora"... O "Zé Pereira" ribomba pelas cidades... Os milhares de emissarios do sr. Diabo iniciam os ataques.

Aquella mulher, a que resistiu ás investidas dos seus agentes, é recommendada. Elle mesmo quer dirigir a manobra contra a rebelde. E queria vêr si o "peixinho" escapava...

* * *

Pleno Carnaval...

Varios "amiguinhos" (por artes do sr. Diabo) carregam aquella que estava condemnada a ser a victima. E ella, sem saber de nada, tentada (coitadinha!), atirou-se no roldão da brincadeira.

Só amigos, luzes, flôres e musica parecia não resultar o que o sr. Diabo desejava.

E um pouco de alcool foi lembrado...

E o alcool desceu... E jorrou... Mas... nada...

A pobre victima, aquella mulher queria apenas brincar... A maldade passeava muito longe do seu pensamento.

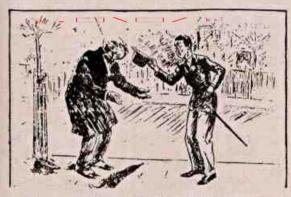
O sr. Diabo se aborrecia já, pensára que era mais facil... Esperou mais, e lembrou um pouco de dança... E depois atirou-lhe mais um amiguinho de pouca moral...

E ella, naquelle zigzaguelo todo, naquella loucura, só pensava em divertir-se... Os pensamentos máus, si vinham, eram logo sacudidos fóra...

O sr. Diabo exaspera-se. Range os dentes... E num ultimo recurso lembra-se do seu lança-perfume... o ether é absorvido... E nada... Ella ainda reage...

E no ultimo instante, quando o sr. Diabo já estava quasi a soltar aquella gargalhada somente sua, diabolica, ella emerge daquella loucura e embriaguez, sem cair, sem rastejar na lama toda adrede preparada. O sr. Diabo, não esperava por tal coisa. Sim, senhor!... Pragueja. Range os dentes, enraivecido. Precisava inventar uma artimanha mais forte e que fosse infallivel, porque aquellas que elle julgava as mais poderosas e convincentes estavam falhando...

* * *

Quando o sr. Diabo chegou no seu escriptorio, depois de muito labutar, considerando bem o caso, deu um formidavel socco no braço de sua magnifica cadeira: Rac! Havia esquecido um dos seus melhores artificios, aquelle que convence completamente: As joias!...

O velho. — Queira desculpar, pelo encontrão.
O moço. — Desculpas peço eu; a falta foi minha.
O velho. — Então, para que diabo estavas olhando, pedaço de idiota?!

QUE SURPREZA!

NÃO admira a satisfação que lhe causa o avelludado do rosto, macio como uma petala de rosa! É que ella passou a usar, na sua "toillette" de mulher bonita e intelligente, o sabonete perfeito: EUCALOL.

Recusem formalmente as imitações e lembrem-se de que só o bom é imitado.

CAIXA 4$000 NO RIO

COM A FITA VERMELHA DE GARANTIA

Eucalol

A' BASE DE EUCALYPTO

STANDARD

ANNO XXV — FON-FON — NUMERO 42

Rio de Janeiro, 21 de Outubro de 1933

Director: SERGIO SILVA

A Mulher e a mosca

A vaidade feminina é um dos encantos maiores da vida. Na mulher, a indifferença pela moda seria uma anormalidade. Por isso, admiro o instinctivo desvelo com que as doces filhas de Eva se narcisam e amam-se a si mesmas, no esplendor de suas graças e bellezas.

Attributo de pura feminilidade, a arte de enfeitar-se tem uma seducção irresistivel. As mulheres vaidosas são mais mulheres. Era o que me dizia a chronica de uma antiga *coquetterie*, do tempo de Henrique IV: o uso de uma pequenina mosca pintada no rosto, de que é ainda reminiscencia esse gracioso pontinho negro com que as mulheres resaltam a brancura da pelle.

São, aliás, as brancas mais vaidosas do que as morenas.

A celebre condessa de Castiglioni, que aos 30 annos já tinha pudor da velhice, forrava o seu leito de panno negro para que a alvura do seu corpo se mostrasse em toda a apotheose da carne moça e bella.

Mas, esse uso da mosca, como todas as modas, tinha uma explicação curiosa. Leio-a nas notas de Meyrac ao livro de Tallemant: "*Rois, grandes dames et beaux esprits d'autrefois.*"

No seculo XVI, curavam-se as dôres de dentes, applicando-se ás temporas pequeninos emplastros, forrados de taffetá ou velludo.

Foi quanto bastou, commenta o malicioso chronista da galantaria franceza, para que as *coquettes* começassem a pintar no rosto as famosas moscas, que tanto deram a falar aos elegantes do tempo de Henrique IV.

E as moscas variavam de modelo e de collocação, exprimindo uma linguagem muda, instrumento silencioso da eterna e amorosa babel dos namorados.

Assim, a pequenina mosca ao canto do olho era signal de paixão; se a pintavam nos labios queria dizer grande *coquetterie*. Em plena face, a mosca revelava um temperamento galante; no labio inferior, uma alma discreta...

Havia, em Paris, sob o reinado de Luiz XIV, uma casa especialista: "*A la perle des mouches*". A moda passou. Mas, a humildade da insignificante mosca, que os entomologistas desprezam por sua vulgaridade, tem uma consagração na historia muito mais interessante da vaidade feminina.

Subtil ironia da sabedoria divina, que faz de uma simples mosca um motivo decorativo da belleza da mulher...

POVINA CAVALCANTI

BAILE NO CLUB NAVAL

DAS festas realizadas por occasião da visita do presidente Justo, foi o grande baile do Club Naval, promovido em homenagem á Marinha Argentina a nota social de mais destaque e de maior elegancia.

Essa festa, a que presidiu um alto espirito de confraternização sul-americana, esteve á altura das gloriosas tradições da nossa Marinha de guerra, que sempre reuniu uma *élite* de patriotas e de gentishomens.

O Club Naval apresentava uma decoração primorosa. O saguão, as entradas lateraes fôram artisticamente ornamentados e os salões de danças estavam engalanados de caprichosos apanhados de flores naturaes.

Reservada aos convidados de honra do grande baile, havia uma artistica mesa florida de orchidéas, tendo ao centro uma fonte luminosa de raro effeito.

As demais dependencias do Club Naval apresentavam-se como nos seus dias de maior esplendor.

* * *

O Chefe do Governo Provisorio e a senhora Getulio Vargas chegaram ao Club Naval ás 22 e meia horas. Acompanhavam s. ex. quasi todos os seus ministros. Recebeu-o o almirante Izaias de Noronha, presidente do Club. A seguir, o presidente da Argentina e a senhora Agustin P. Justo recebiam dos presentes as homenagens de uma acolhida festiva e cordial.

No ambiente aristocratico da fina sociedade, reinou um espirito de apurada elegancia e seductora gentileza.

* * *

Os nomes mais representativos da *élite* carioca achavam-se no Club Naval: O ministro da Justiça e senhora Antunes Maciel; o ministro da Fazenda e senhora Oswaldo Aranha; o ministro do Trabalho e senhora Salgado Filho; o ministro da Agricultura e senhora Juarez Tavora; o senhor e senhora F. P. Carneiro da Cunha; o senhor e senhora Gabriel Bernardes; o senhor e senhora Rodrigo Octavio Filho; o senhor e senhora Comte. Trompowsk; o embaixador do Chile, senhora e filha; os embaixadores de França, dos Estados Unidos, da Italia, da Inglaterra e de Portugal; o senhor e senhora Ribas Carneiro; o senhor e senhora Rubem Rosa; o senhor e senhora Luiz Aranha; senhor e senhora Rubens de Mello; senhor e senhora Renato Almeida; senhor e senhora Armando Duval, etc. etc.

A BORDO DO "MORENO"

EM retribuição ás homenagens recebidas, a nobre marinha argentina offereceu, a bordo do "Moreno", em que viajou o Presidente Justo, uma recepção elegantissima á sociedade carioca.

Cahiu o dia todo uma chuva copiosa. De tarde, parecia que se tinham aberto todas as torneiras do céo.

Mesmo assim, a familia carioca não fugiu á bella reunião a bordo da grande nave argentina, onde os nossos irmãos portenhos fôram de extremas gentilezas para a culta sociedade do Rio.

* * *

As danças, devido ao tempo, ficaram prejudicadas. Comtudo, o encontro social revestiu-se de uma rara significação mundana. Vi a senhora Martins Capistrano; a senhora Heitor Motta; a senhora Sá Rego; as senhoritas Lourdes Nelson Machado e Elza Pacheco; a senhora Braz de Pinna; a senhora Luiz Simões Lopes; a senhora Lutz Ferrando; senhoritas Anysio de Sá; a senhora Cyro Ramos; a senhora Luiz Mutiemo; a senhora Manetta Gusmão; a senhorita Diva Gusmão; a senhora e senhorita Dolabella Portella; as senhoritas Annette Fraga e Sylvio Rangel, etc.

CASINO DA URCA

APESAR do tempo, as noites do Casino da Urca têm sido animadissimas, reunindo para as danças e para os numeros de arte, nos salões do *grill*, varios elementos conhecidos da sociedade carioca.

Languorosos tangos, ardentes maxixes, foxes vivazes são dançados na

CIDADE LUA-DE-MEL

UM jornal espanhol, depois de algumas considerações amaveis a proposito do Brasil, escreveu que a cidade do Rio de Janeiro era um paraiso turistico. E accrescentou que a nossa capital era actualmente, no mundo, a cidade preferida pelos recem-casados para nella, viverem as delicias da lua de mel.

Eis ahi uma das mais seductoras propagandas do Rio de Janeiro, que vae trazer-nos uma fama invejavel, alem de proporcionar á população o espectaculo gracioso dos idyllios e o inconfundivel arrulho dos namorados.

Por onde andarmos, uma multidão internacional de recem-casados passeiará o seu noviciado com a felicidade. E veremos como é universal a linguagem do amor. Como um oriental se derrama todo em ternura para a mulherzinha de olhos amendoados e o americano cáe em crise sentimental deante da girl loirinha, que o seu amor des-

pista central da ala direita do Casino, emquanto do outro lado se persegue a sorte nas artes diabolicas do jogo.

A esta *Feira* só importa a parte social recreativa: as danças, as musicas, a concurrencia elegante e *chic*. O mais deve ter o seu chronista á parte. Já não sou eu...

* * *

A' ceia elegante do sabbado e do domingo, vi: senhor e senhora Francisco Rosemburgo; senhor e senhora José Medeiros de Oliveira; senhor e senhora Homero Galvão; senhor e senhora Augusto de Vasconcellos; senhor e senhora Pinto Guimarães; senhor e senhora Mario Mesquita; senhor e senhora Clovis de Azevedo; senhora Cardoso de Almeida; senhoritas Elisa Machado e Ruth Santiago, Elsa e Gloria Duque Estrada, etc, etc.

AUTOMOVEL CLUB

PARA celebrar a entrega dos premios da Quinzena Automobilistica e da Parada de Elegancia, da Temporada Official de Turismo, o Automovel Club do Brasil realizou, no ultimo sabbado, uma linda festa.

Perante uma sociedade, onde resaltavam os elementos mais expressivos do *grand monde* carioca, os directores do aristocratico Club, tendo á frente os drs. Carlos Guinle e Nelson Pinto, convidaram o dr. Amaral Peixoto, secretario do Interventor Federal para presidir a solennidade da distribuição dos premios.

Proferiu, então, eloquente e brilhante discurso o dr. Nelson Pinto, que foi calorosamente applaudido.

Seguiram-se as danças, com alguns numeros de arte.

* * *

O grande salão do Automovel Club reflectia, como um espelho, as bellezas e as graças do mundo feminino do Rio. Tomei nota, entre outros, dos seguintes nomes: senhora Azurem Furtado; senhora Nelson Pinto; senhora Homero Galvão; senhora Armindo Rangel; senhora Amaryllio de Noronha; senhora Heitor Motta; senhora e senhoritas Martinho Garcez; senhora Bertha Pinto de Moraes; embaixatriz Oscar de Teffé; senhora Alvaro de Teffé; senhora Carlos Guinle; senhora Linneu de Paula Machado; senhora Negro Bernardes; senhora J. Crespi; senhora Delamare São Paulo; senhora Pires Brandão; senhora Vicente Galliez; senhora Murillo Fontainha; senhora Henrique Mangia; senhora Souza Mendes; senhora Julio de Moraes; senhora Braz de Pinho e as senhoritas Maria de Lourdes Fernandes, Motta Maia, Barros Moreira, Léa de Noronha Carmen Laura, Clelia Delmare São Paulo, Paula Pires Brandão, Marina Cardoso Fontes, etc, etc.

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS

FOI uma festa de espiritualidade a que a Associação dos Artistas Brasileiros realizou para commemorar a passagem do seu quarto anniversario.

Num ambiente de homens de letras, de esthetas e de servidores da Belleza, a expressiva commemoração da Associação dos Artistas Brasileiros caracterizou-se por um alto espirito de cordialidade.

Presidiu a festa o dr. Celso Kelly, presidente da Associação e o dynamico animador do nosso movimento artistico. A solennidade, que se realizou na Casa do Estudante, teve a engrandecel-a o comparecimento do esculptor Oliva Navarro e do poeta Luiz Cané, dois authenticos valores da embaixada de cultura e talento, que a Republica Argentina acaba de enviar ao Brasil.

Prestigiando a reunião estavam presentes as figuras mais significativas da nossa *elite* intellectual. Pintores, poetas, esculptores formaram o bloco da familia da Associação dos Artistas Brasileiros, cuja brilhante attracção nos circulos mentaes da metropole dispensa qualquer elogio.

Antes de encerrar-se a reunião, Celso Kelly, com aquelle seu poder de fascinação intellectual, pronunciou algumas palavras, a proposito da honrosa presença dos illustres artistas argentinos. Exprimiu o regosijo do artistas brasileiros, fixando o acontecimento na data melhor da Associação, isto é, no dia em que a Associação commemora o seu quarto anniversario.

A reunião deixou, como era de esperar, uma impressão magnifica, não só pelo brilho, de que se revestiu, como por seu espirito de cordialidade.

---

cobriu na sahida de um theatro da *Broadway*...

O nosso Rio de paizagens lyricas se povoará, como o paraiso na historia da Creação, com a differença, apenas, dos casaes multiplicados, o que importa dizer — da violação do segredo da arvore do Bem e do Mal.

Na minha opinião, o governo brasileiro devia mandar bater na tecla da deliciosa trouvaille: "Cidade lua-de mél".

Até agora, sabia-se que a Cote d'Azur era o ninho preferido pelos namorados em crises de romantismo.

Uma superioridade temos nós, de entrada, sobre a Rivera italiana, por exemplo: No Rio não ha divorcio!

Os pombinhos, que vierem arrulhar por este Eden os seus amores não lerão nos jornaes as noticias escandalosas dos ninhos desfeitos, do ingresso em juizo dos casaes desavindos, das suggestivas petições de dissolução conjugal...

Luciaxo

Com a presença do general Agustin Justo e do dr. Getulio Vargas, que estavam acompanhados de suas exmas. senhoras, inaugurou-se na tarde de 10 do corrente, na Escola Nacional de Bellas Artes, a Exposição Argentina de Arte Retrospectiva, organizada por um grupo de artistas presentemente nesta capital. Varias outras autoridades dos dois paizes compareceram tambem a essa expressiva solemnidade, que se acha focalizada nos dois aspectos desta pagina. Após a inauguração da mostra de arte argentina, o presidente Justo visitou a Pinacotheca da Escola de Bellas Artes, onde apreciou longamente a magnifica collecção de quadros que a enriquece. O general Agustin Justo, querendo prestar uma homenagem ao chefe do governo provisorio, offereceu ao dr. Getulio Vargas um admiravel bronze do grande esculptor argentino Rogelio Yrurtia. Essa preciosa obra de arte, que apparece no medalhão, intitula-se «Torso de hombre».

FILIGRANAS

Lançando os olhos sobre o scenario colonial do Brasil, sentimos logo que um espirito brasileiro se creou no nosso paiz, embora primitivo, semi-latente, desde quasi o primeiro seculo da conquista. Elle foi o producto espontaneo da adaptação do homem branco á terra virgem, hostil e dadivosa ao mesmo tempo, e do caldeamento de seu sangue com o dos naturaes do paiz. E logo se comprehendeu em virtude dessa vaga comprehensão da união brasileira que toda a região de que se assenhoreavam os lusos formava um todo que se não devia e se não podia de modo algum desagregar. Essa é a raiz da cohesão nacional.

A exma. esposa do presidente da Republica Argentina, senhora Agustin Justo, visitou, na manhã de 10 do corrente, o Collegio Militar do Rio de Janeiro, fazendo-se acompanhar, nessa visita, pela esposa do chefe da casa militar do governo provisorio e pelo general Pantaleão Pessôa. Ali, foi a illustre dama recebida pelo director do estabelecimento, marechal Esperidião Rosas, que a conduziu ao salão nobre, onde o alumno Isnard Coutinho pronunciou, em nome dos seus collegas, um discurso de saudação á senhora Justo, offerecendo-lhe um ramo de flôres naturaes. Os alumnos do Collegio Militar realizaram, depois, uma formatura em homenagem á distincta visitante, que se vê nesta pagina quando chegava áquelle instituto de ensino e no salão de honra, ao lado da senhora Pantaleão Pessôa.

S. ex. o presidente Agustin P. Justo recebendo, das mãos do chefe do gabinete do ministro da Guerra, coronel Pedro Cavalcanti, a patente de general de divisão do Exercito Brasileiro, que lhe foi conferida por decreto do chefe do governo provisorio.

Ao centro e em baixo: O illustre presidente da Republica Argentina entre alguns dos membros de suas casas militar e civil que fizeram parte da comitiva de s. ex., e officiaes brasileiros postos á sua disposição, durante a estadia, nesta capital, do general Agustin P. Justo.

GOTTAS...

Honestidade é incapacidade de praticar o mal pelo medo de infringir a lei e merecer punição, pelo receio de ser reprovado e repellido pela sociedade. Honestidade é accomodação.

* * *

Toda a ascensão, physica como moral, é producto de esforço anterior.

* * *

Virtude é elegancia moral, é ansia de perfeição. Virtude é fé, é enthusiasmo, é paixão.

* * *

A alma é como a verdade: não se cobre de véos.

REGINA RIZIERI

No alto: o presidente da Republica Argentina e o chefe do governo provisorio num grupo tomado á escadaria do palacio do Cattete, durante a visita official de despedida do general Agustin P. Justo ao dr. Getulio Vargas. Além dos dois chefes de Estado, vêem-se na photographia as senhoras Justo e Saavedra Lamas, o chanceller argentino e outros membros da comitiva do presidente Justo, bem como varias autoridades brasileiras.

Em baixo: o general Justo e o dr. Getulio Vargas acompanhados de suas exmas. senhoras e cercados do núncio apostolico e dos ministros Afranio de Mello Franco, Antunes Maciel, Salgado Filho, Juarez Tavora, Oswaldo Aranha e Washington Pires e do interventor Pedro Ernesto, a bordo do «Moreno», após o banquete que o presidente argentino offereceu, naquelle cruzador, ao casal Getulio Vargas.

O presidente Justo, que aqui foi cumulado de gentilezas pela sociedade carioca e que tantas demonstrações de sympathia recebeu do nosso povo, partiu, quarta-feira penultima para São Paulo, acompanhado da sua illustre comitiva. O embarque de s. ex., que se realizou na «gare» da estação Pedro II, teve a assistil-o, além do mundo official, uma compacta multidão, que ovacionou, enthusiasticamente, o nome do presidente argentino, do Brasil e da Republica irmã. As nossas gravuras focalizam expressivos momentos do embarque, nos quaes se vêem o illustre visitante e o chefe do governo provisorio com as senhoras Agustin Justo e Getulio Vargas.

No alto: o presidente da Republica Argentina quando recebia, no palacio Guanabara, os jornalistas brasileiros. Vê-se s. ex. ao lado do presidente da Associação Brasileira de Imprensa e entre alguns jornalistas e outras pessôas presentes á recepção á imprensa. Ao centro: a directoria do Rotary Club do Rio de Janeiro ladeando o chefe do governo argentino, durante a visita que, em nome dessa instituição, fez ao general Justo, no Guanabara. No medalhão: universitarios brasileiros fazendo entrega da mensagem dos estudantes ao presidente Justo.

Por iniciativa do cardeal d. Sebastião Leme, e celebrado pelo illustre chefe da Igreja Brasileira, realizou-se quarta-feira penultima, na matriz da Candelaria, um solemne «Te-Deum» em homenagem ao general Justo e em acção de graças pelo congraçamento da familia americana, que a visita do illustre chefe de Estado argentino veiu consolidar. Além do presidente Agustin Justo e su exma. senhora, assistiram á im ponente cerimonia religiosa o d Getulio Vargas e exma. senhor os chancelleres argentino e bra sileiro, o embaixador Ramon Cár cano e outras altas personalid des, entre as quaes muitos dipl matas. As nossas photograph representam flagrantes tomados sahida daquelle templo, após «Te-Deum».

Do programmma official organizado para a visita do gene-al Agustin P. Justo a esta capital fazia parte a visita lo eminente chefe de Estado á Escola Militar do Rea-engo, a qual se realizou na manhã de quarta-feira penultima, 11 do corente. Foi um acontecimento de grande brilho, que marcou de modo expressivo a permanencia lo presidente argentino no Rio de Janeiro. O edificio da Escola Militar recebeu, para isso, deslumbrante deco-ação, ostentando em sua fachada as bandeiras argentina brasileira como um symbolo de fraternidade continental. Quando o general Justo chegou ao Realengo, já ali ncontrou o chefe do governo provisorio, que aguardava chegada de s. ex. acompanhado de outras altas auto-idades, entre as quaes, os generaes Espirito Santo Car-loso, ministro da Guerra; Andrade Neves, Paes de Andrade, Goes Monteiro e Almerio de Moura; os minis-ros José Americo, Juarez Tavora e Antunes Maciel. São flagrantes da chegada do presidente argentino á Eccola Militar o que focalizam os instantaneos desta agina, vendo-se s. ex. ao descer do automovel e quando e dirigia para o interior do edificio, em companhia do r. Getulio Vargas e do general José Pessôa, commandante daquelle estabelecimento.

Entre as homenagens levadas a effeito, nesta capital, em honra do presidente da Argentina, general Agustin Justo, merece especial destaque a parada realizada pelos cadetes da Escola Militar. Foi um espectaculo soberbo esse que os jovens militares offereceram na manhã de 11 do corrente, com a imponencia e o garbo dessa brilhante formatura. Ainda por essa occasião foi executado um programma no qual figuraram difficeis provas de equitação e da arma de infantaria. Os instantaneos que a nossa pagina reproduz offerecem os aspectos mais empolgantes da formatura do Realengo.

O PRESIDENTE JUSTO EM S. PAULO

O general Agustin P. Justo ao desembarcar em S. Paulo, onde foi recebido pelo interventor Armando Salles de Oliveira, que no instantaneo apparece ao lado do presidente argentino.

O chanceller Saavedra Lamas, acompanhado do embaixador Ramon Cárcano, visitando, no palacio dos Campos Elyseos, em nome do presidente Justo, o dr. Armando Salles de Oliveira.

Grupo em que se vêem o general Agustin P. Justo, o interventor Armando Salles de Oliveira e o dr. Saavedra Lamas, ministro das Relações Exteriores da Republica Argentina, e respectivas senhoras, durante um dos passeios do chefe do governo argentino pelo centro urbano da capital paulista.

Uma das festas mais imponentes realizadas em São Paulo, por motivo da visita do presidente Agustin P. Justo ao grande Estado, foi, sem duvida, o baile offerecido pelo dr. Armando Salles de Oliveira, na residencia official do interventor, em honra do illustre hospede. A alta sociedade paulista compareceu a essa deslumbrante reunião social, que assignalou, de modo expressivo, a presença do general Justo na capital de São Paulo. A photographia acima fixa um detalhe dessa festa: o presidente argentino e a senhora Agustin Justo, o interventor paulista e a senhora Armando Salles de Oliveira, o chanceller argentino e a senhora Saavedra Lamas e o embaixador Ramon Cárcano num dos luxuosos salões do palacete onde reside o interventor Armando Salles de Oliveira.

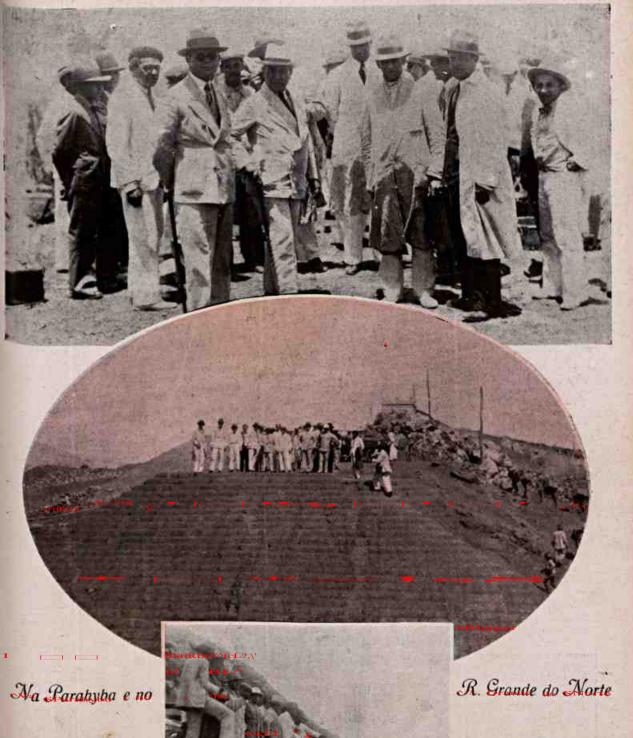
O banquete official offerecido pelo governo do Estado de São Paulo ao presidente da Republica Argentina realizou-se no Esplanada Hotel, na noite do dia da chegada do general Justo áquella capital, e nelle tomaram parte altas personalidades argentinas e brasileiras. Foi, tambem, uma festa magnifica, que deve ter causado optima impressão ao general Justo. O nosso «cliché» focaliza um aspecto do grande banquete de cordialidade argentino-brasileiro.

Em retribuição ás homenagens do governo de São Paulo, o presidente Agustin Justo offereceu, no salão nobre do Automovel Club, um almoço em honra do interventor Armando Salles de Oliveira e da sociedade paulista. Nesse agape tomaram parte figuras de alta representação social, especialmente convidadadas pelo general Justo. Ahi se vê a cabeceira da mesa, á qual se sentaram o presidente argentino e o interventor paulista e respectivas senhoras.

Aspectos da visita do presidente Justo ao Instituto de Butantan e á Penitenciaria de São Paulo, onde s. ex. esteve acompanhado do interventor Armando Salles de Oliveira e dos membros de sua comitiva.

Como nos demais Estados que visitou, durante sua excursão ao norte do paiz, o chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, recebeu, no Ceará, as maiores demonstrações de sympathia popular, colhendo bôa impressão da terra martyr e de seu altivo povo. Esta pagina mostra alguns aspectos da visita do presidente Getulio Vargas a Fortaleza, a linda capital cearense. No medalhão, s. ex. chegando á Escola Normal Pedro II, para visitar aquelle estabelecimento. A seguir: no Sanatorio de Mecejana, que o chefe do governo provisorio visitou acompanhado do interventor Carneiro de Mendonça e dos ministros Juarez Tavora e José Americo; um churrasco na fazenda «Santo Antonio de Pitaguary», a 17 kilometros de Fortaleza; o dr. Getulio Vargas presidindo á sessão solenne promovida, no salão nobre do Club Iracema, pela Associação Cearense de Imprensa, em homenagem aos jornalistas que faziam parte da comitiva presidencial, vendo-se ao lado de s. ex. o interventor federal, capitão Carneiro de Mendonça, o major Juarez Tavora, o dr. José Americo e o general Góes Monteiro.

A VIAGEM DO CHEFE DO GOVERNO PROVISORIO AO NORTE — NO CEARÁ

O chefe do governo provisorio no interior do Ceará. S. ex. assistindo a uma vaquejada, na fazenda «São Joaquim», visitando as obras do açude «Choró», em Quixadá, e inaugurando, com o nome de «Joaquim Tavora», o antigo açude «Feiticeiro». Acompanharam o dr. Getulio Vargas nessa excursão pelo sertão cearense o interventor Carneiro de Mendonça, os ministros Juarez Tavora e José Américo e o inspector federal de Obras contra as Sêccas, dr. Luiz Vieira.

Na Parahyba e no R. Grande do Norte

No alto: Sob o rigor do sol do Nordeste, o presidente Getulio Vargas e os ministros José Americo e Juarez Tavora assistem ao lançamento da pedra fundamental da cidade thermal de

Brejo das Freiras, na Parahyba. Ao centro: Apreciando as obras do açude «Lucrecia», no Rio Grande do Norte. Em baixo: visitando os serviços do açude «Piranhas», na Parahyba.

No Piauhy

Aspectos da visita do chefe do governo provisorio á Escola Normal de Therezina. As alumnas formando, no pateo interno do estabelecimento, uma estrella symbolica em homenagem ao dr. Getulio Vargas e sua comitiva. O presidente da Republica e o ministro da Viação apreciando a expocição de trabalhos das jovens normalistas do Piauhy. S. ex. ao deixar a Escola Normal.

A Força Publica do Estado do Piauhy formada para prestar continencia ao chefe do governo provisorio, por occasião da visita de s. ex. ao quartel daquella corporação, em Therezina. Aviões da Marinha de Guerra que inauguraram o campo de aviação de Therezina, em brilhante festa presidida pelo dr. Getulio Vargas. Os jornalistas que faziam parte da comitiva do presidente Getulio Vargas homenageados, com um banquete, no Club dos Diarios de Therezina, pelos seus collegas piauhyenses.

A encantadora e galante Leilah, querida filhinha do illustre e conceituado advogado, dr. Jayme C. Leão de Vasconcellos, no dia de seu anniversario, reuniu em sua residencia, á rua Esteves Junior, 22, o lindo e festivo grupo de amiguinhas e amiguinhos que se vê na gravura acima, ao qual dispensou as honras e attenções de uma perfeita e gentil «dona» de casa. E foi realmente encantadora, cheia de flôres, de alegria, de risos, e tambem de... doces, a festa do anniversario da linda Leilah.

DA FALSIDADE

Ser falso é um dos attributos mais perigosos para quem o possúe.

O falso é mais temivel do que o dúbio, embora ambos comprommettam: este de maneira mais branda do que aquelle.

Ha varias especies de falsos: — o que sorri muito, sem motivo plausivel; o que elogia exaggeradamente e sem justificação; o caloteiro, porque é enganado, arrogando-se meritos que não possúe, e engana o seu semelhante com o embuste, sendo, portanto, duas vezes falsos; certos torturados da fórma e da vida, que procuram atirar pedras áquelles que, bem ou mal, mas de accôrdo com os bons principios, conseguem attingir um gráo acima da craveira commum.

A companhia de um falso é sempre perniciosa, pois, do mesmo modo que uma arma de fogo deflagra, ferindo, mortalmente quem a conduz, assim tambem o falso arremette contra seu companheiro, prejudicando-o na primeira opportunidade.

Numa roda de amigos, quando todos são falsos, aggridem-se como cães vagabundos á procura de um osso; differindo apenas que os cães utilizam os dentes e os outros, além de poder lutam com diversas especies de armas, ferem-se com a lingua. Depois voltam á bôa camaradagem. E' que elles se entendem...

Emfim, a falsidade prejudica muito mais aos seus sectarios do que ás suas victimas: — estes têm a seu favor a sympathia publica, emquanto aquelles, os falsos, por muito favor, podem contar com a piedade.

Alexandre Passos

Toggourt. Algeria. Vista tomada de um dos admiraveis aviões da Cie. Aeropostale que realizam o Correio França-Brasil.

Feira Internacional de Amostras 1933

Rio de Janeiro

STAND DE

Byington & Cº

BYINGTON & Cº

SÃO PAULO

Largo da Misericordia, 4

RIO DE JANEIRO

Rua S. Pedro, 68/70

SANTOS
Rua D. Pedro II, 16

PORTO ALEGRE
Rua dos Andradas, 873

CURITYBA
Rua 15 de Novembro, 420

RECIFE
Rua Dr. João Pessoa, 218

BAHIA
Rua Cons. Dantas, 32

NEW YORK
165, Broadway

FON-FON no cinema

Tú serás duqueza!

DA PARAMOUNT

com Fernand Gravey e Marie Glory

O grande sonho do senhor Poisson, commerciante em conservas em grosso, é proporcionar a sua filha Lucia um brilhante casamento, um casamento que a faça duqueza, para que tenha uma brilhante situação mundana, o que, por outro lado, facilitará a realização das aspirações politicas do ambicioso papae.

Com essa idéa lançou elle as vistas sobre o duque de Barfleur, a quem está mais que disposto a acceitar por genro. Infelizmente, surge um entrave: é que o pae do duque, aristocrata cheio de preconceitos, se oppõe a que seu filho despose a filha de um vendedor de chouriços e ervilhas em lata.

O sr. Poisson tem no rol dos empregados de sua fabrica o joven marquez de la Cour, um fidalgote arruinado. O rapaz não morre de amores pelo trabalho e raro são mesmos os dias em que elle chega ao escriptorio á hora marcada para a entrada de todo o pessoal.

Na perspectiva de se ver despedido, o fidalguinho, querendo enternecer o patrão, faz-lhe acreditar que a sua saúde está gravemente abalada e supplica-lhe que o conserve no emprego por mais uns dois mezes. Esse prazo é-lhe necessario para que elle possa concluir o seu curso de direito e crear-se depois disso uma situação financeira melhor. Mas Poisson comprehende mal o pedido do rapaz e, convencida de que a este não restam senão mais dois mezes de vida, concebe a respeito do seu empregado um plano luminoso:

— Caso a pequena com o marquez. Dentro de dois mezes, elle entregará a alma ao Creador. Minha filha ficará viuva e o velho duque de Barfleur não terá mais motivos para se oppôr ao casamento do seu primogenito com a viuva do marquez de la Cour...

O joven marquez, que ama em segredo a filha do seu patrão, fica louco de contente com a idéa do commerciante, á qual dará na melhor vontade a sua collaboração.

Celebra-se o casamento na maior intimidade. Mas, como de la Cour está demorando a morrer, Poisson e o duque, que agem de commum accordo, imaginam alojá-lo num pavilhão isolado e terrivelmente humido, na esperança de assim lhe apressarem o fim. De la Cour finge resignar-se, mas foge durante a noite e vae ter com a mulher, a quem move um cerco de galanteios tão habil e premente, que a conquista e ella o acolhe como esposo.

Durante algum tempo elle continúa a representar perante o sogro a comedia da sua desesperadora situação: está doente, sem esperança, vae morrer breve, etc. Para o avizinharem da morte, Poisson e o duque trazem-n'o todas as noites numa roda viva em restaurantes e cabarets bohemios, e não ha uma só noite em que de la Cour não tenha que os embriagar para se ver livre delles e ir ter com a sua esposa. Isso não o impede, entretanto, de estar no pavilhão do seu degredo logo ás primeiras horas da manhã.

Acaba, porém, por descobrir-se tudo. E como o marquez de la Cour adora a sua encantadora mulherzinha, que também muito lhe quer, elle acaba por prometter ao sogro que não lhe guardará rancor, mas o ajudará até na sua carreira politica.

A joven Poisson não será, portanto, duqueza, como queria seu papae, mas será simplesmente marqueza, e a mais feliz das marquezas.

Novos amores

Producção da FOX — Direcção de Henry King

com ELISSA LANDI — WARNER BAXTER — MIMI JORDAN e VICTOR JORY

VICKI MEREDITH, uma formosa bailarina, vinha de terminar em Paris o seu curso de baile, quando, em companhia de seu amante Randall Williams, parte a passar as ferias na Inglaterra. Combinadas as ferias, estavam de malas promptas, mas chega um cabogramma que lhes transtorna todos os planos. Esse cabogramma era da esposa, que lhe annunciava a sua chegada a Paris. Isso causou naturalmente surpresa a Vicki, que ignorava ser o seu amante um homem casado. Desgostosa, resolve então emprehender uma "tournée" á America do Sul, onde vem a conhecer Philipp Flecther, um notavel engenheiro que estava dirigindo uma empreitada de grande vulto. Impressionados um pelo outro, Philipp conseguiu com seu cavalheirismo fazer Vicki esquecer Randall. Agora, terminadas as obras e a "tournée", resolvem os dois seguir viagem para os Estados Unidos, onde realizariam o casamento. Chegando á terra de Tio Sam, Vicki estava em preparativos para as bodas, quando surge Randall, que a tenta com as recordações do passado. Nesse duello de amor apparece Cynthia, a mulher de Randall, que com a intervenção de Philipp faz ver a Vicki o erro em que incorria acceitando novamente os galanteios de Randall. Louca, inebriada pelas palavras de Randall, Vicki estava suggestionada pelas promessas delle, e resolvêra abandonar o seu compromisso com Philipp, para fugir com elle, rumo a Paris, a cidade onde ambos se conheceram e se amaram tanto. Estando no apartamento arrumando as malas, Vicki vê um retrato de Cynthia e, reflectindo todo o amargor e todo o soffrimento daquella esposa, num accesso de remorso não cede mais aos impulsos de um amor ha tanto tempo sepultado. Em sua procura, corre Philipp, que ainda chega a tempo de fazêl-a comprehender o seu mau passo, e carrega-a comsigo, fazendo-a esquecer o passado, para com elle resurgir em sincero, affectuoso e nobilitante novo amor!

Frank Buck, o homem que apanha as feras vivas

POR GEORGE FRONVAL

FRANK BUCK, cujo nome vae ser magistralmente revelado ao publico no notavel film documentário «Agarrando-os vivos» (Bring 'em Back Alive), é um homem ao mesmo tempo curioso e attrahente. Natural do Texas, manifestou desde os seus primeiros annos um desejo insopitavel de apanhar vivos os animaes mais estranhos e muitas vezes mais perigosos da região. Um dia, tinha apenas quatorze annos, chegou ao rancho do pae, com a physionomia brilhante de alegria e o porte altivo. Havia capturado uma serpente magnifica, mas de uma especie cuja picada era das mais perigosas. Naturalmente, o joven Frank foi seriamente admoestado, mas as reprimendas paternas não conseguiram corrigir a sua paixão, aliás pitoresca, embora não fosse destituida de perigos. O rapaz, percorrendo todos os dias, de manhã á noite, o campo vizinho, regressava ao crepúsculo com os resultados de sua caça impressionante. Trocando por um dollar cada specimen capturado, Frank Buck conseguiu nessa empreza uma pequena fortuna. Mas chegou um dia em que elle viu que já tinha percorrido bastante a mesma região. Decidiu, então, correr a grande aventura, ir a terras differentes e distantes. Organizou um plano e verificou, porém, que a somma em dinheiro, necessaria para tal, ultrapassava muito das suas possibilidades. Sem se deixar desanimar, entretanto, tomou a resolução de aguardar o momento opportuno e partiu para Chicago, onde arranjou um emprego em um banco, si bem que não fosse a vida por elle sonhada o ter que ficar durante o dia inteiro atraz de uma secretaria, no meio de um amontoado de fichas e pastas com papeis. Frank Buck, que havia sonhado uma existencia completamente diversa, sabendo, de antemão, que aquella seria provisoria, supportava o seu castigo com paciencia e aperfeiçoou-se no conhecimento dos costumes e maneiras de viver dos animaes selvagens que elle desejava enfrentar, estudando para isso em numerosos tratados de historia natural. Quando se julgou com os capitaes necessários, Frank Buck demittiu-se do emprego e partiu para as regiões até então inexploradas da America do Sul, onde permaneceu durante longos e penosos mezes. Tendo tomado a resolução de capturar as féras vivas, fez uso o menos possivel das suas armas, desenvolvendo os recursos usados pelos naturaes da India para levar a bom termo o árduo trabalho a que se havia proposto. Quando regressou aos Estados Unidos Frank Buck presenteou diversos jardins zoologicos com animaes de todas as especies bravias. Frank Buck, até então desconhecido, tornou-se, de um dia para outro, celebre em toda a America. Os jornaes publicaram suas revelações sensacionaes e o corajoso explorador reuniu em algumas semanas os fundos necessarios para uma nova expedição á America do Sul, a qual durou dois annos. Depois, uma curta permanencia em Nova-York, e eil-o de partida desta vez para a Africa mysteriosa. Digno emulo de Martin Johnson, este outro «globe-trotter» cinephilo, Frank Buck levou sua aventura através do mundo em suas regiões mais desconhecidas e menos tranquillas. Sua ultima etapa o conduziu á Malásia, quando então, aconselhado por Van Beuren, o grande productor de films, se fez acompanhar de um «camera-man». Escoltados pelos indigenas, embrenharam-se nas selvas malaias, onde levaram então uma existencia curiosa e pitoresca, destituida de todo conforto e não menos cheia de perigos. Os dois denodados aventureiros filmaram por lá 175.000 pés de pellicula negativa, documentos inestimáveis e de um valor ethnographico extraordinário. Essa prodigiosa quantidade de negativo foi, logo que regressaram aos Estados Unidos desdobrada technicamente e copiada em positivo. As universidades adquiriram para seus archivos valiosas copias que, projectadas para os alumnos, contribuíram para a divulgação da zoologia. Van Beuren, então em relações commerciaes com a famosa firma Radio Pictures, decidiu editar para o publico esse film que ultrapassava em realismo e em interesse tudo o que se havia feito até então. Obedecendo as indicações de Frank Buck foi effectuada uma selecção judiciosa das scenas filmadas e dos 175.000 pés de negativo retirou-se 7.000. Feito o primeiro positivo, restava apenas encontrar-se um titulo suggestivo. Van Beuren teve, então uma idéa original.

(Continúa na pagina seguinte).

DOS STUDIOS

APÓS trabalhar muitos dias com dores intensas, no esforço de manter a tradição theatral de não deixar que o trabalho pare sob pretexto nenhum, Miriam Hopkins teve, afinal, que se recolher a uma casa de saude para alli ser operada de um abcesso peritonsilar.

A filmagem da producção de Lubitsch "Design for Living" foi consequentemente suspensa e só será continuada quando Miriam puder voltar ao trabalho.

* * *

NORMAN TAUROG, o director a quem a Paramount confiou o encargo de dirigir Maurice Chevalier nas versões americana e franceza de "The Way to Love", não fala uma só palavra de francez.

* * *

Lionel Barrymore no seu ultimo e formidavel trabalho da Radio.

Leslie Howard e Myrna Loy em «Um pouco de amôr não é amôr», da Radio.

FRANK BUCK, O HOMEM QUE APANHA AS FERAS VIVAS

(Conclusão)

— Uma vez que você, — disse elle, — capturou vivos os Senhores das Florestas, intitulemos nosso film: «Agarrando-os vivos». Isto explicará claramente a caracteristica do film e mostrará ao publico o objectivo que você manteve em cada uma de suas viagens.

«Agarrando-os vivos» foi apresentado e obteve dos espectadores uma acolhida enthusiastica.

Mas emquanto, sobre a téla do Mayfair, um dos mais elegantes estabelecimentos de diversões da Broadway, o tigre e a cobra python se mediam em um duello angustiante, Frank Buck, modesto como todos os amantes de aventuras sensacionaes, partia para outros horizontes, á procura de novas façanhas. E, emquanto seu film maravilhoso revelava ao publico, sob o titulo «Agarrando-os vivos», os mysterios da selva malaia, Frank Buck, em uma terra selvagem e longinqua do globo, capturava vivas as féras e os reptis asquerosos, preparando um novo documentario, uma vez que a camera cinematographica se tornára sua inseparavel companhia. Não é que lastimemos a sorte desse intrepido explorador. Muito pelo contrario...

O DIA DO PROFESSOR

TODOS os annos, o dia [illegible] de outubro, tem uma consagração especial. E' o Dia do Professor. Este anno, a commemoração revestiu caracter mais expressivo ainda. Festejou-se naquella data o Dia do Primeiro Mestre.

Varias fôram as solennidades promovidas nos estabelecimentos de ensino da capital, sobresahindo a da Escola Technica Secundaria Bento Ribeiro, de que é competente e dedicada directora dona Affonsina das Chagas Rosa.

Foi perante as numerosas alumnas desse modelar instituto de educação que, no dia 14, o festejado escriptor e nosso querido companheiro, Martins Capistrano, professor da acreditada escola, em nome do corpo docente e da illustre directora, proferiu a bella, eloqüente e evocativa oração, que reproduzimos a seguir.

Com os encantos de sua arte literaria, Martins Capistrano recorda, nesta pagina, uma das phases mais características da vida escolar, marcada na pessôa do primeiro mestre.

"Minhas jovens patricias:

Escrevi, hontem á noite, commovido e apressado, duas palavras que a vossa illustre directora, dona Affonsina das Chagas Rosa, me pediu dissésse hoje, perante vós, exaltando a expressão do dia do professor, consagrado, este anno, ao *nosso primeiro mestre*.

A escolha bem poderia ter recahido em voz mais autorizada, que melhor soubesse interpretar o sentimento dos vossos professores, nesta hora de emoção e de ternura em que evocamos, comvosco, a figura doce e abnegada daquelle que nos ensinou as primeiras letras, accendendo no nosso espirito infantil a luz deslumbrante da instrucção.

Mas eu não devia negar-me a collaborar, modestamente embora, na grande festa de hoje, por menos capaz que me julgasse a desempenhar-me da incumbência com que me distinguiu dona Affonsina. E aqui me vêdes, promovido a orador, para as *duas palavras* sobre o *nosso primeiro mestre*.

* * *

Todos nós, que sabemos lêr, e somos, por isso, mais felizes que os que se debatem, tristemente, nas trevas do analphabetismo, tivemos o nosso primeiro mestre. Com elle aprendemos o ABC, começando a conhecer o valor das letras e o seu relevante papel no destino dos homens. Supportámos, sem um protesto, timidamente, a sua severidade paternal. Ouvimos, silenciosa e pacientemente, os seus conselhos. Soffremos os castigos que elle nos infligia, quando a nossa criancice travêssa se distrahia nas horas de estudo para esquecer as lições ensinadas. E quantas vezes, na inconsciencia da idade, desejámos que o nosso professor desapparecesse, afim de que ficássemos livres das suas ranzinzices! E quantas vezes o odiámos pelo que elle nos impunha em nosso proprio beneficio!

A infancia não póde avaliar os sacrificios de ordem sentimental e intellectual a que é obrigado aquelle que lhe ensina as primeiras letras. A sua missão, tão luminosamente nobre, exige esforços nem sempre devidamente compensados pela vida. Elle exhaure-se no sublime apostolado do ensino, esgotta-se no trabalho mental e na luta moral que representa a sua profissão, sem outro premio além da alegria interior que lhe causa o aproveitamento de seus alumnos. Mas não se sente infeliz por isso. Nem desanima deante dos espinhos do officio. Dos espinhos que, muitas vezes, lhe ferem a sensibilidade e o coração. Uma injustiça, uma preterição, uma calumnia.... O professor primario tem a alma lyrica da criança para acceitar tudo isso com um sorriso de doçura e de perdão. Não fosse elle um plasmador de intelligencias! Não vivesse elle entre os espiritos que desabrocham para a sciencia profana do mundo!

Ensinar é aprender. Aprender as subtilezas das almas que se fórmam, dos caracteres que nascem, dos temperamentos que começam a desenvolver-se dentro das mais complexas psychologias. Ensinar é construir o patrimonio mental da geração de amanhã, iniciando-a nos conhecimentos da vida. Ensinar é crear os motivos da victoria nas actividades humanas.

O nosso primeiro mestre nunca deve ser esquecido. Elle constitúe um monumento vivo do passado lembrando-nos, através dos annos, a inquietação permanente e a permanente esperança do nosso destino. Merece, pois, todas as nossas homenagens no dia que lhe deram para que elle fosse enaltecido e lembrado na glorificação generosa de algumas horas. Merece mais do que as festas com que se celebra o seu dia.

* * *

Minhas jovens patricias!

Falando embora como professor, como professor de algumas de vós, e em nome, tambem, de outros collegas, eu me transporto, em pensamento, ao evocar a figura symbolica do primeiro mestre, á época longinqua em que, menino ainda, ingenuo e timido, ouvia, na minha tranquilla cidade sertaneja, as lições da professora que me ensinou a ler, e cujo destino ignoro. Tive, então, os mesmos rancores que quasi todas as crianças sentem deante de uma pessôa que quer obrigál-as a aprender o mais difficil, que é o começo. Soffri os mesmos castigos de todos os meninos que não comprehendem as vantagens do sacrificio inicial de aprender. Mas, parte mais fraca, fui vencido. Submetti-me, passivamente, ao que eu considerava uma crueldade de meus paes. E acabei conhecendo as letras do alphabeto. E acabei sabendo ler. Só então pude julgar o valor de minha professora. Só então comecei, agradecido, a estimál-a.

Aprendi, depois, com outros professores, tudo o que ainda ignorava. Tambem a vida — mestra de todos nós — me ensinou as pequenas e grandes variações de seu saber. Deixei de ser ingenuo, para estudar o mundo e os homens. Para estudál-os e comprehendêl-os, o que é bem mais difficil do que estudar e comprehender as primeiras letras.

Por isso é que a mão invisivel do tempo não me poupa a angústia dos cabellos brancos que eu descubro, sem querer, na minha cabeça de ex-alumno.

Criança grande, não esqueço a professora que foi o meu primeiro mestre, e a quem devo o prazer infinito de poder falar-vos agora e de poder ensinar-vos um pouco do que sei".

ENCONTRO INESPERADO

NO seu elegante *boudoir*, em frente ao *psyché*, Martha fazia rapidamente a sua *maquillage*.

Extremamente linda, Martha, galante figurinha dos salões da capital, era muito procurada e festejada. O encanto do sorriso malicioso, a subtileza quasi infantil do espirito irrequieto e culto faziam-na sempre admirada, e onde quer que estivesse a sua palestra, cheia de *charme*, prendia pela jovialidade.

Nesse momento, acabava ella de fazer aquillo que, para a sua cabecinha futil, era uma das cousas mais necessarias á sua vida frivola de boneca elegante...

Ia sahir. Sobre os cabellos castanhos dourados, penteados pelo melhor *coiffeur* da cidade, já estava collocada a boina minuscula, quasi inexistente. Vestia um elegante costume de *drap* que lhe moldava o corpo esguio e perfeito.

Dando os ultimos retoques na *toilette*, Martha tomou as luvas e, descendo ligeira a escadaria do *hall*, saltou para o carro, e, pondo a machina em movimento, rumou para a Cinelandia, onde pretendia assistir a um dos films ultra-modernos do irresistivel Maurice Chevalier.

Ao entrar no cinema, o film estava em meio. Seguindo a "vaga-lume", sentou-se na primeira poltrona que encontrou vaga.

Na téla as scenas de amôr desenrolavam-se quentes e sensuaes, pondo *frissons* de velludo na epiderme sensivel das mulheres.

— Querida, você por aqui?

Aquellas palavras pronunciadas em surdina, quasi ao ouvido, fizeram a joven estremecer.

Voltando-se rapidamente para o importuno, que tão familiarmente a interpellava, Martha empallideceu ligeiramente ao dar com um rapaz elegante e moreno de grandes olhos negros e brilhantes. E quasi insensivelmente repetiu a phrase delle.

— Mario! Você por aqui?

— Não me esperava encontrar, hein, Martha?

Faz tanto tempo que não nos vemos... Foi mesmo uma sorte ter entrado aqui, para o prazer deste encontro imprevisto.

— Verdadeiramente imprevisto... Quando chegou?

— Ha dias... pelo *Arcona*.

— Recebi os seus postaes, Mario. Agradeço-lhe a lembrança. Mas... em vista do que se passou entre nós, teria sido melhor que não m'os tivesse enviado.

— Porque, Martha? Então uma lembrança de amigo não lhe dá prazer?

— Sendo sua a lembrança, não. Desculpe-me. Mas... você não é meu amigo, nem eu o considero assim. Além disso, para que reatar laços que hoje a sociedade julgaria mal? Não sabe você que, apesar de ser muito fútil, como você dizia, soffri muito ao vêr por terra o meu sonho, e tive, no emtanto, a força sufficiente para cortar pela raiz o amôr que lhe dediquei? A prova é a indifferença com que o vejo agora. Você quebrou, com o gesto brusco do seu ciume, a porcelana finissima do meu sonho. Ficou reduzida a fragmentos tão diminutos, que é totalmente impossivel dar-lhe fórma. Mesmo que eu, e que você tambem quizesse, era impossivel. Ha entre nós a figura de Neyde, a noiva, e de Sylvio, o meu querido noivo.

— Você, noiva?

— E por que não? Como já lhe disse, apesar de sentir-me a principio desilludida com a sua ingratidão, curei-me, depois com outro amôr mais forte e mais sincero. E' bem certo quando se diz que: *amôr com amôr se cura*...

— Eu, Martha, ao contrario, guardo do nosso amôr uma lembrança, que será uma das mais deliciosas da minha vida...

— Seria bom que a esquecesse; é um verdadeiro perigo para a sua noiva — disse Martha, com um sorriso malicioso nos labios carminados. — E eu, na proxima occasião que encontrál-a, saberei previnil-a. O film está terminando e preciso deixál-o. Sylvio espera-me para o chá. Adeus. Desejo que você seja, na sua nova vida, tão feliz quanto eu o sou na minha...

E, dpeois de estender-lhe, a sorrir, a ponta dos dedos finamente enluvados, sahiu, deixando atráz de si um perfume subtil de lilás, e na retina de Mario a sua figurinha deliciosa de boneca... que sabia amar e sabia soffrer...

E Mario sentiu nalma o arrependimento de ter, num gesto de ciume, feito soffrer aquella criaturinha, soffrendo elle proprio, como agora soffria por ter perdido *for ever* a boneca adorada, a quem sinceramente havia amado e a quem elle o reconhecia, amava ainda, com a mesma intensidade de outrora.

NÓRA LISI

A esposa (ao marido, que vae descer, para afugentar um ladrão). — Toma cuidado, Heitor, não te deixes dominar pelo instincto sanguinario: basta que o faças desmaiar.

O ROMPIMENTO

QUANDO Marcus, debruçado na balaustrada de marmore do palacete de Fernando, olhos fitos no azul muito claro do céo, na ansia de perscutar o futuro, ouviu do amigo que não acreditava no amor de Arlette, num gesto impulsivo de revolta contra o seu melhor amigo, disse, indignado:

— Cala-te! Não blasphemes assim!... Arlette tem por mim a mesma paixão que eu sinto por ella!... Tú nunca foste amado verdadeiramente, por ninguem; dahi o duvidares que haja alguem capaz de se sacrificar por outro, movido apenas por esse sentimento grandioso que é o amor... Tenho a certeza do seu affecto, de que ella é capaz de sacrificios pelo nosso amor!... Cala-te, portanto, e não me offendas assim!...

— Marcus, tú és ingenuo demais. Custo mesmo a acreditar que um homem intelligente como és fale desse modo... Um collegial assim se exprimindo não causaria espanto, mas tú, meu amigo, francamente, é doloroso e triste!... Repito: és ingenuo de mais!...

Marcus, fixando novamente um ponto distante do azul muito lindo do céo, como si ali se encontrasse o objecto do seu amor, monologou, baixinho: "Arlette, minha querida, perdôa o pobre do Fernando! Elle não é máo rapaz, porem, é um infeliz; nunca teve a sorte de ser amado verdadeiramente. Dahi, o duvidar do teu amor por mim, da minha felicidade..."

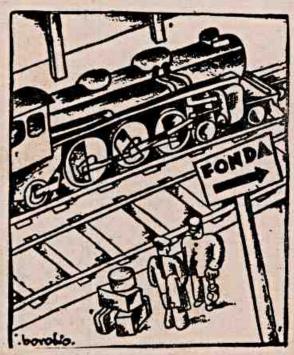
Voltando-se rapidamente, encarou Fernando, e disse-lhe:

— Tú és um infeliz ao pé de mim, que sou amado por uma mulher que é um symbolo de bondade e de carinho; tú és um infeliz, porque, com o teu pessimismo doentio, descrês de tudo e de todos...

— Marcus, tú me julgas infeliz, quando na verdade o infeliz és tú, que tens a ingenuidade de acreditar na sinceridade do amor de uma mulher, que, afinal, não passa de uma estranha, de uma desconhecida que era até então... Em que que escudas para afirmar convictamente que essa mulher te ama sinceramente e é capaz de sacrificios por seu amor? Em que? Responde-me com segurança, si és capaz... Só o affirmas porque ella o disse. Qual a prova que te deu ella para assegurares com essa certeza o que ninguem até hoje se atreveu a affirmar sem contestação?... A sinceridade feminina, em materia de amor, Marcus, já o foi amplamente analyzada e discutida desde os tempos primordiaes. As contestações ao assumpto nem chegaram a abalar os alicerces dessa verdade, hoje, incontesté... Não serás tú, com a tua paixão doentia, com o teu sentimentalismo piégas, que vaes confundir os grandes escriptores que têm tratado do assumpto com segurança, autoridade e competencia... Tú és ingenuo, Marcus, repito mais uma vez.

— Fernando, a mesma autoridade que tú tens, que tiveram todos os que negam á mulher sinceridade, em materia de amor, a mesma autoridade tenho eu, para afirmar que ha sinceridade no amor feminino, e cito como exemplo frizante e inconteste o amor de Arlette. Della tenho recebido provas definitivas da sua affeição sincera, do seu grande amor por mim. Sei que Arlette será capaz de todos os sacrificios pelo nosso amor... Affirmo-o com orgulho e plena convicção, meu caro Fernando...

— Marcus, meu velho amigo, tú és positivamente um ingenuo ou, então, de uma bôa fé commovente... Crer na sinceridade feminina!...

Dizendo estas palavras,

— O trem está atrazado de uma hora.
— Que vergonha! Para que servem os horarios?
— Pois, si não fossem os horarios, como se saberia que elle estava atrazado?

De Orlantino Loredo

Fernando levantou-se subitamente e dirigiu-se ao seu gabinete de trabalho, de onde voltou pouco depois, fumando um authentico "Cabañas y Carbajal", offerecendo outro ao amigo.

— Fuma este charuto, meu caro, e observa a fumaça como se desprende rapidamente em busca do espaço, na ansia de libertar o mais depressa possivel... Assim as mulheres... Desprendem-se dos braços que as affagam para procurar sensações novas, não se lembrando das promessas feitas... A mulher Marcus, continúa a ser uma esphinge. Ninguem as comprehende... Desgraçado daquelle que nellas confia cegamente... Inutiliza-se definitiva e irremediavelmente. Procura entre os grandes homens, os genios, e não encontrarás nenhum que se tenha dedicado inteiramente a uma mulher e muito menos confiado como tú ingenuamente confias na tua Arlette. Marcus, tenho esperança de que ainda te convencerás, um dia, da verdade que te digo, e me darás razão, confiando, então, — aliás, com grande satisfação para mim — que, de facto, sou teu amigo sincero...

— Deixa-me em paz, Fernando, si não queres que eu me zangue seriamente comtigo! Guarda para ti as tuas theorias absurdas, que eu continuarei acreditando na sinceridade do amor de Arlette.

— E's capaz de dar uma prova que possa corroborar o que affirmas?...

— Sou; e deixo á tua escolha essa prova.

— Pois bem. Tú vaes, agora mesmo, escrever-lhe uma carta, communicando-lhe que resolveste acabar com tudo, justificando a teu modo essa resolução. Verás que isso não lhe causará o menor abalo.

— Acceito. Vou escrever neste instante. Tenho a certeza do grande mal que lhe vou fazer por tua causa, mas, só assim tú te convencerás da verdade.

* * *

Na manhã seguinte, Marcus, se ergueu do leito, o creado fez-lhe entrega de uma carta recebida na vespera, á noite.

Elle conheceu logo a letra. Era de Arlette. Abriu-a soffrego. Leu-a e releu-a varias vezes. A proporção que os seus olhos corriam sobre as linhas escriptas, a sua physionomia se alterava de modo visivel. Depois de alguns minutos de estupefacção, Marcus, deixando cahir a carta, disse:

— E' inacreditavel!...

* * *

A carta que Arlette enviou a Marcus, em resposta á sua, dizia assim, num laconismo doloroso: "Marcus: — Recebi a tua carta. Não obstante ser futil o motivo que escolheste para justificar o teu gesto, eu o acceito prazeirosamente. Sinto-me feliz e toda essa felicidade eu devo a ti. Só assim eu posso dedicar-me inteiramente ao culto da minha affeição pelo Rubens, que me quer muito, muito mais do que tú... Adeus! Sê feliz... Arlette."

* * *

Marcus, finda a leitura da carta, deixou-se cahir sobre uma poltrona, dizendo:

—Fernando, como tens razão! Como és feliz e como eu sou desgraçado... Deus te conserve sempre assim, meu caro amigo!... E eu tão ingenuo que jurei pela sinceridade do amor de Arlette... e eu que garantia iria causar-lhe um grande mal... Como são insinceras as mulheres!... Como se parecem com a fumaça que se desprende dos charutos!... Arlette acceitou sem um movimento de surpreza ou mágoa o que eu fiz de combinação com Fernando!... E' inacreditavel!...

— Por que não te associas com o Martins?
— Estás louco, homem!? Esse sujeito esteve para se casar com minha mulher e não o fez. Não quero associar-me com gente mais intelligente do que eu.

A "CASA DA MAGICA" na Exposição de Chicago

UMA das maiores attracções da Exposição de Chicago, segundo o relato dos jornaes e dos turistas, é a "Casa da Magica", que se vê no Pavilhão da General Electric.

Nessa curiosissima demonstração dos progressos da electricidade, o visitante fica assombrado com o que tem occasião de conhecer. Vê-se a contribuição da electricidade no theatro na rapida mudança de vestiarios de uma *girl*, não real, mas pintada com tinta fluorescente, e que, estando vestida com uma leve *toilette* de verão, com o simples apertar de um botão se apresenta em *maillot* de banho e desapparece, com um novo gesto, ficando apenas o *maillot*...

Numa outra secção vê-se um curioso processo de fazer pipocas pela passagem de uma corrente de alta frequencia. O mesmo poder dessas bobinas de alta frequencia é provado de maneira interessante, fazendo-se derreter, sob a sua acção, um sorvete sem que nada soffra a mão humana que o segura.

As valvulas photo-electricas, popularmente conhecidas por "olhos electricos", fazem prodigios, por sua vez, contando e separando automaticamente bolas pretas e brancas, que caem num plano inclinado. Outras registram a presença da fumaça de um cigarro e accionam, immediatamente, um ventilador para afastál-a, contam as oscillações de uma lampada e traduzem, em termos luminosos, as vibrações musicaes que passam através de um feixe de luz.

Para as creanças ha uma novidade interessante: um trem de bonecos que obedece á voz humana. Anda, pára, retrocede, bastando para isso dar uma ordem deante de um pequeno microphone.

O oscillographo de raios cathodicos, a machina que produz febre artificialmente, o stroboscopio e outros apparelhos são outros tantos successos. Um pequeno orgão, do tamanho de um piano de bonecos, executa um numero musical com o volume e a riqueza de sons dos grandes organs de igreja.

E, ao fim de tantas maravilhas, a mão do "scientista — magico" que dirige a sessão, faz um gesto no ar, as portas se abrem, e a assistencia sabe que deve ceder o posto á curiosidade de novos visitantes.

— Patrão, o macaco sabio não poderá trabalhar esta noite.
— Por que?
— Porque o ventriloquo amanheceu doente.

Escriptores e livros

Afranio Peixoto — UMA MULHER COMO AS OUTRAS — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 6$

A primeira edição deste romance, em 1928, marcou o mais ruidoso successo literario nacional. Esgotaram-se dez mil exemplares, toda a edição, facto virgem no mercado de livros, em poucos dias. A critica tambem dispensou ruidosa acolhida ao romance, emprestando, porém, *um sentido* differente á obra do querido mestre, isto é, deu-lhe interpretação que não estava na intenção do autor. São coisas que acontecem.... E' sempre interessante, para um escriptor, a analyse do critico. Por vezes, descobre o alheio particularidades que nunca passaram pela cabeça do autor! Afranio Peixoto prestou a devida attenção a tudo quanto se disse sobre o seu romance, mas, julgou prudente, elle proprio, explicar ao publico as razões do livro.

"*Uma mulher como as outras* é o romance de uma curiosissima éra da historia do Brasil, pouco depois da Republica proclamada, o famoso *Encilhamento*, evocado com exatidão de historiador, dessa pequena historia anónima do povo, que é a da vida, e não o *selecionado* oficial, de presidentes, ministros, generais... de muito menor importancia.

"Outra idéa, e revolucionaria, deste livro, está, nas paginas finais, até explicita, em que se define o amor, que, tendo independencia economica, se não comprado ou vendido, é respeitado implicitamente pela Sociedade, mesmo fóra e além do casamento.

"Essa Sociedade, entretanto, difama o adulterio e a prostituição, porque fruto ou tráfico desse mesmo amor, sagrado em toda a natureza porque uma divina dádiva, sem interesse. Leis e religiões podem fazer contratos e sacramentos, précarios e frágeis, se não ha amor; duráveis e respeitados, se ha amor, e independencia, ou desinteresse de amar, mesmo sem sacramentos nem contratos... O amor roubado ou vendido é que é crime. O amor sagrado é o amor que se dá, dado sem interesse. Não póde ser imoral, se está na natureza. Portanto, assim como ha uma concepção materialista da historia, ha tambem uma pragmatica moral economica, que preexiste e vence a dogmas e codigos. *Uma mulher como as outras* não é, assim... como as outras."

Emfim, podemos dizer, um livro de Afranio quasi nunca se parece com o de outros escriptores nossos. Afranio Peixoto tem personalidade, estylo, erudição: é formidavel.

Silvio Julio — RITMOS DA ILUSÃO E DO DESENCANTO — Renascença Editora — Rio — 5$

SILVIO JULIO é dotado de um temperamento ardente, tropical. A sua palavra é fluente e a sua prosa caracteriza-se pelo ardor combativo.

Por isso, a nossa surpreza é immensa deante do poeta, que se caracteriza justamente pela doçura do sentimento, pela delicadeza das imagens, em tudo differente ao polemista destemido, revolucionario. Neste livro o autor estravasa todo o lyrismo da sua alma romantica, trazendo o leitor em constante enlevo. Ao acaso, citamos *Consolo*.

E' tão feia e dura a vida,
que só nos vale um desejo:
contar os dias que correm
com um beijo e mais outro beijo.

E já que a vida é tão rude
e a ventura breve e pouca,
deixa que eu viva com os labios
pregados á tua boca.

Porém, em *Teus olhos*, descobrimos um maior encanto.

Esses teus olhos estranhos,
de noturnos magnetismos,
são como dois finos jarros
para doidos simbolismos.

Esses teus olhos tão calmos,
cheios de morna indolência,
são como dois quietos lagos
de solidão e aparência.

Esses teus olhos serenos,
de raras lendas antigas,
são como dois meigos poetas
que cantam negras cantigas.

E esses teus olhos profundos
são como revelações
de mundos, mundos e mundos,
corações e corações.

Silvio Julio canta, pelo gosto de cantar. A sua inspiração corre suave como as aguas ribeirinhas. Tudo naturalmente. Rythmos que acariciam, despertando a cada instante novas emoções ao leitor.

Havelock Ellis — O INSTINCTO SEXUAL — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 8$

O autor, membro da Sociedade de Medicina Legal de Nova-York, é bastante conhecido pelos estudos varios, que tem publicado sobre o assumpto. Coube ao dr. Alvaro Eston traduzir para a nossa lingua este trabalho, que, na sua opinião, tem excepcional valor.

Marina Coelho Cintra — UM DRAMA DO SECULO VINTE — Aderson, edts. — Rio — 5$

DEPOIS de ter publicado tres volumes de versos, a sra. Marina Coelho Cintra ensaia o seu primeiro romance. A poesia e a prosa desta amadora das letras caracterizam-se pelo excesso de expressão verbal. A autora, sempre prolixa, desconhece o poder e a belleza da synthese. Neste romance ha abundancia de detalhes, que, por vezes, prejudicam o conjuncto, deformando a obra, obrigando o leitor a um grande esforço mental. Não fôra a intelligencia da sra. Marina Coelho Cintra, a leitura tornar-se-ia enfadonha. Afinal, quem escreve para o publico deve comprehender que existe uma téchnica moderna, arejada, clara e sonóra, unica accessivel ás massas. Os modelos antigos estão abolidos por completo no século do radio, do Zeppelin, etc... A autora tem capacidade para escrever um excellente romance. Basta adaptar-se, actualizar a sua prosa.

Assis Cintra — A REABILITAÇÃO HISTORICA DE CALABAR — Civilisação Brasileira S. A. — Rio — 3$

TRATA-SE de um pequeno estudo, com o qual o autor pretende provar que o nosso Calabar não foi traidor.

Louvavel esforço, porque, ao cabo da leitura, a gente quasi acredita que o diabo não era tão feio como o pintaram. Afinal, essa historia de traição repousa no ponto de vista em que é collocada a questão. Calabar não foi traidor. Foi um patriota? Tanto melhor. Menos um na face da terra, ou melhor, nas paginas da nossa historia.

Mario Vilalva — POEMAS DE HONTEM E DE HOJE — Eds. Pongetti — Rio — 1933

DEPOIS de um excellente ensaio sobre Fagundes Varella, que tivémos o prazer de applaudir, o sr. Mario Vilalva publica o livro de versos intitulado *Poemas de hontem e de hoje*.

Mais de hoje do que de hontem, são os versos deste volume, por isso que se distinguem pelo cunho accentuado da technica moderna.

Afigura-se-nos que as melhores composições do livro são as denominadas *A bailarina* e *S. João*. Reproduzimos a ultima para juizo do leitor.

Dentro da noite tropical
arde o estelario numa orgia astral.

Anda na rua, em algazarra, a gurisada,
a implorar, alegre, doida, esfarrapada:
Cái, cái balão
na minha mão!

Que bom ser creança,
andar á solta pelo asfalto,
seminú, sujo, descalço, mas contente,
na ingenua esperança
de que nos venha do Alto
a satisfação a um desejo tão ardente:
Cái, cái balão
na minha mão!

Oh! que vontade louca
de ser garoto, a voz já quasi rouca:
Cái, cái balão
na minha mão!

Mas queimou-se já, ha tanto, o meu lindo balão!
Perdeu-se no Infinito: Oh! a primeira illusão...

Eduardo Prado — A ILLUSÃO AMERICANA — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 6$

ESTE livro teve uma reclame formidavel, quando posto á venda em 1893. A policia paulista confiscou a edição, o que obrigou o autor a publicar uma segunda para attender aos pedidos de todos os pontos do paiz. Mas, o successo da obra não cabe inteiramente ao gesto policial.

Eduardo Prado foi das mais expressivas intelligencias de uma geração que passou, que deixou sulcos luminosos.

Este livro é o attestado do que affirmamos, não só pelo poder de visão do autor, como pela erudição que revela o escriptor paulista. Apesar do seu primitivo apparecimento datar de quarenta annos atraz, é um livro que tem o sabor da actualidade, opportuno. Isso mesmo diz Frederico Schmidt, que se encarregou do prefacio, desempenhando-se da tarefa com superior elegancia.

Menotti Del Picchia — A FILHA DO INCA — Civilização Brasileira. S. A. — Rio — 5$

TRATA-SE da 2.ª edição do romance anteriormente publicado com o titulo *Republica 3.000*. A mudança de nome explica-se.

O publico poderia tomál-o como um livro politico, aliás confusão possivel, pois o autor já foi deputado... Entretanto, estamos deante de um romance de aventuras, movimentado, de acção quasi incrivel, fructo da surprehendente imaginação do autor.

O apparecimento do livro provocou grande interesse, successo que repercutiu no estrangeiro, merecendo a honra de ser traduzido na França e Italia. Obra julgada, que dispensa a nossa apreciação.

Mozart Firmeza — POEMAS HEROICOS DA REVOLUÇÃO PAULISTA — Ed. A. Coelho Branco F.º — Rio — 4$

ESCREVE o autor na primeira pagina do volume: "Alli estão, sem uma virgula, siquer, modificada, todas as minhas *chronicas sociaes*, que, na vigencia da revolução constitucionalista, escrevi no *Diario Nacional*. Chamo-lhes *poemas heroicos*, porque não encontro expressão mais apropriada ás mesmas. Foram trabalhadas com um ligeiro colorido literario, dado seu fim jornalistico, — e, naturalmente, ás carreiras, confórme a praxe, nas redações dos periodicos... Si me resolvi a publicál-as foi por causa da grandiosidade do movimento. E, ao leitor, peço que o leve em conta, mais do que a mim."

Membro da Academia Cearense de Letras, o autor destes poemas em prosa é um espirito brilhante, vigoroso. Por isso, a leitura do livro interessa da primeira á ultima pagina.

A NOVA FELICIDADE

De OCTAVUS R. COHEN

— PENSEI muito — disse ella. — Embora existam todas as razões, para que sejamos felizes... apesar de já termos estado profundamente apaixonados um pelo outro.... isto não póde continuar. E decidi que nos devemos separar....

Elle cravou obstinadamente os olhos num ponto do pequeno salão, ficando algum tempo silencioso.

— Surprehende-te a minha decisão?

Elle lutou para conservar a calma, para occultar a immensa dôr que lhe causavam as suas palavras.

— Sim; surprehende-me — disse, afinal.

— E nada tens a dizer?

Apenas que estarei sempre de accôrdo comtigo para fazer tudo quanto fôr para a tua felicidade.

— Claro! — disse ella, ironicamente — Já que não me queres mais!

Uma onda de sangue aflorou ao rosto do homem, que hesitou um instante antes de responder:

— Não é agora a occasião de discutirmos este ponto, Helena.

Accendeu um cigarro, procurando occultar o tremor das mãos.

— Quando pensas realizar o teu proposito?

Ella percorreu com o olhar os moveis familiares e depois fitou o companheiro:

— Não quero ferir os teus sentimentos, Raul, e asseguro-te que nem um outro homem terá o meu amôr. Tens que desempenhar ainda por um anno o cargo de intendente desta cidade e comprehendo que seria muito desagradavel para ti que nossa separação tivesse logar por emquanto. Esperarei, pois, até que te retires a vida privada.

Um longo silencio.

— Pensaste bem? — perguntou elle.

— Pensei durante mezes e mezes. Sem ter em conta a felicidade que foi nossa a principio, tua carreira politica arruinou a nossa vida intima. Sou apenas a esposa do intendente de uma grande cidade. Nossas relações tornaram-se quasi impessoaes.

Não sou velha.... Possúo talvez alguns attractivos....

— E's formosa — atalhou elle, gravemente.

— Gosto de viver a minha vida. Estou farta de não ser nada, de ser considerada apenas por tua causa. Quero a minha liberdade!

— Poderás têl-a immediatamente.

— Prefiro esperar.

A custo os labios delle esboçaram um sorriso.

— Agradeço-te infinitamente este anno de graça.

— Levantou-se. Deixou o aposento. Não podia continuar a vêl-a e evitar que seus pensamentos evocassem o passado alegre e feliz... quando tão ternamente se amavam....

Nunca suspeitára até então o seu fracasso de esposo. Em tudo a sorte sempre lhe sorrira.

Ainda recentemente lhe haviam suggerido que a sua popularidade significava uma bôa perspectiva de apresentar sua candidatura como senador.

Seduziu-lhe a idéa. Mas agora....

Um mez depois era novamente procurado: si acceitasse o partido apresentado, era certa a eleição.

— Não quero ser senador — mentiu elle.

— Mas não póde recusar!

— Sinto muito — e agora dizendo a verdade. — Tenho necessidade de recolher-me á vida privada.

Era uma coisa estranha: o seu ultimo anno com Helena. Parecia descobrir agora na esposa um encanto ao qual até então parecêra indifferente. Começou a evitar as reuniões publicas e quasi todas as noites ficavam os dois no pequeno salão a discutir sobre livros ou musica.... E cada dia se convencia mais que agira como um louco.

Não falou a Helena sobre a candidatura.

Sem ella, seria uma honra inútil. Depois, não podia acceitar; o seu divorcio ia ser um escandalo.

A conducta de Helena era amistosa, mas entre elles havia sempre a barreira por elle erguida.

Um mez justo, antes das eleições primarias, a junta do partido foi, incorporada, á casa de Raul, insistir para que este acceitasse a candidatura.

— Não — disse elle; — a politica não me fez feliz.

Insistiram.

— A razão da minha recusa — disse, por fim — póde parecer ridicula: é minha esposa quem não quer.

Naquella noite, depois do jantar, Helena e Raul reuniram-se no pequeno salão. E, após um silencio, a voz de Helena se fez ouvir, infinitamente doce:

— O presidente do partido falou-me esta tarde, Raul.

— Não tinha direito a isto e não foi autorizado por mim!

— Bem o sei — disse a moça, brincando nervosamente com o lenço de renda. — Quero que saibas que aprecio muito a tua attitude. Mas deves acceitar a candidatura.

(Cont. na pag. seguinte)

— Estou cansado da vida publica.

— Não é verdade. Recusas para agir bem commigo. Acceita!

— E a nossa separação?

— Não se fará. Pensei que o comprehenderias...

Ao enguer-se, elle estava muito pállido. E com voz dura retorquiu:

— Não me trates qual

A NOVA FELICIDADE

(Continuação)

um criança, Helena. Deus sabe o quanto esta situação é difficil para mim.

Mas terás a tua liberdade. Surprehende-me o teu espirito de sacrificio... que não acceito.

Ella ergueu-se tambem, fitando o marido:

— Por que?

— Para que uma explicação?

Como Helena, porém, continuasse a fitál-o, numa interrogação, Raul não se poude mais conter:

— Por que? Porque ete amo e, porque só no momento de perdêl-o, vi o quanto era grande o meu amôr. E agora não quero que continues a torturar-me!

Ia deixar o aposento, quando uma voz vibrante o deteve:

CONDEMNADA

ELISE DUCHAMIER não tinha outro remedio sinão sujeitar-se áquella vida, de camareira de artista, obrigada a ir todas as noites attender á indumentaria e aos caprichos de Lolette, a "vedette" do theatro de Brunel, o empresario que fazia artistas. E Elise lá se ia, todas as noites, deixando a sua irmã Marthe, uma entrevada de ha dois annos. Felizmente, para ellas, o dr. Lucien La Pierre, que as estimava, lá ia todos os dias tratar de Marthe e.... renovar os seus protestos de amor a Elise, pedindo-lhe acceitasse a proposta de casamento que lhe fazia.

Entretanto, Elise não a acceitava, pela simples razão de já lhe não pertencer seu coração.

O joven capitão Tom Hendrick, do exército americano, de passagem por Paris, frequentava o theatro e o camarim de Lolette, e foi lá que encontrou Elise. Bem depressa os dois se sentiram attrahidos um para o outro, havendo agora apenas uma nuvem que lhes ennegrecia o céo da felicidade em que viviam: Tom tinha de voltar para a America. Havia ainda outra nuvem: a propria Lolette, que apaixonada pelo joven capitão, já descobrira que existia qualquer coisa entre elles.

Era Lolette muito voluntariosa e mais uma vez dava disso demonstrações, naquella noite em que o empresario Brunet offerecia a festa aos seus artistas — uma festa que criára fama e se repetia todos os annos. Era um "bal-masqué", em que todos tinham de usar a sua máscara, sem poder tirál-a sinão quando Brunel mandasse. E Lolette, que vira Tom tomar a cara de um urso, sem vêr que o ordenança delle escolhêra uma igual, achando-se em um camarote com elle, não quiz attender á promessa que fizéra, de apparecer em um bailado especial, creação daquella noite.

Mas Elise, que já por duas vezes desaviéra com ella, naquella noite foi despedida. E' que Tom, emquanto o seu ordenança sustentava a luta amorosa com a "divette" que toda Paris adorava, tinha ido para o camarim da artista, onde Elise e elle festajaram o encontro, e Elise dançou para elle, para que visse que em nada ficava devendo á dançarina. E Lolette chegára, furiosa, despedindo-a.

Vendo-se despedida, e sabendo que Lolette se recusava á dança promettida, ella então se paramentára, surgira no palco, dando signal á orchestra para começar o passo de baile que ella executou, emquanto todos estavam convencidos de que atraz daquella máscara estava Lolette. E, á voz de "abaixo as mascaras!", enorme foi a surpreza de todos ao sentirem a revelação daquella nova artista. E Brunel comprehendeu que estava ali um novo partido a tirar.

Naquella noite, Tom foi levar Elise até a porta da sua casa, da pequena casa em que ella morava em Montmartre. O dr. Lucien lá estava. Tinha acabado de ir vêr Marthe, que não estava passando bem. E elle, sem ser visto, ouviu que os dois se despediam e que se amavam, sabendo então que Tom embarcaria no dia seguinte para a America. Então, quando Elise subiu e Tom se foi, elle procurou o porteiro para lhe dar ordens positivas, que foram acompanhadas

A NOVA FELICIDADE

(Conclusão)

— Raul! Um momento, por favor!

— Que queres?

— Não estabeleceria alguma differença o facto de saberes que fui eu quem disse á commissão eleitora que te entrevistasse?

— Não devias tel-o feito.

— Devia, sim.

E Helena, deixando-se vencer pelo coração, mostrou-se naquelle instante a mulher fraca e perdidamente apaixonada:

— Como pódes estar tão cego, Raul? Queria que acceitasses porque isto seria para mim um pretexto para continuar ao teu lado... conservando a nova felicidade que nasceu entre nós. Era a minha maneira de dizer que queria ficar comtigo...

Isto alterará a tua decisão?

Helena viu que elle percorria a peça com passos rapidos, ansiosos.

E, embora não lhe ouvisse resposta alguma, sorriu.

Tudo quanto queria havia conseguido: a impressão dos braços de Raul que a estreitavam apaixonadamente.

De A. Lavanier

de alguns bilhetes de banco... E, por isso, nem as cartas de Elise iriam para a America, nem as de Tom chegariam ás mãos della.

Em vão, portanto, esperou ella as cartas daquelle que lhe jurára escrever todos os dias e voltar. E, como Brunel a cumulasse de offertas, para que se tornasse uma *estrella* do seu theatro, acabou acquiescendo. A razão mais forte que a levára a isso, entretanto, fôra que, chegando um dia muito cançada em casa, o dr. Lucien que a examinára, e que não cessava de perseguil-a com as suas propostas de casamento, acabava de lhe dictar a pena a que estava ella sujeita, pela natureza... Não teria mais que um anno de vida! E, já que lhe restava apenas um anno de vida, e não tinha noticias de Tom, acceitava.

Pouco tempo depois, toda a imprensa se occupava do êxito immenso que estava alcançando no novo passo de dança, — "Vagalume", a artista nova lançada por Brunel. E Lolette, em seu camarim, amarrotava aquelles jornaes que lhe traziam a noticia de sua derrota.

Uma noite surgiu-lhe o capitão Tom Hendricks. Ella se lançou em seus braços. Era uma compensação, si elle voltava. Mas — ai decepção! — Tom pergunta por Elise, de quem não tinha noticias, e então Lolette, não só lhe contou o que se passára, mas ainda envenenou a coisa, dizendo que Elise tambem a substituira junto a Brunel... E si queria uma prova, poderiam ir ao "Cabaret Grotesque"...

Lá foram ter, de facto, e Tom constatou a presença de Elise, em uma mesa com Brunel, com o dr. Lucien, e outros. Vendo-o, ella deixou todos e correu para elle, que a afastou um pouco, mirando-lhes o collo e os pulsos cheios de joias... E repelliu-a, tanto que ella, immediatamente, tratou de se retirar, com Brunel, que levou para casa. Foi o dr. Lucien que viu tudo isso com tristeza. Elle, que amava verdadeiramente a moça, approximou-se de Tom, para lhe contar toda a verdade, promptificando-se a acompanhál-o á casa de Brunel, para onde sabia que ella tinha ido.

Entretanto, bom é que se saiba que Marthe melhorára consideravelmente, a ponto de poder levantar-se. Ella, que adorava a irmã, se resolvêra tambem procurál-a, de modo que chegaram todos ao mesmo tempo naquella casa onde Brunel, aproveitando-se de estar a moça só, enganando-a que esperava outros, a quizéra forçar a um beijo e quiçá a mais alguma coisa. Quando ella se debatia nos braços delle, surgiu Tom, que *limpou* o caminho em frente com alguns murros applicados no criado. Mas Elise, ao se lembrar do que elle praticára no *cabaret*, quiz repellil-o.

Mas, acceitou as explicações que o dr. Lucien, contristado, lhe dava, já que se utilizára do expediente de dizer que ella teria apenas um anno de vida para que ella acceitasse o seu pedido de casamento, e tambem porque fizéra interceptar as cartas que ambos escreviam...

Poucos dias depois no *deck* de um grande vapor que partia para America do Norte, ia o casal feliz...

— Sempre passando por ridiculo! Quando a baroneza te perguntou si apreciavas Boticelli, respondeste que gostavas mais de anisette. Não sabes que Boticelli não é licôr, e sim marca de queijo?

Os segredos da Torre Eiffel

(Continuação do numero anterior)

Lá existe um verdadeiro mausoléu: um quarto redondo, onde o genial constructor da Torre amava repousar, contemplando o mundo do alto de sua *Obra-prima*. Desde a morte de *Eiffel*, ninguem mais póde entrar no *Sacrario* mobiliado ainda no placido estylo de 1838.

Somente Papoul vae diariamente tirar o pó das reliquias e mostrar aos privilegiados o lugar onde o mestre amava descançar, onde tinha os seus desenhos e onde ainda se podem ver os chinelos que elle calçava naquelle refugio celeste. No ultimo andar, a torre oscilla constantemente e nos dias de muito vento chega a desviar de 8 a 10 metros de sua posição habitual. Lá tambem a Torre Eiffel via desenrolarem-se acontecimentos estranhos e de grande dramaticidade. Conta Papoul que certo rapaz, querendo experimentar um modelo novo de paraquedas, antes de se atirar no espaço, pediu, sem preambulos, a um espectador desconhecido:

Tenha a bondade de entregar esta carta á minha mulher, caso eu morra.

E pulou. Poucos minutos depois, um carro da Assistencia levava o cadaver esphacelado do infeliz!

O espectador desconhecido cumpriu devotamente a sua missão, levando por sua vez a macabra noticia á mulher do morto. Esta desmaiou, acordando em seguida para dizer, entre soluços, ao mensageiro:

A cartomante disse-me que eu me casaria com a pessôa que me viésse trazer a noticia da morte de meu marido.

Effectivamente, alguns mezes depois casavam o *espectador desconhecido* e a interessante viuva... Parece que foram felizes; mas nem sempre acabam bem as aventuras que se iniciam nas plataformas da Torre.

Papoul assistiu impotente a tragedias de ciumes que acabaram em golpes de navalha e tiros de revolver. *Rendez-vous* de amôr, findaram em dramas atrozes, que fizeram certamente vibrar de angustia as arterias de aço que encerraram alguns instantes as pobres creaturas desvairadas.

Conta-nos sempre Papoul que, de alguns annos para cá, um curioso individuo, alto, malencarado e pallido, sóbe diariamente até a ultima plataforma, encosta-se ao balaustre e lá fica olhando durante horas perdidas, como si estivesse a bordo de uma nave fantastica sobre um oceano de nuvens.

Aquelle homem, um dia, quiz suicidar-se e já via o seu corpo cahir no vacuo e se esmagar no chão após se haver esphacelado de

Os segredos da Torre Eiffel

(Conclusão)

encontro ás traves de aço... A coragem, porém, faltou-lhe.

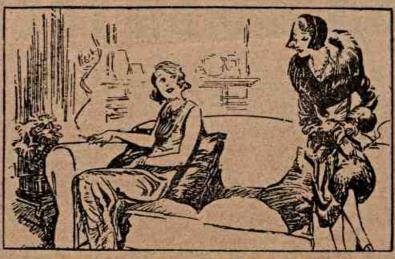
Viu as casas em baixo; os canteiros floridos do Campo de Marte; o Sena, delgado como uma fita de prata illuminada pelo sol... E aquelle magnifico desenho, como si fôra um tapete das *Mil e Uma noites* estendido sob os seus pés, inspirou-lhe, de subito um respeito pelas obras do homem, feito á imagem de Deus, e não ousou manchál-o com o sangue vil de um ser covarde que deserta das lutas da vida. Desde então o mysterioso individuo sobe todos os dias até o andar mais alto da Torre, para contemplar o maravilhoso espectaculo que lhe restituira a coragem de viver.

Certa tarde, um gatuno, que havia roubado uma carteira no *Boulevard*, trepou com habilidade simiesca pelas traves de aço, além da primeira plataforma. Os agentes, em baixo, esperavam pacientemente que, cançado elle se jogasse do seu abrigo sobre o chão onde chegaria, vivo ou morto, para seguir para o *xilindró*. O pobre homem resistiu assim, agarrado a uma saliencia da torre, durante 48 horas, quando emfim a fome o desalojou.

Tentou misturar-se aos visitantes e correu em busca da escada em espiral que liga as plataformas umas ás outras. Mas foi infeliz: Querendo escapulir-se entre duas traves, foi esmagado pelo ascensor. O trafego ficou interrompido até o dia seguinte.

Foi uma das scenas mais impressionantes a que assistiu Papaul.

Tem havido gente que, por enfado das cousas normaes, inventa fazer apostas extravagantes, como a de executar a volta da torre na altura da primeira e da segunda plataforma exterior caminhando sobre as mãos. Quantos cahiram, ninguem sabe; nem o proprio Papoul. Mas a policia interveiu, prohibindo taes abusos, como prohibiu os duellos nas plataformas interiores da Torre. Houve um louco, certa vez, que se jogou lá de cima, munido de duas immensas azas de papelão, convencido de que iria vôar em linha recta até a collina do Sagrado Coração de Jesus... Mas o acontecimento mais curioso foi a descoberta de um magnifico gato branco, com um olho verde e o outro preto, que conseguiu trepar até o cume mais alto da Torre. Ninguem atina como poude chegar até lá, e nunca ninguem o saberá; mas, como premio do seu *record*, este heróe de quatro patas foi elevado á dignidade de ser baptizado o "*Gato de honra*" da Torre Eiffel"!

Itala Gomes Vaz de Carvalho.

— A Helena divorciou-se. Imagina que ella descobriu que o marido comprára um annel de brilhantes para a sua mão direita.
— Mas isso não é razão para divorcio!
— Mas a mão direita delle é a secretaria...

O ERRO DA FATALIDADE

A janella aberta para o céo estrellado, parecia um quadro sem limites, sobre o qual se desenhassem as silhuetas dos dois velhos amigos, conversando na quietude daquella noite primaveril.

Elles passavam os dias um ao lado do outro, sentando-se diariamente, no mesmo banco, ora procurando o calor agradavel do sol, ora a sombra refrigerante do muro, ou das arvores da avenida. E assim as horas transcorriam identicas para os dois, que frequentemente falavam de seu passado e impressões actuaes.

— O erro, o equivoco presidem, sempre, ao rodar da vida. O que hoje é certissimo fundamental, amanhã é o contrario... Só a fatalidade é infallivel e perenne. Só a fatalidade não cessa nem se engana — exclamou Domenico, sentenciosamente.

— Não — respondeu em sua replica o velho Claudio. A fatalidade tambem se engana, *como as outras.*

O primeiro voltou o rosto para seu amigo, olhando-o com um pouco de lástima e desdem, mas sem assombrar-se, porque achava natural que o velho, em sua idade, divagasse um pouco.

Claudio extendeu os braços, fracos e nervosos, e cingiu os joelhos com seus dedos esqueleticos.

Ha coisas irreparaveis — murmurou. — Sim, ha coisas que não se reparam.

— Ora! — disse, com a mesma calma, Domenico, levantando os olhos, que se moviam entre ralas pestanas.

E pensou que bem podia ser como dizia o seu amigo ou que este falava assim porque não tinha outro assumpto para thema de sua palestra.

— Eu fui noivo de Bernardina em minha mocidade — disse Claudio. — Apenas o recordo. No emtanto, o outro dia me encontrei na rua com uma rapariga que se parecia muito com ella, e, ao vêl-a julguei estar vendo a propria Bernardina, e evoquei, em todos os seus detalhes, esses acontecimentos esquecidos quasi com o correr dos annos. Casei-me com Bernardina, tendo dois mezes antes descarregado contra seu pae um tiro de espingarda no craneo.

Domenico receiou que seu companheiro estivesse a deliberar, ou que, inesperadamente, houvesse enlouquecido, e olhou em redor de si com um pouco de pavor, pois estava só com elle naquella isolada habitação.

— Claudio, estás sonhando, ou então, que tens, para falar assim? — perguntou-lhe, um pouco mais tranquillo.

— Não, não! — respondeu Claudio. — Estou bem desperto, e revisto minha memória, nestes momentos fidelissima. Pois bem. Casei-me com a filha depois de ter alojado uma bala na cabeça do velho. E note-se que a filha adorava o pae e o respeitava de todo o coração.

— Ha muito tempo que isso se passou, não é verdade? — disse Domenico, tranquillizado e transformado em ouvinte atento, como um menino a quem se narra um conto.

— Ha tanto tempo, que me parece falar de assumptos que se referem a um estranho, e não a mim mesmo. Como si tudo aquillo apenas se houvesse passado *deante de mim.*

O ancião repetiu a phrase final como si procurasse as suas recordações e a ordenação das mesmas. E, com a linguagem cansada de sempre, disse a seu amigo:

— O velho Barbeau era, alternadamente, bom e mão. A's vezes era ruim, e ás vezes tinha, tambem, as suas coisas bôas. Não queria consentir no meu casamento com sua filha, porque, segundo elle, eu era pouco menos que ninguem... De facto, eu não dava para nada de importancia. E não sabia fazer outra coisa além de namorar a pequena e dizer-lhe galanteios. Agora é preciso convir que, como todos os que fazem uma só coisa, eu o fazia bem e, por isso, tinha a menina louquinha por minha pessôa... E eu tambem gostava della. Não era, pois, justo, ter-me em conceito de inservivel, uma vez que por Bernardina eu seria capaz de arrazar o mundo inteiro... Bem. Afinal de contas, faz tanto tempo que isso se passou... Ella envelheceu, coitada! Morreu, foi sepultada e nunca soube desse facto. Mas escuta-me, Domenico. Estás disposto a ouvir-me?

— Sim, homem, sim! — respondeu o amigo. — Continúa a tua historia.

E Domenico, approximou-se do outro, interessado na narrativa.

— Como te dizia, o velho não me podia vêr nem em pintura. Todo o mundo entre nossas amizades procurou vencer aquella opposição e convencêl-o de que devia acceder ao nosso noivado, uma vez que a moça era doida por mim. A tudo, porém, fazia ouvidos de mercador, e não conseguiamos nada favoravel a nós. Por minha vez, não me atrevia a apresentar-me deante delle, pois devo lembrar que era um homem de vasta estatura, muitissima força e um pouco bruto quando se encolerizava.

"Um dia, já desesperado de vêr passar o tempo sem que nada se adeantasse em favor do nosso amoroso plano, e de accôrdo com minha namorada, resolvi apparecer ante a enorme presença do velho, a quem as primeiras palavras, ditas em tom respeitoso, e quasi tratando-o por pae e senhor meu, indignaram ferozmente. E, violento, terrivel, elle me ergueu nos braços e me atirou fóra da porta, emquanto Bernardina se escondia, chorosa, no mais sombrio recanto da cozinha.

"Sahi á rua apalpando-me os quebrantados ossos, e, logo que havia recobrado o uso da razão.

De Henri Barbusse

disse furioso, deante daquella humilhação suprema, que me enchêra de vergonha — disse a mim mesmo:

" — Olha, Claudio, é preciso que te vingues! E' preciso achar, quanto antes, um meio de acabar com esse velho!

"Que me importava a vida, si o que constituia para mim o seu maior encanto aquelle bandido, peor que todos os demonios, destroçava? Tentar convencêl-o era expôr-me a uma humilhação como a que já havia soffrido e da qual teve conhecimento, sem demora, toda a povoação. E eu não queria soffrer outra igual. Era-me mais facil e mais simples appellar para um tiro... mandando o velho, como embaixador, para o outro mundo... De maneira que preparei a espingarda, mettendo-lhe dois cartuchos de bala... E, ao cahir da noite, fui postar-me á beira do caminho, por onde o meu inimigo devia passar, de volta da aldeia de Briquet, com destino á sua casa.

"Pouco tempo esperei, com a arma apontada, prompta para o disparo fatal. Em breve, vi aproximar-se um pequeno carro. O coração bateu-me apressado... Era o pae de Bernardina. Lembrei-me, então, que o velho regressava sózinho áquella noite o que facilitava e simplificava meu proposito e me promettia impunidade, embora eu não contasse com ella.

"O cavallinho marchava a passo. O cochezinho passou ante os meus olhos, quasi a roçar-me no nariz, e eu vi, perfeitamente, claramente, a silhueta do velho curvada para a frente, seu grande corpo macisso e odioso, sua espessa barba, como a silhueta de um rei negro. E, ao vêr deante do cano de minha espingarda aquelle que me havia atirado contra as portas de sua casa, senti que uma raiva cega me invadiu... Apertei o gatilho, soou a detonação e vi deante de mim um como que leque de chispas e o gigante dobrar-se sobre a garupa do cavallo, que, espantado, arrancou a galope, em direcção a um chalet proximo a cuja porta se deteve.

"Ladraram, furiosos, os cães da vizinhança, e eu, louco, desorientado, me lancei a rumo contrario, sem destino, fugindo de mim mesmo, saltando grottas e valladós, correndo sem cessar durante não sei quanto tempo.

"Afinal, meio exhausto, me detive e preparei novamente a espingarda para acabar dando um tiro em mim proprio... Pouco a pouco, a calma foi pondo em ordem as minhas idéas e permittindo-me reconhecer o logar onde me encontrava... vendo-me surprehendido com o facto inexplicavel de, na minha maldita carreira ter ido dar ás proximidades da casa de Bernardina, em cuja janella illuminada pela luz da sala se desenhava a figura gulante da minha adorada.

"Aproximei-me da casa, deslisando cautelosamente, como um ladrão, ao longo do muro, até chegar sob a varanda onde, com a vista fixa nas estrellas, estava apoiada Bernardina, pállida e formosa como um anjo... Ella me viu, e, sorrindo-me, extendeu as mãos para mim, seu rosto illuminou-se e, batendo palmas, exclamou, alvoroçada:

" — E' o céu que te traz aqui! Tenho uma bôa noticia para dar-te! Meu pae consente em nossas relações e já não faz opposição ao nosso casamento. Viu-me chorar, e, comprehendendo o quanto te quero e o quanto soffro, me deu o sim e ainda o fez com alegria, ao partir para Briquet... Vês que felicidade, que grande felicidade para nós?

"Não pude conter um grito, ficando como que estatelado, como imbecil. Sem saber como, retrocedi, afastando-me daquelles olhos tão lindos, daquella mulher unica para mim, daquella mulher que me chamava sem saber o que se passava commigo, e de novo escapei em carreira desesperada, crispando-se-me as mãos sobre a espingarda, unico thesouro que restava no mundo, e assim cheguei á minha casa guiado melhor pelo instincto...

"Sem accender a luz, atirei-me ás tontas sobre a cama, sem soltar a arma, cujo gatilho experimentei, para vêr si funccionava bem... Tão desalentado e sem forças de alma e de corpo me achava, entre a inclemencia da fatalidade, que, presa de uma lassidão indescriptivel, levei o cano á minha cabeça, e atravessado como estava, dei ao gatilho. A bala roçou-me o craneo, levando-me uma porção de cabellos, transtornando-me por completo e fazendo-me cahir ao solo, onde me julguei proximo da morte... Invadiu-me um torpôr insensivel, do qual só estava livre no dia seguinte, quando me vi cercado de gente, que me attendia ansiosamente e se interessava immenso pela minha saúde. Logo soube que não tinha gravidade o meu estado. Meu irmão mais velho, João, fallecido de velhice, ha annos, e que então morava perto da minha casa, me informou:

" — O velho Barbeau foi assassinado, hontem á noite, no seu carro, ao regressar de Briquet...

"Espantado, cobri o rosto com as mãos, deitando a chorar angustiosamente.

" — Foram dois salteadores, que, sabendo que o velho voltava com um bom sacco de dinheiro, o esperaram no caminho, e, á traição, o assaltaram — assim o confessaram, ao ser interrogados, no corpo de delicto — e o mutilaram horrorosamente, e o collocaram, depois, no carro e tangeram o respectivo cavallo, em direcção a este povoado. O cavallo seguiu o habitual trajecto e veiu deter-se á porta do chalet de Constantino...

"De sorte, Domenico, que eu não o matei. Tinha disparado a arma contra um cadaver... E vês como a fatalidade errou naquella noite."

A HONRA DOS MALCOLM

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

E, entregando a carta a quem de direito, continuou:

—"A' chegada de miss Brewer, tomarei outro cargo: creado de quarto e será para mim de indizivel prazer servir nos quartos 26, 27 e 28."

Estava elle a fazer estas reflexões, quando soou a sineta de entrada de novos hospedes.

Era miss Brewer que chegava.

Pela estructura imponente e andar altaneiro, parecia uma Juno, apesar da sua pequenina cabeça aristocratica com uns cabellos negros admiraveis.

Entrou altivamente no pateo, pelo braço de um sujeito já edoso e distincto, que se annunciou o barão Balliéres.

— Encommendei um quarto com sala de banho para esta senhora. Está preparado?

— Decerto, sr. barão, respondeu Holmes. Ha tres dias.

O ascensor transportou os recem-chegados ao primeiro andar. Nesse entrementes, o mordomo desappareceu, envolto no seu comprido chambre, para, uns instantes depois, reapparecer em trajos de joven creado de quarto, de bigodinho preto e retorcido. Uma cicatriz transversal lhe interessava o nariz, e tirava ao moço qualquer semelhança como mordomo.

— Estou fatigada da viagem, meu tio, disse miss Brewer para o companheiro.

"Agradeço-lhe a gentileza de ter ido esperar-me á gare, mas, realmente, necessito ficar só até á noite, para pôr-me á vontade.

— Como quizer, minha querida filha, respondeu o tio, visivelmente despeitado.

Elle despediu-se e o creado de quarto, que vinha a entrar com a mala, notou que o tio fôra esperar a sobrinha á gare. Vê-se que o homem já estava em Londres, emquanto ella se conservava em Paris.

"Então, não foi elle, e sim ella que mandou o telegramma.

Porque não assignaria o seu nome?

Não havia tempo para fazer longas reflexões. A dama chamou-o:

— Traga-me whisky do melhor que tiver e cigarros. Pergunte se trouxeram alguma carta ou qualquer recado para mim.

Dahi ha pouco, veio o policia trazer-lhe a carta do lord numa salva, e collocou o licor e os cigarros em cima de uma mesa, sem a perder de vista.

Ella abriu logo a carta e passou-a pelos olhos.

Devia conhecer o crime pelos jornaes. Mas, soubesse ou não, nada mostrou na physionomia.

A carta cahiu-lhe no regaço, e ficou a olhar na sua frente, como absorta.

O creado parecia esquecer-se de a servir. E ella, com modos asperos, disse-lhe:

— Então, *boy!* Faça alguma coisa, que isso não são modos de servir ninguem. Desejo ficar só. Previna para baixo, que eu não quero receber ninguem, seja a que pretexto fôr!

— Será servida, minha senhora!

Sherlock Holmes desappareceu. Ficou um pouco de tempo á escuta por traz da porta. Não ouvia nada. A bella miss Brewer devia ter-se deixado dormir.

Mas qual não foi o seu espanto ao ouvir de repente no 27, ruido de moveis que mudam de logar! Pouco depois eram duas vozes que começavam a dialogar.

— Tento na bola que a bella Ellen já está de conversa com alguem. Então aquella grande fadiga era simplesmente um pretexto?... Tanto se me dá; mas segredo é que ella não transmitte a outrem sem que Sherlock Holmes faça parte do jogo.

Com os movimentos elasticos e subtis de um gato, como que escorregou para dentro de um cubiculo que servia para guardar malas e outras coisas fóra de uso.

De manhã tinha elle praticado na parede um sem numero de furos por onde podia ver tudo que se passava no n. 26.

Iam servir agora.

As duas pessoas que estavam no quarto consideravam-se absolutamente sós e sem qualquer perigo de indiscreção.

O n. 28, do outro lado, era occupado por Elvira, que desfructava um tão bello somno, que dormia desde manhã cedo.

— Muito bem meu rapaz, dizia Ellen a Lovell, em tom animado, que contrastava com a voz doce e distincta de ha pouco; está bem, trabalhou como um homem! Como se passou tudo isso?

O OLHAR DO MEU AMOR

Eu guardo um lindo olhar dentro dos olhos meus...
Olhar todo piedade, olhar doçura.
Parece que foi Deus
Que fez tão santo olhar em santa creatura.

— Ah! Senhor!
O olhar do meu amor
Olhou meus olhos, hontem, com ternura...

Na historia desse olhar vae todo o meu passado...
A historia desse olhar é todo o vendo ser...
Foi elle quem me deu, quasi chorando,
Medroso e enamorado,
O minuto da calma de viver.

— Ah! Senhor!
Quando eu estiver cansado de soffrer,
Fazei que eu morra como estou: cantando...
E olhando para o olhar do meu amor!

Brigido Tinoco

— Perguntas de mais, respondeu Lovell, com o braço em volta da cintura de Ellen. Só sei uma coisa: é que Tiny estrangulou-a.

— Tiny, sozinho?... Então Elvira não o ajudou?

— Elvira? ora. Elvira! Essa, simplesmente serviu para entreter a idiota da mary, e Tiny é que fez tudo. Alem disso, só elle é que tinha a força e... razões para isso...

— Razões? Nenhum de vós outros tinha razões para o fazerem, nem recebido ordens.

Lovell teve um riso trocista.

— Ah! é isso? Fazes de ingenua? Não passas de uma idiota. Lembra-te que por muitas vezes nos disseste, que levavas muito em gosto que lord Mal...

— Caluda! Nada de pronunciar nomes. Ninguem sabe nunca se tem espiões pela prôa...

E Ellen, abrindo a porta, assomou a cabeça. Ficou descansada por ver o corredor deserto.

— Escuta o que vou dizer-te uma vez por todas, continuou ella em voz forte: não te occultarei que odiava de morte essa Mary que estrangularam. Cá tinha as minhas razões. Tinha-me roubado o amante. Henry pertencei-me antes de apaixonar-se por Mary Tamanio. Esta hypocritasinha roubou-m'o... Nunca mais o esqueci, e nunca lhe perdoei! Se não fôra ella, o lord casava commigo...

E os seus olhos chispavam faiscas de odio a esta evocação do passado. Mas Lovell amimou-lhe as faces e ella disse-lhe:

— E tu julgas que consegui os meus fins! Agora, mais que nunca, estou longe disso, sou eu que digo. Acabo de receber uma carta de Henry. Abandona-me, está tudo acabado, não quer saber de mim para nada! Entretanto, este homem tem a certeza da infelicidade da sua antiga esposa. As cartas...

Lovvel desatou a rir:

— Ah! sim, aquellas famosas cartas!... Havia ali materia para endoidecer um homem.

Ellen fez uma careta infernal e murmurou:

— Então essas cartas não eram authenticas?

— Quem te diz que não? Eram, sim!

E os dois cumplices desataram a rir de tal modo que Sherlock Holmes, no seu esconderijo teve vontade de esganal-os.

Felizmente poude conter-se, e supprimiu o mais possivel a respiração, na esperança de conhecer a verdade a respeito dessa correspondncia.

Mas enganava-se.

Ellen levantou-se e disse alto:

— Ouço mexer no teu quarto! Por acaso estará já Elvira?

Lovell foi ver e voltou:

— Estás a sonhar! Não está ninguem... Elvira ainda dorme... sotre a dita de possuir as suas perolas. Vês tu: foi a recompensa da suprema tentativa que devia fazer junto de Mary... e que fez?...

— Esta pobre Elvira é insupportavelmente tôla! disse Ellen, com ares de desprezo. Podia ficar com o bolo todo, sem dar-lhes cinco réis — e contenta-se com estas miseraveis perolas... não contando com o precalço de avarento como sei que és, te não arruinares com a compra da prenda. Emfim!

E, pegando na barba de Lovell, obrigou-o a levantar a cabeça.

— E's uma mulher terrivel! respondeu elle, com voz muito alta; adivinhas tudo. Perolas verdadeiras a Elvira? Ah! não me faças rir. E, olha que ella não desconfia que sejam falsas. Isso seria bom para a tua real garganta, e não...

Não poude concluir a phrase.

Ouviu-se um grito de raiva no quarto do lado, e Elvira, que estava escondida atraz de um reposteiro, saltou como uma furia.

Vinha desgrenhada.

Com um penteador que vestira ao saltar do leito, mostrava no rosto toda a colera, que se lhe revolvia no intimo.

— Canalha ! rugiu ella, precipitando-se sobre Lovell, de punho alçado. Ouvi tudo, infame embusteiro, maldito traidor. Vaes pagar-me tudo!

Na cegueira da sua raiva, pisou a bainha da saia e cahiu...

Foi a salvação de Lovell.

Elle desatou a fugir. Pouco dado a heroismos, procurou refugio no corredor.

Elvira, louca de raiva, foi-lhe nas pegadas e Ellen aproveitou a occasião de fechar bem as duas portas.

Depois, a tremer de medo, mas, sem poder sopear uma nervosa tentação de rir, cahiu numa cadeira, exclamando:

— Meu Deus! que será de nós, Lovell?

No seu esconderijo, Sherlock Holmes fazia a si mesmo egual pergunta. Já nada tinha ali que fazer.

Sahiu do estreito gabinete para o corredor, no momento em que Elvira tentava arrombar a porta n. 27.

Lovell chegou ao seu quarto e fechou-se por dentro, correndo a tranqueta que dava para o de Elvira.

Esta, naquelles trajos, não podia permanecer no

(Continúa na pag. seguinte)

VIRGEM SANTISSIMA

Santa Virgem do céu, Santa Maria,
Cheia de graça, mãe dos soffredores,
Entre sorrisos choras tuas dôres
Pelo mal que fazemos todo dia!

Escolhida tú foste dentre as flôres,
Nesta floresta rustica e bruvia,
A ser na terra a mãe de Deus, Maria,
E a ser no céu a mãe dos peccadores.

Si ás blasphemias, si ás pr[illegible], si aos insultos
Respondes sempre com perdões e indultos,
Si tão bôa és assim, Nossa Senhora,

Has de ter olhos que, escondendo o pranto,
Mostrem, tristonhos, que em teu peito santo
Pulsa, dorido, um coração que chóra...

ROBERTO LOBO

(Do livro, em preparo, "Cerebro e coração").

corredor. Fosse como fosse, lá entrou no seu quarto e Sherlock Holmes ouvia-a forçar, em vão, a porta de Lovell.

— Bem, murmurou o policia. E' o melhor que me podia succeder.

"Os nossos cumplices não se podem ver. Bem vae o negocio.

"Se me descuido, não tardará que o valente Lovell dispare para outras terras, e Harry ir-lhe-á nas pégadas, emquanto vigio estas damas.

"Assim, talvez eu encontre o modo de poder fazer uma visita a esse famoso Tiny. Já sei que este é o unico assassino.

"E tambem é possivel que saiba o paradeiro de Pedro, tão mysteriosamente desapparecido.

CAPITULO VII

12 P. Wü!

O senhor Lovell estava em máos lençóes. A furia do quarto vizinho continuava a fazer tal barulheira, que elle, afinal, gritou-lhe:

— Se continúas com esses despropositos não tardará por ahi Sherlock Holmes para te fazer entrar na ordem.

Elvira respondeu-lhe com uma onda de injurias.

Ultrajada no seu orgulho, Elvira perdeu todo o verniz da sua educação superficial, e a colera começava a suggerir-lhe expressões verdadeiramente ignobeis.

A algazarra ensurdecedora da sua voz em grita, atravessando o quarto de Lovell, chegou até ao de Ellen, que teve a coragem de sahir e ir bater á porta do n. 28.

Não recebendo resposta entrou.

O creado de quarto, chegando nesse momento, notou que ella trazia na mão um objecto brilhante. Reconheceu ser um revolver.

— Bravo!... pensou elle, vae chamar á ordem a regateira do chinfrim.

O comparecimento de Ellen, de revolver em punho, no quarto de Elvira, amorteceu a injurias nos labios desta.

Ficou espantada, de bócca aberta, vendo Ellen caminhar para si, de braço estendido, com a arma preparada para desfechar.

— Cala-te já, nem mais um pio! Se continúas nessa gritaria, bem vês que venho preparada para o remedio. Se te não calas, mato-te!

Toda tremula, Elvira desviou-se da porta de Lovell.

— Não tinha eu razão para dizer, que eras uma tola? Então? Insiste na teima de mais uma vez provar que não és outra coisa. Por umas miseraveis perolas falsas, estás para ahi a fazer coisas de louca varrida!

"Porque não previste isso?... Porque não pediste a tua parte do dinheiro da Lady, hein? Poderias comprar quantas perolas quizesses!

— Porque sou honesta! replicou Elvira. A partilha foi amigavel, leal, entre Lovell, Tiny e eu, que acceitei as perolas. E' verdade: eu é que fui tola em confiar em taes canalhas como são todos vocês.

— O' menina! tento com a lingua, e nada de injurias, disse Ellen, ameaçando-a com o revolver. Pensa lá o que quizeres, e como quizeres: para mim não tem valor: falar alto é que não consinto. De mais, eu vou arranjar as coisas de modo que te dêem a parte que te pertence. Se queres perolas, toma as minhas; são verdadeiras, e eu não as quero para nada.

— Obrigada, rspondeu Elvira, raivosa, não quero os teus sobejos. Estou farta de todos vocês, e sei o que me resta fazer.

— Escuta cá — e a voz de Ellen, de baixa que era, tornou-se ameaçadora — advirto-te uma coisa: se tens a desgraça de dizer uma palavra de mais, se me trahires seja no que for, és uma mulher de menos neste mundo.

Elvira não respondeu nada; e a outra, sem esperar por isso, continuou:

— Hoje mesmo, conhecerei a fundo esta historia. Limita-te pois, a fazer o que eu te disser e segundo as minhas instrucçõs.

SAUDADE

Saudade, minha mãe de olhos no alto,
Voltados para o azul da immensidade...
Meu prazer de sentir, que a quero e a exalto.
Meu affecto castissimo... Saudade...

Um volver de olhos percorrendo o asphalto.
De noite, numa esplendida cidade...
Um anseio, uma dôr, um sobresalto
E, depois... uma lágrima — Saudade;

O' minha santa azul de olhos serenos,
Olhos de amôr, suavissimos e plenos
Do fulgôr de um olhar de mãe em prece...

Enche de luz e me perfuma a sala
Canta, Saudade — a tua voz embala,
Em que, a sentir-te, minha dôr se esquece...

WALD. PINHEIRO

Elvira rangeu os dentes.

— Cautela! Cautela! Isso não são maneiras de tratar com gente. Eu sei que, assim como os outros, não tens razão de queixa. Queres que te recorde o que a dama em questão te deu, desde que lhe descobriste o passado?

— Será inutil recordar-me... Tambem eu sei que tudo aquillo tinha um unico fim: separar o lord da esposa para obrigal-o a casar comtigo. Mas elle não se deixou cahir na esparrella, e dizia a sua mulher que via claro nos vossos designios.

— Quem te disse isso?

— A propria Mary, ou antes, deu-me a entender. Eu ia vel-a, sempre que o marido andava por fóra, e bem via que elle estava cada vez mais apaixonado por ella.

E a voz de Elvira tremia, de maldade refreada. Mas Ellen não fez caso disso, e continuou, com voz brusca e imperativa:

— Tiny, onde está?

— Lovell é que póde responder-te, disse Elvira com significativo desdem.

A outra ergueu os hombros.

— Vou deixar-te, para que possas restabelecer-te. Mette-te na cama, e dorme sobre a tua raiva. Não sahirás do quarto emquanto eu assim entender.

Encaminhou-se para a porta, sahiu, fechou-a por fóra e metteu a chave na algibeira.

O creado dos quartos que vinha ao seu encontro, e ella, disse-lhe com modos sacudidos:

— Miss Elvira sente-se um pouco incommodada. A's vezes soffre de umas terriveis enxaquecas; e socegardo, passa-lhe. Tenho aqui a chave do seu quarto. Se ouvir lá barulho, não faça caso.

Dizendo isso, metteu uma moeda de ouro na mão de Sherlock, que se inclinou profundamente, agradecendo.

Da'lli a um quarto de hora, Lovelle deixava o Hotel do Globo.

Não levava muita bagagem, e foi de carruagem, com a sua unica mala, á estação de Waterloo.

Atraz da sua carruagem, uma outra levava Sherlock que dera signal a Harry.

O policia teve tempo de se disfarçar. Representava desta vez um desses "gentlemen" muito mal acabados, que passam o tempo a flanar pelas ruas e travessas immundas.

Suppoz, á justa, que Lovell não deixaria a cidade sem ver ainda os seus cumplices. A qual iria elle primeiro: ao conde ou a Tiny?

Lovell deixou a bagagem na casa de despacho e mandou bater para a estação de Victoria.

Apeou-se da carruagem, e metteu-se pelo dedalo de ruasinhas, até chegar a um local de boa apparencia onde havia uma cervejaria.

Entrou no estabelecimento, onde parecia muito conhecido. A' sua chegada, a empregada do balcão preparou a sua mistura favorita, e disse-lhe confidencialmente:

— Então, amiguinho, onde estava mettido este tempo todo?

Elle respondeu:

— Já viu o conde?

— O petiz? Ainda não. Mas elle disse que vinha hoje vel-o.

— Que tagarella? murmurou Lovell.

Parecia ter perdido todo o seu bom humor, depois da desastrosa retirada deante da colera de Elvira. Ou seria outra a causa da sua preoccupação?

Sherlock, que se introduzira na loja de bebidas, viu-o hesitar um momento, depois, dirigir-se para um cabide que occupava todo um lado da parede.

Dependurou o chapéo; esta operação tão simples levou seu tempo: pareceu resolver outra coisa e pegou no chapéo.

— Se o conde chegar — disse elle á camareira, que vá esperar-me, na ponte, que não tenho tempo de estar aqui.

E sahiu da taverna, ficando Sherlock tranquillamente sentado. Tinha avistado pelas vidraças da porta o seu discipulo Harry que por alli girava, disfarçado em moço de recados.

(Continúa na pag. seguinte)

AMANHÃ

Que milagre de acústica futura
Não ha de ouvir attonita, amanhã,
Gozando vida mais propicia e sã,
A geração de universal cultura?

Desconhecendo a archaica architectura
Da antiguidade hellénica pagã,
Milhões de fura-céos de enorme altura
Realizarão os sonhos de um titan!

Utilizando a propria natureza
Todos caminharão para a Certeza,
Já manifesta na precocidade...

Esse estado de cousas definidas
Ha de custar, porém, billiões de vidas
Arrancadas em prol da Humanidade!

GUILHERME AUGUSTO DOS ANJOS

— Bello rapaz! murmurou elle, faz o serviço tão bem como eu. Ainda lhe faltam as idéas pessoaes. Mas ellas depressa virão depois de algum tempo mais no officio.

Dirigiu-se ao cabide, e os seus penetrantes olhos descobriram, traçados a lapis na parede, estes signaes:

12. P. W. !!

Era uma inscripção mysteriosa para todos os olhos, que não fossem os de Sherlock Holmes.

Sabia que os dois pontos de admiração não passavam de um signal; significavam qualquer coisa como *attenção, seguem-nos*. Era uma convenção conhecida de todos os bandidos de Londres.

E o P. W., que queriam dizer?

— Talvez, Pedro? E' possivel, mas é necessario que eu me não deixe levar facilmente pelas minhas presumpções; muitas vezes nos entregamos a uma pista falsa, porque não tivemos a sufficiente prudencia de escolher a ponta da meada. Será melhor esperar o conde, que tem ares de um famoso cavalleiro de industria.

Sherlock apenas havia dispensado á camareira um distrahido olhar. Só havia uns poucos de freguezes na taverna, e nenhum lhe pareceu digno de attenção.

Não percebeu que um destes homens o conheceu perfeitamente, apesar do seu disfarce.

No interior da taverna, havia uma pequena contra-loja, uma casita estreita e escura, que dava para o corredor e, d'ahi para a rua.

Entre o mostrador e a armação, com as prateleiras cheias de garrafas de variadas côres, um espelho sem estanho occultava o conde, que o policial não via.

Este tinha as costas voltadas para lá. O conde fez um signal, e a camareira foi ter com elle.

— Sabes quem é aquelle homem?

— Não, senhor, não sei. Entrou atraz de Lovell e desde então, aqui se entretem. E, tu, o conheces?

O homem chegou-se ao ouvido da rapariga e disse baixinho:

— E' Sherlock Holmes.

Ella estremeceu e fixou-o com attenção.

— Que procurará elle? Algum de vocês tem que ver com o negocio Malcolm?

— Mesmo que assim fosse, cuida que t'o diriamos? De mais, eu não quero dormir neste buraco. Lovell não deixou nada para mim?

— Vi-o escrever alguma coisa na parede. O typo escutava tudo que nós diziamos.

— E' preciso afastal-o. Daqui a bocadinho, diz-lhe, não... não digas nada. Eu já arranjo isso.

A camareira voltou para o balcão; Sherlock parecia muito absorto na leitura de um jornal.

Entrou um garoto maltrapilho, arrumou-se ao balcão e disse, em voz de falsete:

— Manda-lhe dizer o conde que previna os seus amigos de que não pode vir.

— Porque não? perguntou a camareira. Onde está elle?

— Eu sei lá? Veiu ter commigo, deu-me o recado e sumiu-se. Parecia que ia tirar o pae da forca.

E o garoto sahiu.

Quasi immediatamente, Sherlock tomou o mesmo caminho, e o conde appareceu na taverna. Cumprimentou a camareira e dirigiu-se ao cabide onde estava escripta a mensagem.

Aquillo devia ser importante, porque o tal conde não se deteve alli nem um segundo. Empallideceu e os seus olhos giraram em todos os sentidos.

A letra "W" significa que elle devia ir sem demora á taverna do Walter seu conhecido, e o "P" queria dizer muita pressa.

Esta taverna era onde os artistas de todas as categorias se reuniam.

Lovell já lá estava e esperava pelo conde, alegre e folgazão, como nunca. Não estaria assim, se soubesse que ha muito Harry o seguia, sem o perder de vista nem um instante. Achava-se sentado a um canto da locanda na companhia de athletas e clowns, a quem contava as suas africas em todas as especies de exercicios extraordinarios. A camareira era muito sua affeiçoada. Os camaradas sabiam isto, de que se aproveitavam para elogial-o e assim o levarem a mandar vir as bebidas, que elles tomavam, pagas todas pelo pato enfatuado.

— E' como lhes digo, meninos, perorava elle, hoje vou partir para uma longa excursão pela França. Ganharei lá tanto dinheiro, que ha de chegar para a viagem como um lord, sempre na primeira e nos hoteis mais chics.

Um rapaz baixo e rachitico, que parecia não poder ter-se em pé, estava ao seu lado. Harry perguntou á rapariga da taverna:

— Quem é aquelle typo elegante, que está constantemente a beber vinho?

— E' um artista de trapesio, um voador; trabalha sob o pseudonymo de "Rei das Aguias".

— E, o homemsinho do lado?

— Uma rapariga que ainda não faz coisa que se veja. O senhor parece estrangeiro, não é? Ainda não conhece nenhum dos nossos amigos?

Harry, tomou uns ares ingenuos.

— Não, não conheço ninguem, mas, nada me seria tão agradavel como fazer parte da corporação. Foi por isso que fugi de casa de meus paes. Mas acho que será difficil acceitarem-me. Quando mais fosse por aprendiz. Gostaria tanto!

(*Continúa no proximo numero*)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

F O N - F O N

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Thesoureiro:
Gustavo Barroso — Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Gargon & Levindrey Rue Trenchet, 9 — France — Paris VIII Ludgate Hill. Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado .... 1$500

COMO O LEONCIO VIU QUE O BARATO SAE CARO

Comprar laminas de imitação é botar dinheiro fóra.

BARBEIE-SE DIARIAMENTE com uma Gillette legitima

Quando comparar o preço das laminas, lembre-se disto: o unico preço a tomar em consideração é o **preço por barba**. As GILLETTE são feitas com aço da mais alta qualidade, que é, naturalmente, o mais caro. Mas fazem a barba tantas vezes, que o seu custo é, afinal de contas, mais baixo que o custo real das imitações baratas. Qualquer GILLETTE legitima barbeia sem puxões ou arranhaduras. Persevere no seu uso para obter mais economia e conforto.

Gillette

GILLETTE SAFETY RAZOR CO. OF BRAZIL

Caixa Postal 1797—Rio de Janeiro

B-5